Projeto Juventude e Prevenção da Violência

Narrativas da Violência: Análise Regional

Textos de análise 3

novembro de 2010

PROJETO JUVENTUDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Realização:

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

PRONASCI

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Parceria estratégica:

Instituto Sou da Paz

SEADE Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

Ficha Institucional / Técnica

Projeto Juventude e Prevenção da Violência

O Projeto Juventude e Prevenção da Violência é o objeto do Termo de Parceria 009/2008, firmado entre o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública e com recursos do Pronasci, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Sua consecução contou com amplo leque de parcerias, com destaque para o Instituto Sou da Paz, o Ilanud Brasil e a Fundação Seade.

FICHA INSTITUCIONAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Ministro da Justiça
José Eduardo Cardozo

Secretário Executivo
Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

Secretária Nacional de Segurança Pública
Regina Maria Filomena de Luca Miki

Departamento de Políticas, Programas e Projetos
Alberto Kopittke

Diretora de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública
Isabel Seixas de Figueiredo

Departamento de Execução e Avaliação do Plano Nacional de Segurança Pública
Sidnei Borges Fidalgo

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA
Presidente do Conselho de Administração
Jésus Trindade Barreto Júnior.

Conselho de Administração: Elizabeth Leeds - Presidente de Honra / Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa / Denis Mizne / Humberto Vianna / Jacqueline Muniz / José Luiz Ratton / José Marcelo Zacchi / José Vicente Tavares dos Santos / Kátia Alves / Luciene Magalhães de Albuquerque / Luís Flávio Sapori / Renato Vieira de Souza / Sérgio Roberto de Abreu / Silvia Ramos / Wilson Batista
Secretário Geral: Renato Sérgio de Lima

Comitês de acompanhamento do termo de parceria
2009-2010: Cláudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Helder Ferreira (IPEA) / Isabel Seixas De Figueiredo (SEDH) / Marcelo Ottoni Durante, presidente (SENASP) / Paula Miraglia (ILANUD Brasil) / Reinaldo Chaves Gomes (MJ/PRONASCI) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)
2010-2011: Almir de Oliveira Junior (IPEA) / Claudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Denis Mizne (Instituto Sou da Paz) / Heloiza de Almeida Prado Botelho Egas (SDH) / Luciane Patrício Braga de Moraes, presidente (SENASP) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

Agradecimentos institucionais
Ricardo Brisolla Balestreri / Reinaldo Chaves Gomes / Ronaldo Teixeira

FICHA TÉCNICA

Supervisão geral
Renato Sérgio de Lima

Coordenação geral
Denis Mizne / Melina Riso / Paula Miraglia / Renato Sérgio de Lima

Coordenação executiva
Carolina Ricardo / Ligia Rechenberg / Marina N R Menezes / Mônica Zagallo / Samira Bueno

Administração
Hilda Mancuso / Amanda Gouvea / Fernanda Kamiyama

Equipe
Adalton Marques / Adriana Gomes de Paiva / Adriana Taets / Aico Sipriano Nogueira / Alberto Alvadia / Alberto Coutinho Rabelo / Alessandra M. Navarro / Alexandre Paiva Camargo / Aline Honorato da Silva / Aline Yamamoto / Ana Carolina Guerra Alves Pekny / Ana Maria Narducci / Ana Maura Tomesani Marques / Ana Paula Portella ferreira Gomes / André Chui de Menezes / André Paiva / Aurélio Moschin / Camila Caldeira Nunes Dias / Camilo Flamarion Barbosa dos Santos / Carlos Henrique de Lima / Clarissa Galvão Cavalcanti Borba / Clarissa Ribeiro Huguet / Claudia Charoux / Daniel Angelim / Daniel Mazzuco / Debora Cristina Carrari / Débora Sousa Lopes / Dennis Van Wanrooij / Enrico Spaggiari / Erika Soares Sallum / Francisco José Pereira de Lima / Fransergio Goulart de Oliveira Silva / Iuri Pereira Jaime / Jaqueline Soares / João Cardoso / José Ap. Severino dos Reis / José Luis Ventura Leal / Juliana Vinuto / Karina Fasson / Laura Fernanda Zacher / Leticia Nuñez Almeida / Ligia Schiavon Duarte / Lize Marchini / Luiz Antônio Brenner Guimarães / Maia Fortes / Marcio Teixeira da Silva / Marco Aurélio Martins / Marcus Goes / Maria Eunice Xavier Kallil / Marilia Ortiz / Martha Maria Jares Alves / Max Maciel Cavalcanti / Natalia Lago / Natalia Romano / Oteniel Almeida dos Santos / Patrícia Correia de Oliveira / Patricia Mercedes Henzell / Paula Regina da Silva Guerra / Paulo Eduardo Mancuso / Rebeca Zanetti de Traglia / Régia Cristina Oliveira / Regina Maria Prado Leite Erbolato / Reinaldo Chaves Gomes / Ricardo Augusto Romano Santa'anna / Ricardo Neves / Solange Gonçalves / Solange Martins / Stella Christina Schrijnemaekers / Terine Husek Coelho / Thandara Santos / Thiago Thadeu da Rocha / Tiago Rangel / Valéria Torres da Costa e Silva / Vanessa Abdo Benaderet / Vânia Regina Fontanesi / Vera Helena de Camargo / Welison da Silva Mesquita

Consultores
Alex Niche Teixeira / Beatriz Silva Cruz / Cristina Neme / Doriam Luis Borges de Melo / Guaracy Mingardi / Haydée Caruso / Ilona Szabó de Carvalho / Jander Ramon / José Luiz Ratton Jr. / Liana de Paula / Lilian Liye Konishi / Luiz Flavio Sapori / Marlene Monteiro Pereira / Maria Cristina Rocha / Melissa de Mattos Pimenta / Neide Patarra / Silvia Ramos / Sonia Nahas de Carvalho / Tânia Pinc / Túlio Kahn

Moderação dos grupos focais e redação do relatório: Melissa de Mattos Pimenta

Sumário

APRESENTAÇÃO 4
RESULTADOS DA ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS 5
Perfil dos participantes 5
Características das localidades estudadas 11
Brasilândia – São Paulo – SP 12
Jardim Ingá – Luziânia – GO 21
Unidade Residencial 1 (UR-1), Ibura, Recife – PE 29
ZAP-5, Rio Branco – AC 36
Vila Bom Jesus, Porto Alegre – RS 44
Análise comparativa 51
ANÁLISE TEMÁTICA 58
Relações de sociabilidade e segurança 58
Relações com organizadores do crime 66
Relações com a Polícia Militar 75
Motivações para o envolvimento com violência e crime 89
CONSIDERAÇÕES FINAIS 105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 106
ANEXO A 107
ANEXO B 121

Apresentação

O relatório a seguir apresenta os resultados parciais da primeira etapa de abordagem utilizando técnicas de pesquisa qualitativa, complementar à análise da associação entre juventude e exposição à violência, que integrou o Projeto Juventude e Prevenção da Violência, realizado pelo Ministério da Justiça no âmbito do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud) e o Instituto Sou da Paz. Nesta etapa, denominada "Narrativas da Violência", em vez de um panorama em ampla escala com base em estatísticas sobre a população jovem, buscou-se um enfoque regional, contemplando as cinco regiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) e, ao mesmo tempo, procurando matizar as possíveis diferenças entre elas.

Foram realizados grupos focais com adolescentes entre 15 e 17 anos e jovens de 18 a 24 anos, mães de adolescentes e jovens residentes nessas localidades e policiais militares com experiência de atuação e combate ao crime nos distritos selecionados. Para cada cidade selecionada, foram realizados seis grupos focais: dois com adolescentes de 15 a 17 anos (um composto por mulheres e outro por homens), dois com jovens de 18 a 24 anos (também um para cada sexo); um grupo de mães com filhos nessa faixa etária; e um formado por policiais militares que atuam no patrulhamento e nas operações de rua. Ao todos foram 30 grupos focais.

As cinco municipalidades selecionadas foram: Rio Branco-AC (Norte), Recife-PE (Nordeste), Luziânia-GO (Centro-Oeste), São Paulo-SP (Sudeste) e Porto Alegre-RS (Sul). Os critérios de escolha dessas localidades pautaram-se pela necessidade de garantir a variabilidade, considerando-se diferenças regionais e o tamanho dos municípios. Para a localDentro delas, foram selecionados bairros com altos índices de violência, considerados focos prioritários de atenção do Pronasci.[1]

1 A metodologia deste estudo está explicada de maneira detalhada no Anexo A deste relatório.

Resultados da análise dos grupos focais

Na primeira parte desta seção, será apresentado o perfil dos participantes dos 30 grupos focais realizados ao longo desta etapa de pesquisa. Em seguida, serão apresentados os resultados preliminares da análise comparativa geral entre os 30 grupos, dentro da temática que focava especificamente as características das localidades selecionadas para a pesquisa. Os objetivos são, em primeiro lugar, oferecer um panorama geral de cinco dos territórios de atenção do Pronasci, apontando as características que, segundo os participantes (tanto moradores como policiais militares que atuam na região), eles têm em comum (comparação máxima), bem como suas principais diferenças (comparação mínima). Em segundo lugar, serão observadas em maior detalhe as características particulares de cada localidade, atentando-se para aquilo que é próprio de cada microrregião estudada, bem como as diferenças e semelhanças entre os grupos de participantes. Finalmente, serão destacadas algumas das categorias de análise mais recorrentemente codificadas nas falas dos participantes, buscando situá-las no contexto da discussão e, por meio de trechos transcritos, oferecer uma ideia mais precisa das questões levantadas nas sessões em grupo.

Perfil dos participantes

Antes do início de cada sessão, foi aplicado um breve questionário[2] cujo objetivo era reunir dados que permitissem obter um perfil com algumas características socioeconômicas do participante, tais como grau de escolaridade, situação profissional, renda familiar, entre outras. Essas informações foram reunidas em uma base em formato SPSS e analisadas em comparação aos resultados iniciais apresentados a partir da pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas DataFolha.[3]
Considerando-se apenas os participantes dos grupos de adolescentes (14 a 17 anos) e jovens (18 a 30 anos), a presença nos grupos focais foi maior para os entrevistados do sexo masculino.

Tabela 1 – Participantes dos grupos focais, por sexo, segundo faixa etária

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
Adolescentes (14 a 17 anos)	35	31	66
Jovens (18 a 30 anos)	36	33	69
Total	**71**	**64**	**135**

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

2 Ver Anexo B.
3 Uma vez que o foco do estudo são os jovens e adolescentes, os dados sobre perfil aqui explicitados darão ênfase a esses grupos. Não foram analisados os dados fornecidos pelos policiais militares.

As principais diferenças analisadas entre os grupos foram entre gêneros, localidades e faixas etárias.

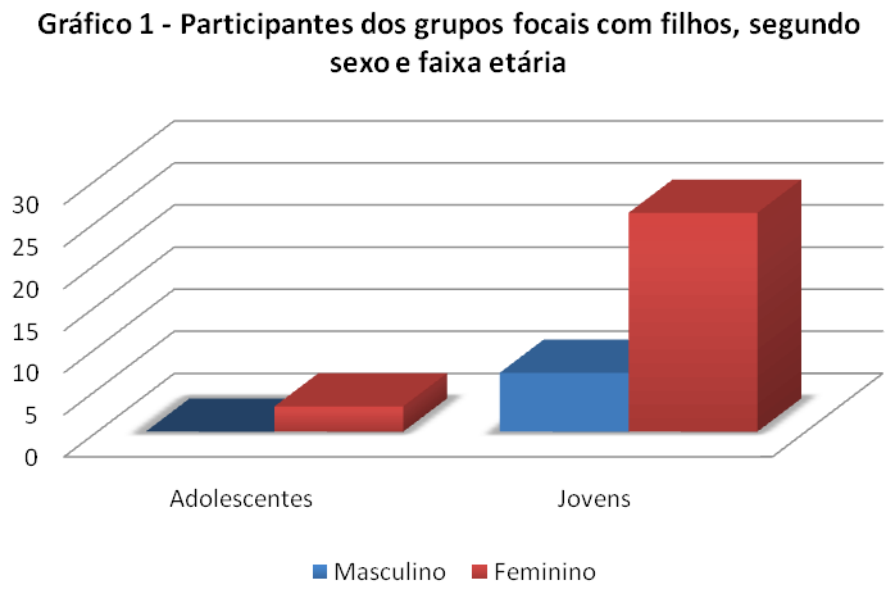
Em relação à situação familiar, entre os que declararam o estado civil, tal como observado nos primeiros resultados apresentados pelo DataFolha em relação aos 31 municípios que possuem ações do Pronasci, a maioria dos adolescentes e jovens participantes dos grupos focais era solteira. Entre os que se declararam casados ou amasiados, prevaleceram os mais velhos (grupo acima de 18 anos). É interessante observar que, nesses grupos, a proporção de mulheres que estão ou estiveram em um relacionamento estável é mais do que o dobro daquela referente aos homens.

Tabela 2 – Participantes dos grupos focais, por sexo e faixa etária, segundo estado civil

Estado civil	Homens	Mulheres	Adolescentes (14 a 17 anos)	Jovens (18 a 30 anos)
Solteiro	60	44	60	44
Casado/vive junto	7	13	5	15
Separado	1	5	0	6
Viúvo	0	1	0	1
Total	**68**	**63**	**65**	**66**

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

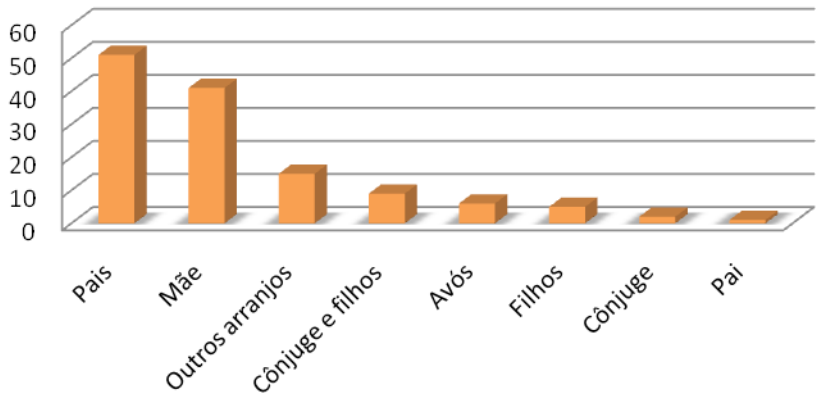
Chama atenção a diferença entre os sexos em relação a ter ou não filhos: dos 36 participantes entre 14 e 30 anos que declararam ter filhos, 29 eram mulheres.



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Entre os adolescentes e jovens, ter filhos não está relacionado, necessariamente, à união estável com um(a) companheiro(a), uma vez que, dos 36 participantes que declararam ter filhos, 14 responderam que eram solteiros, 15 estavam casados, seis eram separados e uma era viúva. Nesse grupo de participantes, o número médio de filhos é muito pequeno, raramente chegando a dois. A idade média dos filhos é de 4,8 anos. Comparando as localidades, Rio Branco e Porto Alegre apresentaram o maior número de participantes entre 14 e 30 anos com filhos: três adolescentes e seis jovens já tinham filhos, no primeiro município; e dez jovens, no segundo.
Os arranjos familiares são muito variados. A maior parte dos adolescentes e jovens, entretanto, respondeu que mora com os pais, fazendo referência ou não à presença dos irmãos. Cabe ressaltar o número significativo de participantes que moram com a mãe, independentemente da presença de irmãos. Outros arranjos incluem a presença de padrastos, madrastas, agregados e família estendida, como sobrinhos e primos.

Gráfico 2 - Participantes dos grupos focais de adolescentes e jovens, segundo com quem mora



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Em relação ao grau de escolaridade, dos 135 adolescentes e jovens, 129 declararam qual foi a última série completada com aprovação. Considerando-se a faixa etária do público-alvo da pesquisa, os resultados indicam situações de grande defasagem escolar entre esses jovens, que deveriam ter o ensino fundamental completo. Porém, 40% não haviam concluído esse nível de ensino, sendo que 7% sequer chegaram à 4ª série.
A média de anos de estudo dos 129 adolescentes e jovens que declararam a escolaridade é de 7,43. A média mais alta foi observada nos grupos realizados em São Paulo e a mais baixa, em Porto Alegre:

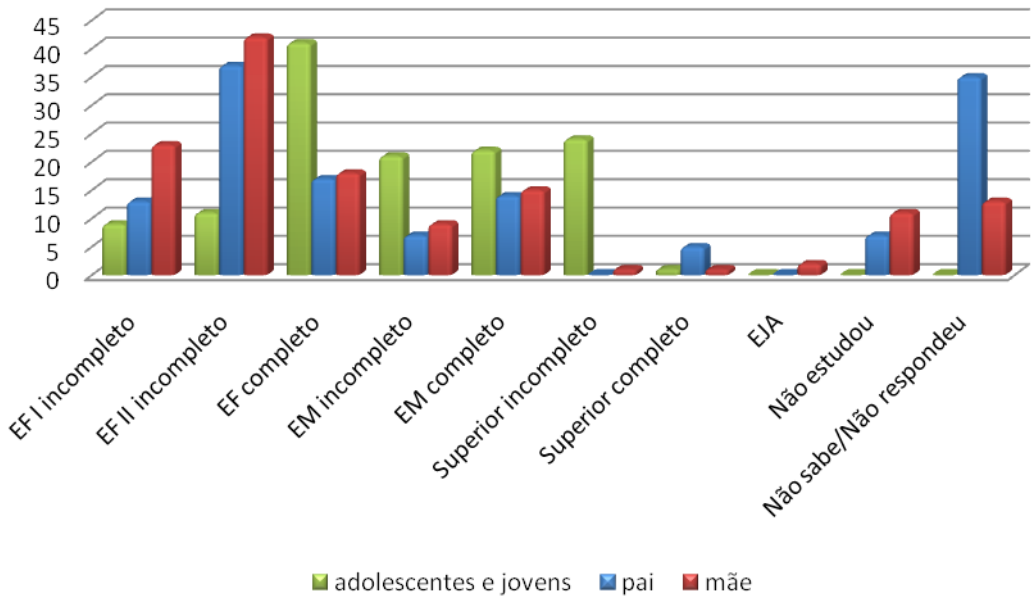
Tabela 3 –Participantes dos grupos focais de adolescentes e jovens, por média de anos de estudo, segundo localidades

Localidades	Média de anos de estudo	Participantes	Desvio-padrão
São Paulo	9,32	22	1,94
Luziânia	8,32	22	1,81
Recife	8,00	31	2,32
Rio Branco	7,22	23	3,74
Porto Alegre	5,06	31	1,67
Total	**7,43**	**129**	**2,77**

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Porém, quando questionados acerca da escolaridade dos pais, observou-se que, entre as respostas válidas (somente 75% dos respondentes sabiam essa informação), o grau de escolaridade dos participantes, embora se encontrem, em sua maioria, em situação de defasagem escolar, é maior do que o dos pais, sendo que as mães possuem escolaridade mais baixa do que os pais. Esse dado também está em consonância com os primeiros resultados obtidos pelo Instituto Datafolha, que mostraram o aumento da escolarização da população brasileira.

Gráfico 3 - Participantes dos grupos focais de adolescentes e jovens, segundo o grau de escolaridade



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A diferença de geração também pode ser observada quando são comparados os grupos realizados com adolescentes e jovens e aqueles compostos por mães de jovens e adolescentes. Embora houvesse variação na faixa etária das participantes, a média de anos de estudo das mães, considerando-se todas as localidades, é de 6,4 anos.

Quando questionados em relação à profissão, parte significativa dos participantes adolescentes e jovens não reconhece a condição de estudante como profissão ou ocupação e há ainda aqueles que declararam não ter profissão alguma. Apenas 97 participantes responderam essa pergunta. A maioria se declarou estudante. Entre as demais ocupações, verifica-se segmentação por gênero, prevalecendo a profissão de dona de casa (20%) e doméstica ou faxineira (12,7%), entre as mulheres, e trabalhos manuais não qualificados ligados à construção civil (14,3%), como ajudante geral e servente e outros ofícios como mecânica, carpintaria, pintura, hidráulica (9,6%), entre os homens.

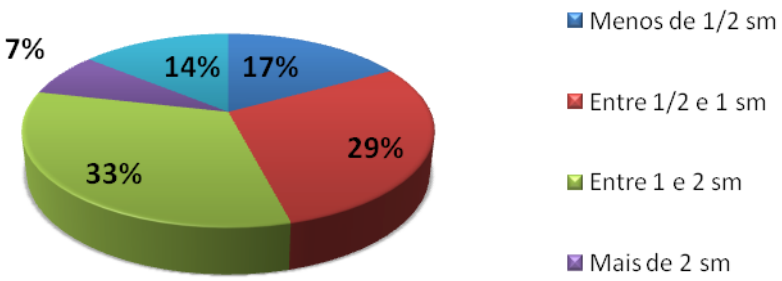
Apenas 130 participantes responderam qual era a sua situação perante o trabalho. Destes, somente 36 declararam ter algum trabalho. A maior parte não trabalha ou respondeu estar desempregada.

A proporção de homens com carteira de trabalho assinada era ligeiramente superior à de mulheres.

Em relação aos resultados obtidos pelo Datafolha, os participantes dos grupos focais encontravam-se proporcionalmente em situações mais precárias do que na amostra representativa dos territórios de atenção do Pronasci.

Considerando-se a renda obtida por meio do trabalho dos pais, irmãos e demais familiares que moram no mesmo domicílio, além de benefícios como Bolsa-Família e outros programas similares, a renda mensal declarada pelos participantes é, em geral, muito baixa: 46% declararam viver em domicílio com renda de até um salário mínimo. É importante observar que a escala utilizada para o estudo com grupos focais foi comparativamente mais baixa do que a empregada pelo Instituto Datafolha; de todo modo, cabe ressaltar que 80% dos participantes situavam-se no grau mais baixo (até R$ 930,00) da pesquisa com amostra representativa.

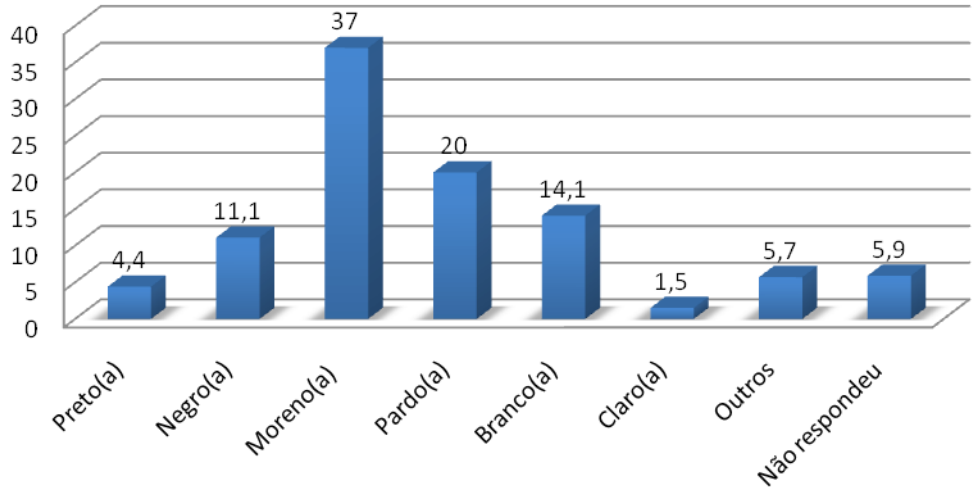
Gráfico 4 - Distribuição dos participantes dos grupos focais de adolescentes e jovens, segundo a renda mensal do domicílio (em %)



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

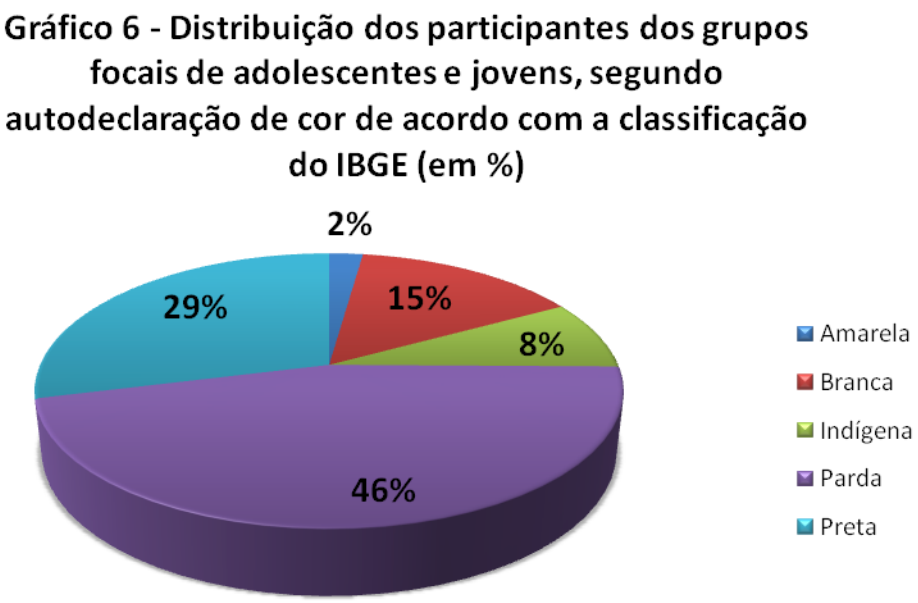
Recife foi o município que apresentou a menor renda mensal, com 38% dos participantes vivendo em domicílios com renda inferior a meio salário mínimo.
Considerando-se a autodeclaração de cor dos entrevistados, observou-se alguma variação nas respostas. Porém, a tendência nos grupos de adolescentes e jovens, nas cinco localidades pesquisadas, foi no sentido de os participantes declararem-se mais próximos de denominações como “negro(a)”, “moreno(a)” e “pardo(a)” do que brancos.

Gráfico 5 - Distribuição dos participantes, segundo auto-declaração de cor (%)



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Esse dado pode ser confirmado analisando-se a resposta para a questão referente à autodeclaração de cor, de acordo com a classificação do IBGE. Comparando-se aos primeiros resultados obtidos pelo Instituto Datafolha, observa-se que a amostra de adolescentes e jovens participantes dos grupos focais também optou por se declarar, em sua maioria, nas categorias “preta” e “parda”: 57,6%, no Datafolha; e 75%, na pesquisa com grupos focais.



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A totalidade dos participantes respondeu essa questão, sendo que 75% declararam-se pardos ou pretos e apenas 15% se identificaram como brancos. É interessante observar que a maior frequência de adolescentes e jovens que se declararam indígenas ocorreu nos dos grupos realizados em Rio Branco, a de pardos em Recife e Luziânia e a de pretos em Porto Alegre.

Em relação à profissão dos pais, apenas 70,4% dos participantes conheciam essa informação. Considerando-se as respostas válidas, foram indicadas 35 ocupações diferentes, a maioria atividades manuais pouco qualificadas ou que não exigem qualificação: 17,8% dos pais desses adolescentes e jovens trabalham ou trabalharam ligados à construção civil (mestres de obras, pedreiro); 9,6% em serviços (motorista, cozinheiro, balconista); 8,9% em serviços de carpintaria, marcenaria, pintura e serralheria; 5,2% em serviços de segurança e portaria. Apenas 5,1% eram trabalhadores rurais e 2,9% correspondiam a operários da indústria.

A taxa de resposta para a profissão da mãe foi maior: 85,2%. Foram indicadas 26 ocupações diferentes, a maioria atividades manuais não qualificadas. É importante destacar que 26% dos adolescentes e jovens participantes responderam que a mãe é dona de casa e 24,4% que é doméstica. Considerando-se que 9,6% declararam que a profissão da mãe é faxineira ou auxiliar de limpeza, observou-se que o maior porcentual se concentra na prestação de serviços domésticos ou de limpeza terceirizada.

Características das localidades estudadas

Para falar sobre o bairro/localidade onde moravam ou atuavam, os participantes foram estimulados a entrar na discussão escolhendo uma ou mais imagens entre as 24 apresentadas na primeira etapa de fotoeliciação. É importante observar que, nessa fase, em nenhum momento o(a) moderador(a) mencionou termos como “problemas” ou “violência”, deixando claro que os participantes deveriam indicar aquilo que consideravam *importante* para o bairro/localidade e explicar *como* o que estava

representado na imagem era importante. O fato de pesquisadores de fora proporem uma atividade pouco usual e não familiar pode ter influenciado o grupo no sentido de trazer para a discussão questões prementes para a comunidade, especialmente devido ao fato de os locais para a realização dos grupos focais terem sido, preferencialmente, espaços onde esses assuntos são correntes: paróquias, centros de referência em assistência social, associação de moradores, locais onde são realizados projetos sociais, ONG, programas de governo, entre outros. A isso denominamos "efeito de grupo." De todo modo, o objetivo era falar sobre o bairro, seus problemas, suas carências e, principalmente, da exposição à violência, sem que isso fosse colocado diretamente pela equipe de pesquisa, mas sim trazido pelos moradores a partir da leitura da situação de grupo, da presença dos pesquisadores e das imagens.

Com base nas dinâmicas, emergiu o tema "características dos bairros". Dentro desse tópico, foram criadas 16 subcategorias de codificação, das quais quatro ainda continham suas próprias subcategorias.

No total de referências codificadas nos 30 grupos, o que mais se falou foi sobre as deficiências, entendidas como carências ou aquilo que falta no bairro/localidade. Porém, embora os moradores, assim como os policiais, tenham dado bastante ênfase aos problemas, suas causas e explicações, a segunda categoria mais codificada foi efetivamente o que é importante para o bairro/localidade, com grande número de justificativas, ou seja, poucas vezes os participantes deixaram de explicitar de que forma consideravam os elementos selecionados entre as imagens importantes para a localidade onde moram.

Embora tivesse uma tendência clara de se falar sobre os problemas do bairro, das imagens negativas, especialmente das percepções externas que expressam visões muito ruins, carregadas de preconceito, geralmente associadas à violência, houve espaço para abordar as qualidades e estabelecer contrastes e diferenças entre o que os moradores que convivem com a realidade local pensam e sentem e o que os que são "de fora" dizem.

Para efetivamente compreender quais são as deficiências e os problemas das localidades estudadas e o que os participantes consideram mais importante para o lugar onde moram, é preciso ouvir o que eles têm a dizer. A seguir, uma análise mais aprofundada de cada território de atenção do Pronasci procurará indicar, entre as categorias codificadas com mais frequência, o que caracteriza os locais estudados.

Brasilândia – São Paulo – SP

P1: *Lá onde eu moro, já escutei mãe falar que... que ali as criança que tá crescendo num tem futuro nenhum.*
Mo: *Como assim, não tem futuro nenhum?*
P1: *Ah, diz que vai crescendo, né, vai se envolvendo em coisa errada... É menino que, pequeno, já fumando maconha, já usando droga ali.*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da Brasilândia, São Paulo, SP)

A Brasilândia é um distrito da capital do Estado de São Paulo, situado na zona norte, que abrange uma área total[4] de 1.522,986 km^2, com cerca de 277.214 habitantes, segundo a última projeção populacional de 2009 da Fundação Seade. Os bairros que integram o distrito e constituem área de

4 Fonte: Fundação SEADE.

interesse do Pronasci são: Jardim Vista Alegre, Jardim Elisa Maria, Jardim Damasceno e Jardim Paulistano. Cabe ressaltar que esses bairros não formam nenhum Território de Paz.

Características

Na primeira parte da análise, serão tratadas algumas questões referentes ao que os moradores do distrito da Brasilândia falaram a respeito do bairro onde moram. Serão analisadas suas percepções sobre as qualidades, deficiências e problemas da localidade, bem como a respeito de como é viver na Brasilândia e o que as pessoas de fora dizem. Analisando-se especificamente as categorias do tema "características dos bairros" e considerando-se somente a fala dos moradores, as referências mais recorrentes (19 no total) são a respeito das deficiências e dos problemas do bairro.

Tabela 4 – Deficiências e problemas da Brasilândia-SP, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	Deficiências e problemas	Exemplos
5	Falta de locais de lazer	"Eu escolhi essa aqui, porque aqui onde a gente mora, num tem muitos lugares de lazer né, eu escolhi essa foto, então se tivesse tipo um shopping, algum lugar assim de lazer, restaurante..."
3	Ruas esburacadas	"Só não tem rua lá, a rua é esburacada." "Acontecem muitos acidentes."
3	Falta de acesso à saúde	"Saúde deixa muito a desejar, às vezes você espera meses e meses pra passar num médico..."
2	Falta de policiamento/ ronda escolar	"Não tem segurança."
1	Transporte público deficiente	"O transporte é bom, mas a gente sofre muito, tem muita gente que pega ônibus lotado pra trabalhar."
1	Faltam creches	"É porque aqui tem muita criança, apesar de ter creches, tem poucas."
1	Trabalho	"O que mais falta aqui é trabalho."
1	Cultura	"A cultura está muito desvalorizada."
1	Sujeira	"A coleta de lixo é deficiente."
1	Posto de atendimento	"Faltam postos de atendimento para as pessoas mais necessitadas."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

* O valor N indica o número de vezes que elementos categorizados como problemas, deficiências e o que é importante foram identificados, dentro do contexto das perguntas sobre o tema, nas gravações em áudio das discussões em grupo.

O segundo aspecto mais discutido foi, efetivamente, o que é importante para o bairro e justificativas, com base no repertório de imagens apresentadas na primeira atividade de fotoeliciação. Observou-se que, embora as imagens sugerissem temas para a discussão, algumas referências dos participantes não se restringiram ao conteúdo proposto pelas imagens, mas foram baseadas na interpretação que os moradores deram a elas.

Tabela 5 – O que é importante para os moradores participantes dos grupos focais na Brasilândia-SP

N	O que é importante	Justificativas
6	Cultura/Teatro/ Biblioteca	"Para não deixar as crianças na rua, ter um lugar para fazer pesquisa."
5	Policiamento/ Ronda escolar	"Mais segurança, porque aqui tem muita violência, em todos os lugares."
3	Escola/ cursos	"Muita defasagem escolar, pra saber o que é certo, o que é errado."
3	CDHU	"A situação que as pessoas moram nos barracos é deplorável. É um lugar bom, porque tem mais segurança."
2	Atendimento médico	"Falta de acesso à saúde pública."
2	Esporte/lazer	"Para não deixar as crianças na rua."
1	Banco	"Valorização do bairro."
1	Supermercado	"Um mercadão bem grande (Extra, Sonda, etc.), porque aqui é tudo muito caro."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

É interessante observar que houve diferenças entre os grupos: enquanto as mães estavam mais preocupadas com moradia, atendimento médico e a segurança das crianças, os(as) adolescentes e jovens indicaram com mais frequência a importância da cultura, da educação e do lazer como aspectos importantes para o bairro. Tanto os jovens como as mães demonstraram preocupação com a exposição de crianças e adolescentes ao espaço da rua, destacando a necessidade de praças/ambientes propícios para a prática de esportes e atividades de lazer, minimizando o risco de atropelamentos e contato com o mundo do crime.

Quando falam do próprio bairro, os participantes tendem a expressar uma visão bastante negativa, de uma localidade marcada pelo uso de drogas, falta de segurança (assaltos, brigas nas ruas, medo de sair à noite) e falta de perspectiva para crianças, adolescentes e jovens que crescem e moram ali. Outro aspecto a que fazem referência são as condições precárias de moradia das pessoas que vivem nos barracos, onde não há saneamento, os ratos são abundantes e o mau cheiro do córrego é muito forte. Dessas descrições emergiram outras denominações para o distrito e os bairros que o compõem (Jardim Damaceno, Jardim Elisa Maria, Jardim Vista Alegre, Jardim Paraná, etc.), que não apareceram na identificação inicial do grupo da denominação apropriada para a localidade. Embora dentro da Brasilândia cada localidade seja comumente chamada de "bairro", a presença de barracos e moradias precárias, a ausência de esgotamento sanitário e a coleta deficiente de lixo evocam novas percepções.

P1: *Porque eu falo que tudo aqui é favela, mas tem aquela parte que é mais, é obrigado mesmo a chamar de favela.*

Mo: *Qual parte? Aqui na região, como é isso?*

P2: *É comunidade é... Tem as ruas que... são as ruas mesmo normais, que nem as vielas, mas as vielas são onde que o traficante vai tá ali, porque se ele tiver ali fora da viela, num vai ter onde proteger. Porque na favela, a favela tem muitas entradas, e no caso assim, é uma opinião pra ele, é uma casa de segurança pra ele ali na favela, porque os policiais não vão direto na favela. Porque*

eles não, são inteligente, eles não vão entrar direto numa favela, sabendo que é uma favela. Por isso que eles já ficam meio assim, o crimiminoso mais segurado, porque se ele sair, pra uma rua assim, vamo dizer, que tem muito mais pessoas...
Mo: *Transitando, andando.*
P2: *Com movimento, do que uma favela, já diz favela.*
*(*Grupo com jovens do sexo masculino, moradores da Brasilândia, São Paulo, SP*)*

A realidade cotidiana de bairros de periferia de um distrito da zona norte de São Paulo com problemas de infraestrutura urbana, assistência social e acesso a serviços públicos deixou pouco espaço para referências positivas e qualidades. O único aspecto positivo mencionado foi o fato de as pessoas se conhecerem e, com base nos laços de sociabilidade, característicos de uma "comunidade", haver espaço para solidariedade entre aqueles que se consideram "conhecidos" e se propõem a se ajudar mutuamente.

Porque aqui é um bairro onde tem muitas pessoas, que nem, tudo mundo se conhece. É muito difícil você não conhecer. E é uma comunidade onde todo mundo é... Tipo se chega alguém, todo mundo vai conversar com a pessoa, tem o coisa... Que nem, as pessoas que a gente conhece, um ajuda o outro, um tenta manter o que a pessoa tem e tentar evoluir e sair daqui. Porque geralmente, as pessoas quando elas conseguem, elas saem e não voltam mais porque realmente aqui não é um bairro que fale, nossa, é maravilhoso pra você viver. Não é.
(Jovem moradora da Brasilândia, São Paulo, SP)

O histórico de violência da Brasilândia contribuiu para formar a imagem desse distrito como local extremamente violento, gerando estigma para seus moradores. Não é incomum quem mora ali, ao fazer referência ao bairro/região onde vive, preferir se situar no distrito vizinho, de Vila Nova Cachoeirinha, ou ainda, na Freguesia do Ó, localidades com fama "melhor". Essa atitude pode ser explicada pela experiência dos participantes, vítimas de preconceito e discriminação por parte de prestadores de serviço/terceiros, ao saberem a origem dessas pessoas.

Outro dia, minha irmã, que ela não sabia onde eu moro, tava andando de táxi, quando ela falou pro taxista que era no Jardim Paraná, ele falou, "Ah, lá eu num entro." Desse jeito. Falou assim, "Lá eu num entro." Minha irmã, eu fiquei morrendo de vergonha quando a minha irmã me falou, né? Ela falou, "Não tenho como chegar." E eu falei, "Por quê?" "Porque o taxista não quer entrar aí não." E era dez hora da noite. Eu falei, "Mas aqui num tem nada!" Ela falou assim, "Mas ele num quer entrar, eu vou ter que voltar." E voltou, ele não entrou ali.
(Mãe de adolescentes e jovens, moradora da Brasilândia, São Paulo, SP)

Segundo os moradores, a Brasilândia é identificada pelas pessoas que não são dali como um local onde só tem bandido, "favelado", "vândalo", "maloqueiro", além de não ser um bom lugar para se morar, devido aos altos índices de criminalidade (como estupros, por exemplo), havendo até quem diga que a "droga é legalizada ali". Quando questionados a respeito dessas percepções, os participantes não são unânimes. No grupo de mães e nos grupos de jovens do sexo masculino, a opinião é de que se faz muita generalização. Há heterogeneidade em relação tanto à violência vivenciada nos diferentes bairros (Jardim Damaceno, Jardim Princesa, Jardim Elisa Maria, Jardim Vista Alegre) quanto às pessoas. Os jovens são categóricos ao afirmar que "a maioria das pessoas é trabalhadora", reforçando a dicotomia entre trabalhador/criminoso e/ou agressor. No grupo de adolescentes do sexo feminino, essa ideia é relativizada, pois "a droga está em toda a parte".
Uma vez que os participantes não são moradores do mesmo bairro, as percepções sobre as diferenças entre as localidades no que diz respeito ao perigo/risco/exposição à violência variaram. Localidades

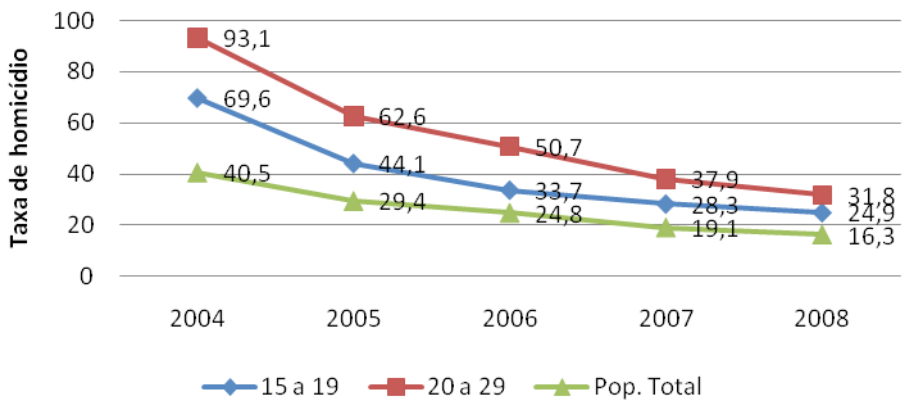
como o Jardim Paraná, o Gato Preto e o Elisa Maria foram consideradas mais perigosas do que o Vista Alegre e o Jardim Princesa, por exemplo. A percepção de que um local é perigoso/violento é formada por características como número frequente de mortes (por causas externas), estupros, violência policial e conflitos entre grupos rivais. O mais relevante na comparação entre as localidades, entretanto, é o fato de os participantes moradores de determinado bairro sempre considerarem o bairro/localidade vizinha como mais perigoso ou mais violento do que o lugar onde moram. Isso foi uma atitude observada em todos os grupos de moradores, em todos os municípios onde foi feita a pesquisa com grupos focais.
Tanto o histórico de violência como as imagens negativas contribuem para que os participantes manifestem pouca ou nenhuma perspectiva de quererem permanecer na Brasilândia, mesmo que tenham dificuldades de mudar de bairro.

P1: *Eu sairia.*
P2: *Eu sairia, também.*
P1: *Porque ninguém gosta de morar aqui.*
P3: *Ninguém, é porque é muito risco, entendeu?*
P1: *É muito risco, muita violência.*
Mo: *Vocês não gostam de morar aqui?*
P1: *Eu num gosto de morar aqui.*
P2: *É muita maldade.*
P1: *A gente só mora porque...*
P2: *Não tem opção, né?*
P1: *A gente só mora porque a gente somo obrigado.*
(Grupo com jovens moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

Exposição à violência

Dados obtidos junto ao Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, para o período de 2004 a 2008,[2] mostram que, em São Paulo, a taxa de homicídios entre adolescentes de 15 a 19 anos e jovens de 20 a 29 anos diminuiu com regularidade nesse período.

Gráfico 7 - Taxas de homicídio de adolescentes, jovens e na população total (1)
São Paulo – 2004-2008



Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas populacionais para o TCU.

(1) Por 100 mil habitantes.

Porém, como observado no Gráfico 7, as taxas de mortalidade por causas externas, classificadas como homicídio, são mais altas entre os adolescentes e, especialmente, os jovens de 20 a 29 anos, em proporção quase duas vezes à da população total. Ressalte-se o fato de essa proporção ter se mantido constante no período em observação.

O distrito da Brasilândia, composto por diferentes bairros, tem uma história de violência marcada por altos índices de criminalidade, especialmente o homicídio. Por essa razão se tornou território de atenção do Pronasci e ações de segurança pública foram efetivadas recentemente com o objetivo de combater a criminalidade e a violência.

Em todos os grupos, há a percepção de que o bairro mudou, de que houve uma "evolução no tempo", ou seja, de que a violência já não é mais como era antes. Isso, embora seja muito recente (cerca de dois anos), trouxe uma mudança significativa para a vida dos moradores. Explicada de diferentes formas por moradores e pela polícia, essa mudança é fundamental para entender tanto o estigma da Brasilândia como as características e o funcionamento da criminalidade nessa localidade.

Segundo os moradores, havia uma rivalidade entre os organizadores do crime[6] do Jardim Elisa Maria e do Jardim Vista Alegre, a tal ponto que, durante os confrontos, a população era avisada para se recolher em casa por ocasião dos tiroteios, especialmente quando havia confronto com a polícia, e o risco de sair à noite era alto.

Mo: *Como é que era, dois anos atrás?*
P3: *Uma rua num podia se bater co'a outra...*
P2: *O Vista Alegre não podia subir pra cá.*
P3: *O Vista Alegre não podia vir aqui pro Elisa Maria, o Elisa Maria não podia ir pro Vista Alegre, rolava tiroteio. Tinha vez que eles mesmo, o pessoal lá antes do tiroteio passar, eles mesmo avisava, "Oito hora quero todo mundo dentro de casa. Porque vai sair tiroteio, e todo mundo dentro de casa."*
P1: *Toque de recolher.*
(Grupo com adolescentes moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

Mesmo as participantes mais jovens mantêm memória (seja de testemunhos, seja do que lhes foi relatado) de chacinas que aconteceram no bairro, em que pessoas que deviam dinheiro a traficantes eram assassinadas por matadores fortemente armados, em locais onde havia grupos de pessoas reunidas que também se tornavam vítimas.

Mo: *Como é que era isso, antigamente?*
P1: *Ah, aqui morria um por semana!*
P3: *É tipo assim...*
P2: *É tudo com o carro tudo preto, vidro fechado...*
P3: *E eles num matavam só um, matavam assim...*
P2: *Matavam assim, dez.*
P1: *O que tava tudo na rua, matavam.*
P2: *O que eles viam, tipo assim, se tivesse todos nóis aqui, eles saíam matando todo mundo, não importa.*
P1: *É, se tivesse aquele que eles queria, e tivesse um monte de gente que eles nem conhecia, eles matava todo mundo.*
(Grupo com adolescentes moradoras da Brasilândia, São Paulo, SP)

5 Dados mais recentes a que se tem acesso.
6 Por insuficiência de dados, não é possível afirmar, categoricamente, que o tipo de organização criminosa atuante nas localidades se enquadra no perfil caracterizado como crime organizado. Segundo Mingardi (2007, p. 56), "não é a modalidade do crime que identifica a existência de Crime Organizado. O que o define são algumas características que o tornam diferentes do crime comum. Essas características, para a maioria dos autores, são cinco: 1. Hierarquia; 2. Previsão dos lucros; 3. Divisão do trabalho; 4. Planejamento empresarial; 5. Simbiose com o Estado". Por essa razão, para os fins deste relatório, optou-se por denominar os agentes envolvidos com práticas ilegais como "organizadores do crime".

Ações ostensivas e repressivas que chegaram a durar mais de seis meses por parte da polícia militar coibiram os confrontos e o clima de rivalidade. Esse discurso foi ouvido tanto em grupos de moradores quanto no de policiais. Porém, segundo os participantes, a rivalidade entre o Jardim Vista Alegre e o Jardim Elisa Maria teria cessado em função de um acordo informal entre os organizadores do crime, que passaram a controlar o território de forma "unificada". A justificativa para esse "acordo" seria afastar a presença da polícia, evitando confrontos e, desse modo, mantendo a continuidade das práticas delituosas. A ênfase dada sobre a probição de atrair a atenção da polícia para a localidade foi um dos grandes tópicos analisados nas dinâmicas com moradores. Essa questão será tratada com mais detalhe posteriormente, no decorrer do relatório.

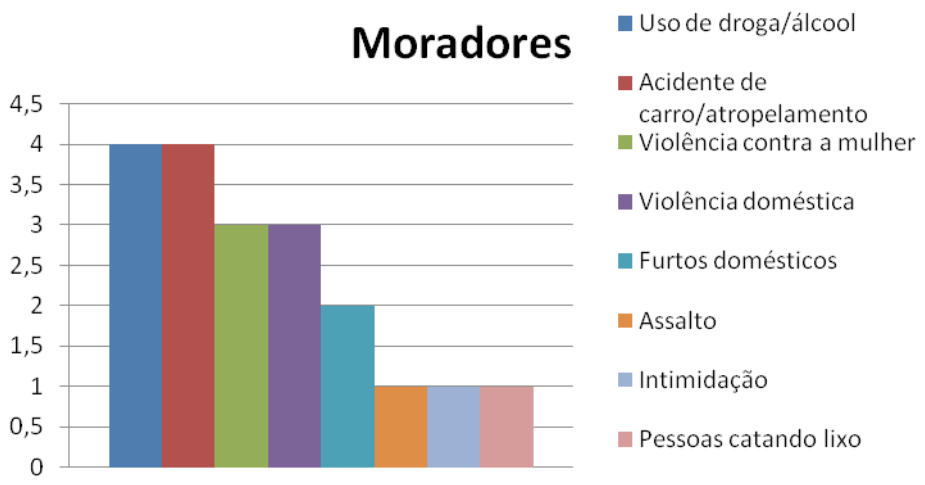
Ainda assim, o depoimento dos moradores, durante as dinâmicas em grupo focal, por meio de testemunhos, relatos de experiências pessoais, referências a tipos de ocorrências e violências com as quais convivem em seu cotidiano nos bairros em que moram, deixam claro que a Brasilândia continua a ser um local violento e as ações de repressão por parte dos órgãos de segurança pública não foram eficazes em modificar o cotidiano do bairro.

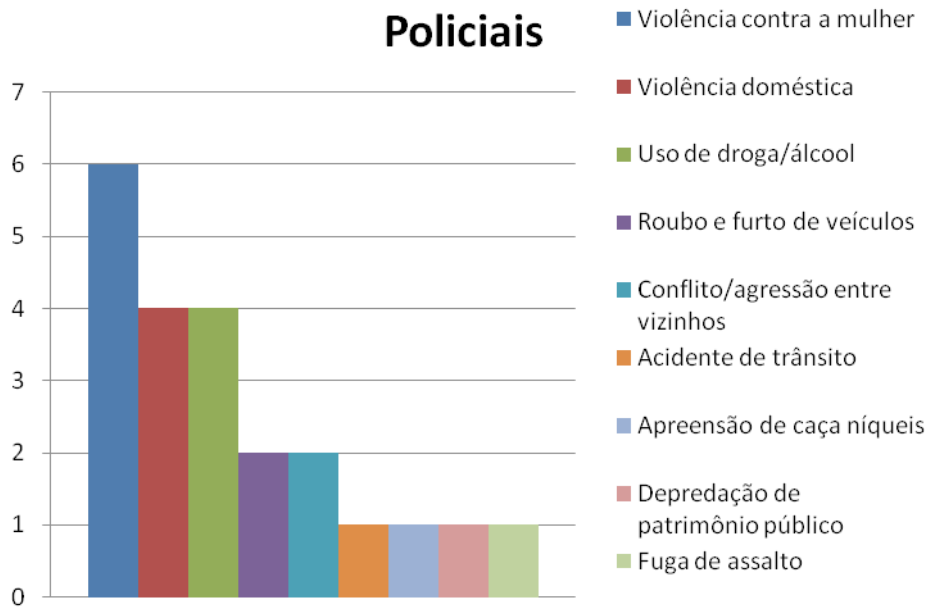
Segundo a Polícia Militar, o confronto explícito e ostensivo entre gangues rivais armadas deu lugar a uma criminalidade mais abafada, cuja principal atividade ilícita é o comércio de entorpecentes. As drogas mais comumente encontradas são a cocaína, a maconha e o crack, vendidas em "bocas de fumo" controladas por organizadores do crime, que utilizam a mão de obra de crianças e adolescentes para controlar o patrulhamento e a chegada de viaturas (olheiros) e a entrega e distribuição da droga (aviõezinhos).

Analisando separadamente os grupos de moradores e o de policiais militares que atuam no distrito, observa-se que as referências ao tipo e às formas de violência e crime testemunhados e vivenciados variam, bem como as ocorrências às quais a polícia pareceu dar maior atenção.

Apenas nas referências codificadas como "ocorrências" e formas de "violência", chama atenção a violência contra a mulher e os acidentes de trânsito. No caso da polícia, embora não tenha sido codificada com frequência, a ocorrência de acidentes de trânsito é um problema sério na região, além das brigas domésticas, especialmente as que envolvem marido e mulher e terminam em agressão. Não houve praticamente menção ao homicídio ou ao tráfico, embora o consumo de drogas nas vias públicas, escolas, vielas e escadões seja o que mais incomoda a população.

Gráficos 8 e 9 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais, na Brasilândia-SP





Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

É importante ressaltar que os episódios de violência, tipificados ou não como ocorrências criminais, emergiram no contexto das discussões em grupo focal espontaneamente, a partir das atividades de fotoeliciação e do estímulo das imagens sobre o tema. Em nenhum momento, portanto, os moderadores perguntaram diretamente aos participantes acerca de experiências pessoais que tivessem vivenciado.[7]

Chama atenção, em primeiro lugar, o número de casos de violência policial relatados[8] e de homicídios testemunhados, seja de familiares ou de amigos, ou mesmo de vizinhos.

7 Isso porque, em uma situação de grupo focal, o objetivo não é trazer o foco para a participação individual, mas sim para a discussão em grupo. Nesse sentido, quando as imagens sobre violência foram colocadas em debate, as questões propostas foram "isso acontece/já aconteceu aqui?" e "alguém já viu isso acontecer? Pode contar como foi?" Os entrevistados tinham a liberdade de responder ou não a questão, da forma como desejassem, e maiores detalhes não eram solicitados. Os testemunhos, relatos, experiências narradas foram exemplos oferecidos pelos participantes que permitem ter uma ideia do grau de exposição à violência a que estão submetidos. Não se tratava, entretanto, de aprofundar experiências pessoais, uma vez que as discussões eram em grupo e o objetivo não era expor os participantes, tampouco remeter a detalhes de situações traumáticas e constrangedoras em frente aos demais.

8 Esse assunto será tratado de forma mais aprofundada em outra seção.

Gráfico 10 - Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais na Brasilândia-SP

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Quadro 1 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais na Brasilândia-SP

Foi vítima de violência policial	"Aí um PM enquadrou nóis (...) e aí ele já foi e deu uma coronhada nele assim."
Teve familiares/amigos/vizinhos assassinados	"Os moleques que morreram eram tudo meus amigos. (...) Aí chegou os carro tudo filmado, três carros, aí chamou eles, e falou pra eles ajoelharem no chão, e começaram a atirar."
Teve/tem familiar envolvido com roubo/assalto	"Meu primo, ele foi roubar um dia, ele roubou o filho de um delegado."
Viu/vê pessoas usando/vendendo drogas nas ruas/escolas	"Eles fumavam dentro da escola, eles pintavam e bordavam dentro da escola."
Teve/tem familiar usuário de drogas	"E por causa do passado da minha mãe (...) ela usava, no passado, virou crente."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Como era esperado, verificaram-se diferenças nas experiências e testemunhos dos moradores da Brasilândia, segundo gênero e geração. Em relação às vítimas de violência policial, todos os episódios relatados referiam-se a pessoas do sexo masculino, em sua maioria jovens e adolescentes. Entre as vítimas de assassinato, apenas uma era mulher. Todos os envolvidos com roubos e assaltos eram do sexo masculino. Já em relação às drogas, especialmente o consumo e, em raras ocasiões,

a venda, foi mencionado o envolvimento de mulheres, adolescentes e crianças, pois o espaço da escola é local de venda de drogas, discutido nos grupos de adolescentes de ambos os sexos. Os episódios relatados indicam, portanto, o maior envolvimento de jovens do sexo masculino com o crime e a violência letal.

Jardim Ingá – Luziânia – GO

Quanto eu vim morar aqui, eu ficava lá em casa, meus menino nesse tempo era tudo pequeno, eu ficava do lado de fora, no meiteiro(?) e botava assim, uns plástico, um papelão, desses papelão grosso, e ficava tudo deitado contando estrela assim, até certas horas da noite. Cê num via, nem assuntava um tiro prum canto. Mas hoje em dia, quando anoitece, cê só assunta é tiro pros canto. Pra todo lado! Primeiro não, era tranquilo, a gente podia até deitar aí no meiteiro(?) e ficar. Amanhecer o dia. Hoje em dia não. Hoje em dia, a hora que a noite entra, você tem que entrar pra dentro de casa.
(Mãe de adolescentes e jovens, moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

O Jardim Ingá é um distrito do município de Luziânia, situado no Estado de Goiás, a 56 km de Brasília. Embora Luziânia tenha 246 anos, é considerado um dos municípios que integram o "entorno" da capital federal e, por essa razão, mantêm uma relação de dependência econômica com ela. Segundo os dados da própria prefeitura, ainda baseados no Censo do IBGE de 2000, Luziânia abrigava uma população de cerca de 142.600 habitantes, dos quais 43.317 (31%) tinham entre 15 e 29 anos. De acordo com a Polícia Militar de Goiás, atualmente o Jardim Ingá tem cerca de 110 mil habitantes, ou seja, aproximadamente 50% da população atual de Luziânia, que cresceu para cerca de 200 mil habitantes, sendo que a maioria (em torno de 80%) é de origem nordestina. Os migrantes geralmente vêm para Brasília em busca de emprego e se instalam em seu entorno. Luziânia é considerada cidade-dormitório, pois a maioria dos moradores trabalha em Brasília e só retorna para casa para dormir. Predomina a ocupação de tipo invasão, que é posteriormente substituída por loteamentos regularizados pela prefeitura.
O Jardim Ingá é um Território de Paz e região de atenção do Pronasci, devido aos altos índices de mortalidade entre jovens observados na localidade.

Características

Situado junto à BR-040, o Jardim Ingá, juntamente com a cidade da qual faz parte, Luziânia, devido à proximidade com a capital federal, integra o conjunto de cidades satélites do entorno de Brasília e, por essa razão, mantém uma relação estreita com os demais municípios situados na divisa com o Distrito Federal. Devido ao seu tamanho, tanto em extensão territorial como em população, o distrito tem um movimento que luta pela sua emancipação em relação à Luziânia, cujo objetivo é garantir, por meio de administração própria, melhores condições de vida para a população ali residente.[9] É possível encontrar na Internet um *site* exclusivo do Jardim Ingá.[10]

9 Segundo a PM de Goiás, embora conte com cinco vereadores da região, o Jardim Ingá recebe muito investimento por parte do município. Atualmente, possui cerca de 36 mil eleitores.
10 Ver <www.jardiminga.com/>.

As diferenças entre o Ingá, descrito como um “bairro”, e Luziânia, descrita como “cidade”, foram enfatizadas em todos os grupos de moradores e também no de policiais, revelando a percepção de algumas características positivas, levantadas especialmente pelos moradores que migraram de outros estados em busca de emprego em Brasília e pelos jovens que nasceram e cresceram ali, criando laços profundos de amizade. Porém, na comparação com Luziânia, Valparaíso e, especialmente com o Distrito Federal, o Jardim Ingá tem sérios problemas e deficiências de infraestrutura que afetam a vida dos seus moradores e contribuem para formar a imagem negativa que essa localidade possui atualmente.
Quando observadas as categorias referentes a “características dos bairros”, considerando-se somente a fala dos moradores, as referências mais recorrentes foram as deficiências e os problemas.

Tabela 6 – Deficiências e problemas do Jardim Ingá - GO, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	Deficiências e problemas	Exemplos
5	Falta de médicos/mau atendimento	“Muitos médicos são ignorantes, não têm paciência.”
5	Escola com recursos físicos deficientes e recursos humanos ineficientes	“Às vezes nem giz tem na escola. Então eu acho que é por isso que eles pedem pra pagar pra fazer a prova.”/ “Tem poucos professor, que não sabe dar aula direito.”
4	Falta de agências bancárias	“Tem que ir pra fora da cidade, porque aqui não tem.”
4	Transporte público ineficiente	“Aqui é assim. Pega um ônibus agora, depois de uma hora vai pegar outro.”
4	Falta de policiamento/ronda escolar	“Só que não tem, porque é pouco policial.”
2	Falta de abastecimento de água	“Alguns bairros não têm água encanada.”
2	Má pavimentação	“Na época da chuva, carro não passava.”
1	Falta de saneamento	“Todo mundo aqui é fossa.”
1	Iluminação pública deficiente	“Tem uns lugares aí, à noite que...”
1	Necessidade de programas habitacionais	“Isso aqui é moradia. A gente que paga aluguel sofre muito.”

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

As melhorias consideradas importantes para o bairro estão diretamente relacionadas aos problemas apontados pelos moradores e somam-se às referências explicitadas durante o exercício de fotoeliciação, quando foram selecionadas imagens a partir das quais elementos relevantes são indicados, como, por exemplo, aqueles apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 – O que é importante para o Jardim Ingá-GO, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	O que é importante	Justificativa
3	Quadra/locais para a prática de esporte	"Pra jogar mesmo... Pra um dia ser... Ronaldinho (risos)".
2	Lazer	"Aqui mesmo no Ingá não tem muito lazer assim. (...) Então quando precisa sair assim pra algum tipo de lazer a gente vai mais mesmo pra Luziânia".
2	Cultura	"Porque... as pessoas num tem como aprender nada, num tem biblioteca, não tem livro pra ninguém."
1	Policiamento	"Ter mais policial, e que não seja corrupto."
1	Aparência do bairro	"A cidade ia ficar bonita"/"Ia vim mais carro, ia ser melhor pra cidade."
1	Posto de saúde	"Porque o atendimento aqui é, pelo amor de Deus."
1	Iluminação pública	"Tem muitos pedaços que são muito escuro, não dá nem coragem de andar, acontecem muitos assaltos."
1	Emancipação	"Porque tudo depende de Luziânia."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Ressalte-se que os aspectos mais valorizados foram locais para prática de atividades esportivas e de lazer, sendo que tais manifestações, não por acaso, ocorreram com mais frequência nos grupos de adolescentes entre 15 e 18 anos. Com efeito, um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores do Jardim Ingá é o acesso a determinados serviços, só encontrados em Luziânia ou em outros municípios, o que implica o deslocamento utilizando a rede de transportes públicos. Os custos com passagens e o tempo gasto em viagens dificultam ou mesmo impedem que os moradores se dirijam regularmente ao Distrito Federal, prejudicando, inclusive, o acesso ao emprego. O fato de morarem em Luziânia, especificamente no Jardim Ingá, faz com que sejam preteridos em relação a trabalhadores que residam mais próximos ou no DF.

Soma-se a isso o fato de o bairro ter imagem muito negativa, devido, em grande parte, ao histórico de violência. Segundo os moradores, o Jardim Ingá é visto como um local muito perigoso, de muita "violência" e "bandidagem". As associações à "favela" e ao "morro" são comuns, mesmo havendo diferenças topográficas, geográficas e sociais que fazem da localidade um distrito bastante heterogêneo. A região com mais infraestrutura, mais próxima da entrada junto à BR-040, é tida como o "centro" do bairro e parte mais segura e menos violenta. Dentro do Jardim Ingá, entretanto, há uma miríade de bairros que integram o distrito, que se distinguem especialmente pelas condições habitacionais, pela infraestrutura urbana a que os moradores têm acesso, pelo índice de criminalidade e pela presença de grupos de organizadores do crime, capazes de controlar a circulação de pessoas estranhas/de fora. Os locais considerados mais perigosos, segundo os moradores, são o Parque Mingone I e II e o Parque Dez.

P1: *(...) Aqui o pessoal num tem tanto medo, nem tanto receio, porque aqui é mais tranquilo. Por mais que o policiamento seja pouco, por mais que a polícia deixe a desejar, mas aqui é mais tranquilo do que certos bairros que faz parte do Ingá também. Onde a gente mora, que é o centro do Ingá, em si, é um lugar mais tranquilo e mais calmo, mas tem lugares que não é igual aqui.*
Mo: *Ah, então tem diferença?*

P1: *Tem diferença. Aqui (...) a gente conhece todo mundo, qualquer lugar que a gente vai, um ou outro, tá lá. Um conhecido, alguma pessoa que conhece tá lá, te cumprimenta e tal. Mas tem lugares, afastados do Ingá, Parque Dez, por exemplo. Eu, nunca fui numa festa lá no Dez.*
P2: *Quem tem coragem de ir numa festa lá, dez hora da noite?*
(Grupo focal com jovens moradores do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

A visão "homogênea" do Jardim Ingá é produzida, sobretudo, pela imprensa televisiva e impressa, especialmente o noticiário criminal, que trata indistintamente o que ocorre nos diversos bairros dentro do Ingá – e mesmo fora dele – como ocorrências do bairro, contribuindo para a percepção distorcida da realidade. Quando questionados a esse respeito, os participantes dos diversos grupos se mostraram divididos entre os que preferiram relativizar as percepções externas do bairro e aqueles que deram razão, mesmo parcialmente, aos comentários sobre a localidade. De fato, não se pode negar que o local é violento, mas existem diferenças e é preciso considerar o efeito da ação da Força Nacional de Segurança Pública, em conjunto com a Polícia Militar de Goiás, em 2009. A ação, ocorrida seis meses antes da pesquisa, havia contribuído para coibir a criminalidade na região, sendo sentida especialmente nos grupos do sexo masculino. Porém, tal como em outras áreas estudadas, esse tipo de ação não é eficaz para modificar o estigma de violência associado à região no curto prazo. Mesmo seus efeitos sobre as estatísticas criminais ainda não puderam ser medidos. Na época da pesquisa, portanto, os participantes ainda conviviam com o preconceito e a discriminação pelo fato de serem moradores do Jardim Ingá, o que se expressa em sentimentos de revolta e indignação:

Eles criticam muito aqui, eles acham que quem mora aqui não tem responsabilidade, não dá conta do serviço, são poucas pessoas, pessoas que não tem... Os outros pensam que nóis aqui são nada. Aí pra arrumar um emprego nóis aqui é muito difícil, você tem que lutar muito, muito mesmo.
(Adolescente moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

P1: *É isso que ela falou, mas que toda coisa que num presta, acha que é o Jardim Ingá. É igual ela falou, acontece alguma coisa ao redor, é o Ingá. Tudo é o Ingá.*
P2: *A gente vai pra Brasília, dentro do ônibus, a gente escuta: "Você mora aonde?"*
" No Jardim Ingá."
"Ô lugarzinho, menina! Cê veio do fim do mundo pra Brasília, foi? Aquele lugar num é lugar de gente não!"
É o que a gente escuta, sabe? Quando fala "você mora no Ingá? Ave Maria, aquilo não é lugar de gente não!"
(Grupo de mães de adolescentes e jovens, moradoras do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

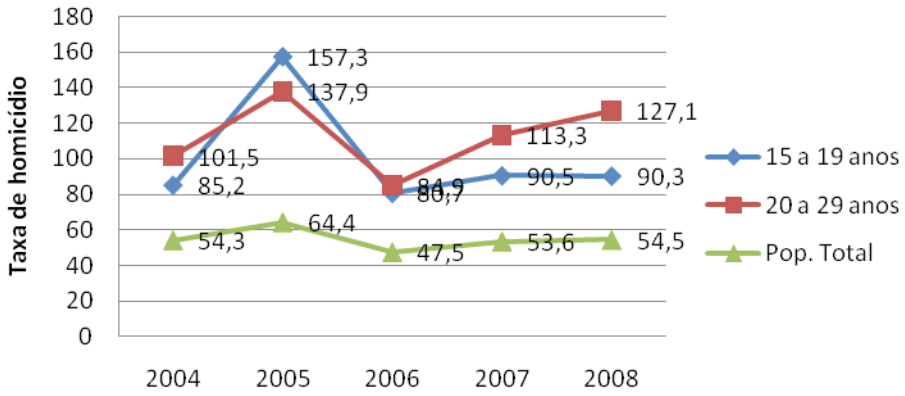
Dadas as características descritas anteriormente, ou seja, por ser um bairro de migrantes, cujos jovens são a segunda geração, e pela particularidade da situação de isolamento do Jardim Ingá, que impõe dificuldades de deslocamento para sua população, os grupos de adolescentes e jovens tendem a formar laços de sociabilidade e amizade profundamente valorizados, que contribuem para as perspectivas de permanência na localidade, apesar da violência. Comparativamente aos locais de origem, o interior de outros estados, o Jardim Ingá é considerado um local melhor para se viver, e aspectos positivos, como o trabalho do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil[11] (Peti), o forró, a igreja e o ginásio de esportes, foram eliciados.

11 No Jardim Ingá, em Luziânia, os grupos focais foram realizados no local de atividades do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

Exposição à violência

A análise de dados obtidos junto ao SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade), do Ministério da Saúde, para o período de 2004 a 2008, sobre Luziânia, mostra que o município apresentou um pico nas taxas de homicídio entre adolescentes de 15 a 19 anos e jovens de 20 a 29 anos, em 2005, com uma queda brusca no ano seguinte e um crescimento constante nos anos posteriores. Em comparação às taxas de homicídio para a população total, observa-se que os jovens de 20 a 29 anos têm, aproximadamente, duas vezes mais chance de morrer em relação à população total, enquanto os que estão na faixa etária de 15 a 19 anos, possuem 1,5 vez.

Gráfico 11 – Taxas de homicídio de adolescentes, jovens e na população total (1)
Luziânia-GO – 2004-2008



Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas populacionais para o TCU.

(1) Por 100 mil habitantes.

Ao se considerar o total do município de Luziânia, entretanto, não é possível perceber as localidades onde os adolescentes e jovens correm maior risco de envolvimento com violência letal (tanto como perpetradores, como no papel de vítimas). No estudo específico para esta pesquisa, tomou-se como base o Jardim Ingá, região de atenção do Pronasci, localidade caracterizada por expressiva ocorrência de crimes envolvendo jovens, cujos dados, porém, não são possíveis de obter nessa escala. O levantamento das informações a respeito das ocorrências e formas de violência às quais os moradores estão mais expostos foi obtido junto aos policiais militares do batalhão responsável pela área, bem como pela experiência dos moradores que participaram dos grupos focais.
Em relação ao trabalho da Polícia Militar de Goiás no Jardim Ingá, foram levantadas as dificuldades de atuação em função da amplitude da área de atuação e do tamanho do efetivo, composto por 80 policiais militares para um distrito de cerca de 110 mil pessoas. Isso significa um policial para cada 1.375 habitantes, sem contar aqueles que não estão na rua, mas ocupados em funções administrativas. Normalmente, são oito policiais atuando em cada turno de serviço de 12 horas (duas equipes para 24 horas), em esquema de 12 horas por 48, com apenas quatro viaturas para cobrir toda a extensão do Jardim Ingá.

A falta de efetivo traz consequências graves para a capacidade de atuação da polícia, o que se reflete nas suas práticas de aproximação e abordagem (a serem analisadas mais adiante) e nas representações da população em relação à qualidade do serviço oferecido.
Ainda segundo a polícia, há variações no perfil das ocorrências atendidas nos diferentes bairros que integram o Jardim Ingá, que tornam a região relativamente heterogênea no que diz respeito à presença tanto de organizadores do crime, como de fatores associados à concentração de determinados tipos de ocorrência/formas de violência em determinadas localidades. Cabe ainda enfatizar a mudança nos hábitos de venda e uso de drogas, especialmente a substituição, paulatina e recente, do uso da maconha e da merla[12] pelo crack, e a incidência cada vez maior de adolescentes em conflito com a lei. Nos casos mais graves, os mesmos adolescentes chegam a ser detidos de três a quatro vezes no mesmo mês por roubo, sendo soltos logo em seguida, por falta de instituições de acolhimento adequadas..

Temos um garoto aqui na região, hoje ele tá preso, já fez maior idade. Mas até ele completar a maioridade, ele já tem documentado, no mínimo, seis homicídio. Um tal de T... né, todo mundo conhece. Agora ele tá guardado.
(Policial militar, atuante no Jardim Ingá, Luziânia, GO)

Analisando-se separadamente as categorias codificadas como "ocorrências" e formas de "violência" eliciadas por moradores e policiais militares no decorrer das discussões em grupo, observa-se que a morte por assassinato, tipificada pela polícia como homicídio, é a ocorrência mais frequente. Os dados coletados junto ao SIM foram confirmados pela polícia, no sentido de ter havido diminuição significativa no número de mortes que, até 2006, era extremamente alto, chegando a 29 homicídios por mês. Chama atenção também o grande número de episódios envolvendo brigas e agressões físicas descritas como espancamentos.

Tabela 8 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais, no Jardim Ingá-GO

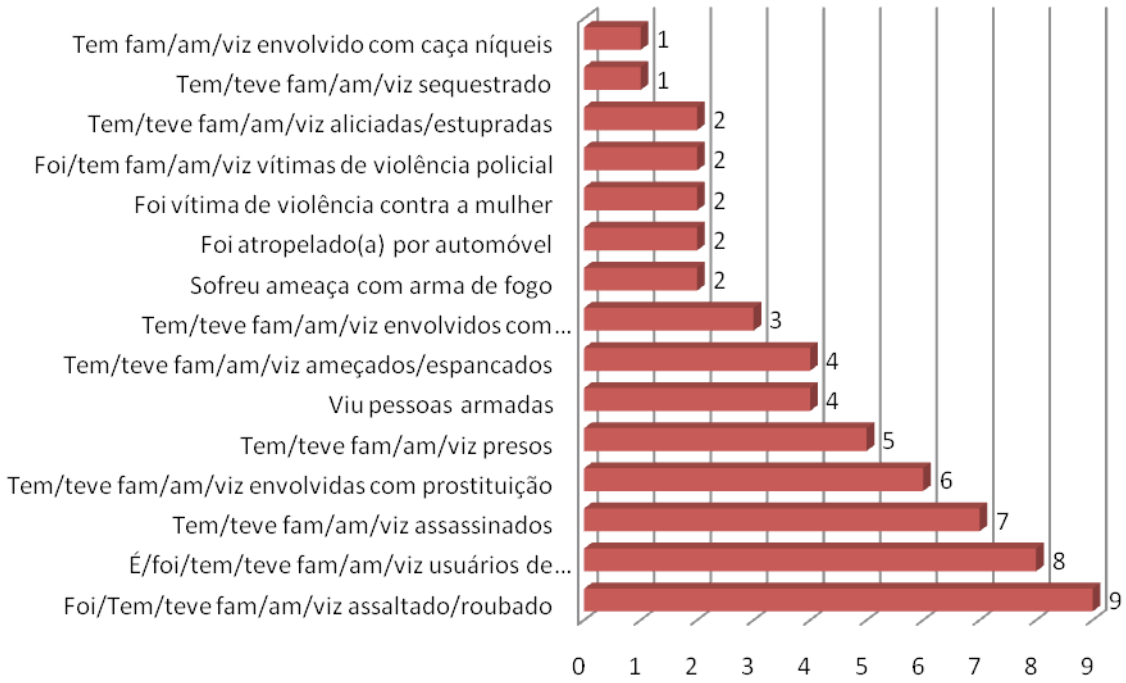
N	Moradores	N	Policiais
6	Assassinato	8	Homicídios
6	Uso/venda de drogas	5	Agressões/espancamentos
4	Assalto	3	Uso/venda de drogas
4	Briga/espancamento	2	Porte de armas
3	Estupro	2	Roubo
3	Roubo	1	Estupro
2	Violência contra a mulher	1	Latrocínio
1	Acidente de carro	1	Uso de álcool
1	Desmanche de carro	1	Ameaça verbal
1	Tiro na escola	1	Prostituição infantil no posto Passarela
1	Ameaça de professores		
1	Sequestro de crianças		

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

12 Subproduto da cocaína, em pasta, consumida por meio da inalação da fumaça da sua queima.

Já os episódios vivenciados e testemunhados de exposição à violência mais mencionados pelos moradores foram os assaltos (quase sempre com a presença de armas de fogo), mesmo durante o dia, e os roubos (qualificados como tal mesmo quando se trata de furtos), especialmente de casas. Essas situações ocorrem com tanta frequência que uma das estratégias para garantir a segurança pessoal é não andar com objetos de valor e não exibir ou utilizar o aparelho de telefone celular quando andando na rua. Os perpetradores desses crimes são sempre adolescentes e jovens, que furtam e roubam a fim de obter meios para comprar entorpecentes, não havendo a identificação de práticas organizadas.

Gráfico 12 - Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais no Jardim Ingá-GO



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Quadro 2 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais no Jardim Ingá-GO

Tem/teve familiares/amigas/vizinhas aliciadas/ estupradas	"Porque chegou gente entrando na casa e estrupou as filhas todas, na frente da mãe, dos irmãos... Não gosto nem de comentar isso. E foi muito triste isso, que aconteceu lá. (Chora). (...) Eles passaram a noite todinha, o dia todinho. Das nove horas, que começou isso, até as seis horas da manhã, estrupando as meninas. Foi muito triste." (Grupo de mães, Luziânia, GO)
Tem/teve familiares/amigas/vizinhas envolvidas com prostituição	"Eu tenho uma irmã, ela fugiu de casa. Hoje ela se prostitui. (...) O pensamento dela de ter fugido de casa foi ajudar minha mãe que morava na roça que tava passando fome. Só que acabou caindo na prostituição. (...) Ela fala pra mim assim, que ela entrou, mas não consegue sair. O dinheiro é muito fácil." (Grupo de jovens do sexo feminino, Luziânia, GO)
Foi vítima de violência contra a mulher	"Ele estranho, durante a semana... porque todo diferente? Aí ele foi beber. Aí quando foi no domingo ele me prensou assim no pescoço, no madeirite, numa barraca de madeirite, me prensou, e eu falei "Você tá ficando louco?" e ele "Você me fala a verdade, com quem que você tá!" (Grupo de mães, Luziânia, GO)
Tem/teve familiares/amigos/vizinhos presos	**P1:** "Teve uma vez que o irmão de um colega meu ele, a arma tinha quinze homicídios. Ele pegou trinta anos de prisão." **Mo:** "Mas ele sabia que a arma tinha quinze homicídios?" **P1:** "Não, ele pegou emprestado." (Grupo de adolescentes do sexo masculino, Luziânia, GO)
Tem/teve familiares/amigos/vizinhos usuários de drogas/álcool	"Eu tinha um amigo meu que ele usava dentro de casa. (...) Ele fumava em casa, em casa." (Grupo de jovens do sexo masculino, Luziânia, GO)

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Como observado em outras localidades estudadas, há diferenças de gênero e faixa etária no tipo de episódios vivenciados e testemunhados com mais frequência entre os grupos. Nos grupos femininos, houve maior menção aos casos de estupro, violência contra a mulher e, principalmente, envolvimento com a prostituição. Nos grupos masculinos, foram mais relatados os casos de envolvimento com uso de drogas, amigos e conhecidos presos e porte de armas.

Unidade Residencial 1 (UR-1), Ibura, Recife – PE

P1: *O Ibura é violento mas tem sangue bom, não é não?*
P2, P3, P4: *É, é!!*
P1: *É do Ibura que sai o pedrero pra construir os prédio em Boa Viagem, é do Ibura que sai o cara pra levar a maconha pros cara de Boa Viagem, né não? É do Ibura que sai os traficante pra mandar pra Boa Viagem...*
P2: *Mas é assim mesmo.*
P1: *O que seria de Boa Viagem, dos "noiado" em Boa Viagem se não fosse o Ibura?*
(Grupo focal com jovens moradoras do Ibura, Recife, PE)

O Ibura é um bairro do Recife que atualmente faz parte da RPA 6 (Microrregião 6.2) e integra várias Unidades Residenciais (URs), de um programa de zoneamento e ordenamento urbano por meio de loteamentos regulares da prefeitura municipal. As URs surgiram em 1966, depois de uma enchente histórica que desabrigou inúmeros moradores e levou a prefeitura a dar início ao projeto nos moldes da Cohab[13], mas sem infraestrutura urbana. Inicialmente, a região era uma grande extensão de areia ocupada por descendentes de índios, chamada de Morro da Areia. A chegada dos desabrigados e a ocupação da localidade, historicamente considerada periférica, contribuíram para a consolidação das percepções atuais externas como região precária, sem desenvolvimento, problemática.

Características

Segundo a associação de moradores da UR-1, o Ibura é geograficamente dividido em "Ibura de cima" e "Ibura de baixo". Ambos são formados por loteamentos regulares (URs) e ocupações ou invasões, denominadas comunidades ou bairros, dependendo do grau de organização e infraestrutura urbana.
Os dados da própria prefeitura municipal do Recife não estão atualizados. De acordo com a associação de moradores da UR-1, o Ibura tinha, na época da pesquisa, cerca de 172 mil habitantes, na maioria jovens de até 29 anos.
O bairro é região de atenção do Pronasci, embora não seja um Território de Paz. É considerado uma das localidades mais violentas do Recife, tendo sido objeto de reportagens de programas da rede Globo, mencionados pelos participantes em mais de um dos grupos focais realizados.
A imagem negativa do Ibura como local violento pode ser exemplificada pelo apelido onomatopeico, utilizado em todos os grupos de moradores, bem como pelos responsáveis da associação de moradores, pelo qual o bairro ficou conhecido: "pêi-pêi-pêi". A repetição do que seria uma sequência de três tiros – uma referência às trocas de tiro e às mortes extremamente frequentes por armas de fogo – foi utilizada em todos os grupos focais com moradores para se referirem ao Ibura:

Mo: *Vocês que moram aqui, o que o pessoal que mora aqui fala aqui do Ibura?*
P1: *Pêi-pêi-pêi. (risos)*
Mo: *Quê isso?*
P1: *Fala Ibura, é bala, pêi-pêi-pêi; fala, abaixa!*
P2: *A Ciderela[14] mesmo, eu moro no Ibura, o pior lugar que tem!*
(Grupo focal com adolescentes moradoras do Ibura, Recife, PE)

13 Companhia Habitacional de Pernambuco.
14 Personagem vivida por Jeison Wallace, no programa humorístico "Papeiro da Cinderela", da TV Jornal/SBT Pernambuco.

A imagem negativa do bairro é historicamente construída e fundamenta-se na falta de infraestrutura urbana, especialmente nas condições de moradia precárias que os moradores das ocupações de tipo invasão enfrentam, bem como na problemática da violência urbana. As referências à "falta de segurança" e a ideia de um lugar "muito violento" e "perigoso" foram frequentes em todos os grupos, incluindo o de policiais militares. É importante ressaltar que a imagem negativa foi reforçada pelo fato de ter sido veiculada, recentemente, em um *ranking* nacional, em uma reportagem da Rede Globo. É provável que esse fato, somado ao efeito da pesquisa, ou seja, ao evento de pesquisadores ligados ao Ministério da Justiça e ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública, oriundos de outros lugares do Brasil terem se interessado pela localidade, tenha intereferido na percepção dos moradores sobre o próprio bairro. Isso não significa que o Ibura não seja um bairro violento, mas os participantes podem ter enfatizado os problemas ligados à segurança pública e à violência por essas razões.

Para não sobrecarregar as discussões com esse viés, procurou-se, durante as dinâmicas, eliciar também imagens positivas e qualidades que, inclusive, favorecem a permanência na localidade. Embora poucos aspectos tenham sido evidenciados, os participantes dos grupos de adolescentes e jovens mencionaram especialmente os locais onde desenvolvem atividades esportivas e de lazer, como a quadra poliesportiva e a academia pública recentemente aberta na Praça da Vitória, grande ponto de encontro e entretenimento de jovens. Apesar dos inúmeros problemas, os adolescentes e jovens, especialmente do sexo masculino, consideraram o Ibura um lugar bom para se morar. As mães de adolescentes e jovens, que conheceram o impacto que a cheia de 1966 teve sobre o Recife, fizeram referência ao fato de o Ibura não ter problemas de alagamentos e, por essa razão, "ter um clima bom".

As deficiências e os problemas, entretanto, sobressaem em relação às qualidades e imagens positivas. No total, foram codificadas 32 referências como "deficiências" e "problemas", sendo as mais frequentemente mencionadas, em todos os grupos de moradores, a falta de segurança e policiamento, em primeiro lugar, e a falta de opções de lazer e cultura, em segundo.

Tabela 9 – Deficiências e problemas do Ibura-PE, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	Deficiências e problemas	Exemplos
9	Falta de segurança/policiamento	"Tem o núcleo (policial) aqui, dez hora da noite, fecha."
7	Falta de opções de lazer	"Tem que ter mais um lazerzinho por aqui, uma pracinha."
5	Má qualidade do atendimento na saúde	"O Posto de Saúde daqui não atende. Eles têm uns funcionários, mas eles vêm quando quer trabalham quando quer."
3	Falta de iluminação pública	"Tá muito precária."
3	Falta de saneamento/higiene	"E não temos saneamento. (...) É tudo fossa".
2	Falta de pavimentação	"Aqui tem várias ruas sem tá urbanizadas".
1	Falta de agência bancária	"Pra ir no banco, tem que ir lá em Ibiribera ou na cidade."
1	Transporte público ineficiente	"Quando a gente quer sair prum canto, tem muita gente, e os ônibus tão saindo muito pouco."
1	Desinteresse pelos estudos	"Muita gente não quer mais saber de estudo, só quer saber de ficar se drogando."
1	Ocupações irregulares	"Tem pessoas que ainda continuam com suas casas sem poder construir."
1	Discriminação	"Porque discrimina muito. (...) Por conta de cor, físico."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Tendo em vista os principais problemas apresentados, não é de se estranhar que o aspecto mais importante eliciado pelos moradores tenha sido a questão da segurança, especialmente nos transportes públicos, onde acontecem grande número de assaltos, e nas escolas. Em segundo lugar foi enunciada a necessidade de mais opções de lazer, principalmente de locais para a prática de esportes. Embora as melhorias realizadas na Praça da Vitória tenham contribuído para que ela deixasse de ser um local degradado, frequentado por usuários de drogas e onde ocorriam muitos assaltos, este espaço não comporta a demanda de um bairro das dimensões do Ibura.

Tabela 10 – O que é importante para o Ibura, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	O que é importante	Justificativa
8	Segurança	"Quase toda vez você é assaltado." "Ter alguém nos olhando, pra nos proteger melhor."
3	Educação e cultura	"É muito importante os livros pra quem tá aprendendo a ler agora."
3	Esporte e lazer	"Os meninos ficam solto, num tem ocupação." "Pra gente tirar eles da rua."
3	Agência bancária	"Os aposentados vão pra cidade, vão pra Afogados."
2	Atendimento médico	"Boa parte das pessoas não tem médico da família."
2	Asfalto/pavimentação	"Porque tem muitos acidentes, alagamento."
1	Iluminação pública	"Sempre tem uns garotinhos ali fumando."
1	Supermercado	"Tem mais oportunidade de emprego, acho que abre bastante vaga de emprego pra quem tá no bairro."
1	Habitação	"Porque a Caixa Econômica hoje ela só quer fazer casas que as pessoas ganham de 1 a 5 salários, e tem muita gente hoje que vive de bico."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Não houve grandes diferenças entre os grupos em relação aos aspectos considerados mais importantes para o bairro, embora as mães (tanto jovens como mães de adolescentes e jovens) tendam a dar considerável importância à necessidade de haver espaços de lazer e ocupação para crianças, como medida de proteção à exposição à violência e ao crime. Em todos os grupos de moradores a má qualidade do atendimento na saúde e a corrupção dos agentes – venda de fichas e até de lugares na fila – foram temas recorrentes.

O Ibura é um bairro muito grande e bastante heterogêneo. Segundo as lideranças comunitárias da associação de moradores e as informações fornecidas pela Polícia Militar, integram a localidade as URs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10 e 11, sendo que as URs 6 e 11 pertencem ao município de Jaboatão dos Guararapes, mas fazem parte do Ibura, além de vários bairros e comunidades, como Xingu, Vila da Aeromoça, Carrapateira, Rio Melaço, 22 de Fevereiro, Candieiro, Chapéu do Papa, Direito de Amar, Jardim Monte Verde, Alto dos Carreiros, Três Carneiros, Lagoa Encantada, Milagres, Pantanal, Sesi, Ilha das Cobras, entre outros, que dão ideia da dimensão dessa área. Embora comporte mais de 20 subdivisões, a região é sempre referida como Ibura e tende a ser vista como um bairro só por quem não é de fora. Esse fato contribui para reforçar a imagem negativa do Ibura, uma vez que localidades muito violentas, com altos índices de criminalidade, como o Milagres, por exemplo, servem como fonte constante de notícias "sobre o Ibura".

O fato mais emblemático foi a reportagem veiculada pela Rede Globo, que situou o Ibura, em um *ranking* nacional, como o "território mais violento do Brasil", contribuindo para reforçar a imagem já deteriorada da região. O grande número de mortos, ilustrado pelos IMLs e cemitérios locais sobrecarregados, é indicador do elevado número de homicídios – associados, sobretudo, aos acertos de contas entre usuários de drogas e traficantes – ocorridos na região. Além disso, o aspecto de "favela", especialmente nas áreas onde não há pavimentação nas ruas, contribui para disseminar a imagem de um local com infraestrutura urbana precária, onde prevalecem ocupações e mortes violentas.
O estigma da localidade se reflete no medo de quem é de fora do Ibura, chegando a atrapalhar a vida dos moradores. Casos semelhantes aos ocorridos em outras localidades estudadas, como de taxistas que se recusaram a levar passageiros e compras que deixaram de ser entregues, foram relatados pelos moradores. Os episódios mais graves, relatados pelos jovens do sexo masculino, foram os de discriminação pelo fato de residir no Ibura.

P1: *E outra coisa. Se tá rolando uma festa na cidade, aí tem uma galera lá, pensam, "Eles são do Ibura, vai roubar aqui". Já pensa que a gente vai roubar, sendo que a gente foi pra curtir a festa. "São do Ibura, quer roubar." Aí quer botar pra correr...*
Mo: *As pessoas pensam que vocês são assaltantes, violentos?*
P2: *Se a gente entrou mesmo num mercadinho de Boa Viagem e eles souberem que a gente é do Ibura, eles ficam logo de olho. Eles ficam logo de olho, disfarçando, atrás da pessoa. Com medo. Entendeu? Então a gente é discriminado nesses canto que a gente chega, entendeu? Nesses canto que a gente chega. Vamos dizer assim que a gente entre num apartamento de Boa Viagem, eles não confia na gente, eles não confia na gente, entendeu? Eles não confia.*
(Grupo focal com jovens moradores do Ibura, Recife, PE)

Entre as principais consequências negativas apontadas por esses jovens, está a discriminação ao se procurar emprego. Quem conhece a localidade, entretanto, reconhece a enorme heterogeneidade que existe entre as URs, bairros e comunidades que compõem o Ibura, no que diz respeito ao número e ao perfil das ocorrências. Segundo os moradores, os locais mais violentos são o Milagres e o Pantanal, seguidos por Candieiro, Lagoa Encantada, URs 2 e 3 e Ibura de Baixo. A UR 1 é, atualmente, a região mais central e menos perigosa.

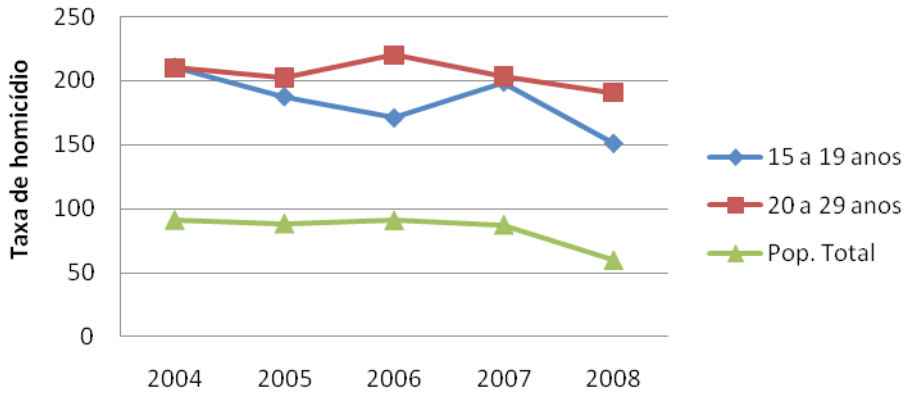
P2: *Tem um lugar lá em Bela Vista, lá não é Ibura, lá é Jordão.*
P1: *A imprensa, cabe a imprensa -*
P2: *A imprensa faz isso.*
P1: *Matam em Dois Carneiros lá na porta de Jaboatão e aí diz que foi no Ibura.*
(Grupo focal com mães de adolescentes e jovens, moradoras do Ibura, Recife, PE)

A atenção dada pela mídia às ocorrências próximas e no entorno do Ibura concorre para inflacionar a criminalidade na região e a percepção de que a localidade é um território violento, refletindo-se não apenas nas representações externas sobre o bairro, mas também na autoimagem dos próprios moradores.

Exposição à violência

De acordo com os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, do Ministério da Saúde, as taxas de mortalidade de adolescentes e jovens em Recife, entre 2004 e 2008, indicaram uma tendência de queda, mas situaram-se sempre muito altas em relação à população total. Em média, no período analisado, um adolescente de 15 a 19 anos apresentou 2,2 vezes mais chances de morrer por homicídio do que a população total. Essa média foi de 2,5 para jovens entre 20 e 29 anos.

Gráfico 13 - Taxas de homicídio de adolescentes, jovens e na população total (1) Recife – 2004-2008



Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas populacionais para o TCU.

(1) Por 100 mil habitantes.

Esses dados vão ao encontro dos resultados obtidos no relatório inicial, que situaram Recife entre os 47 municípios com Índice de Vulnerabilidade Juvenil mais altos entre os 266 com mais de 100 mil habitantes analisados pela Fundação Seade.

Devido ao seu tamanho, Ibura é divido entre o 6º BPM (de Jaboatão dos Guararapes) e o 12º BPM (de Recife). Segundo a Polícia Militar, o bairro apresentou mudanças importantes no perfil das ocorrências devido, principalmente, à reorganização do tráfico de drogas. Calcula-se que o crack tenha sido introduzido na região há cerca de seis anos. Até então, os tipos de ocorrência que caracterizavam o Ibura, na época dos bandidos conhecidos como Johnny e outros que tinham o perfil "Robin Hood"[15] descrito pelos policiais militares, eram o sequestro e o homicídio. Naquela época, o que se traficava era maconha. Atualmente, com o advento do crack, que tem um retorno muito grande e rápido, o sequestro diminuiu em grande número, especialmente na favela dos Milagres e em outras favelas, sendo substituído pelo tráfico. A polícia identifica uma proliferação de pequenas gangues traficantes de drogas, controladoras de pequenos territórios, mas que não chegam a entrar em conflito na intensidade com que ocorria no passado. Uma hipótese para isso é o fato de que os envolvidos estão entrando no tráfico cada vez mais jovens e não têm experiência nem capacidade de se especializar ou expandir suas áreas de atuação. Com efeito, segundo os moradores, há até pouco tempo havia

15 Bandidos que tinham entre suas práticas habituais a de oferecer benefícios à comunidade, como distribuição de cestas básicas, gás de cozinha, entre outros, amealhando certo respeito e admiração dos moradores.

uma rivalidade grande entre traficantes do Candieiro e do Milagres, que acabaram mortos ou presos. Seus sucessores, entretanto, não conseguiram continuar organizando a comercialização da droga na mesma escala que os anteriores, corroborando as afirmações da polícia.
Analisando as principais referências codificadas como "violências" e "ocorrências" eliciadas por moradores e pela polícia, observa-se que os assaltos à mão armada relacionados ao uso de drogas têm se tornado cada vez mais frequentes, o que reforça o impacto do crack na localidade. Qualquer quantia que puder ser obtida com a venda de celulares, bicicletas, tênis e outros objetos roubados ou furtados interessa ao dependente da droga.

Tabela 11 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais, no Ibura-PE

N	Moradores	N	Policiais
7	Assalto/roubo	2	Tráfico de drogas
5	Uso/tráfico de drogas	2	Violência contra a mulher
4	Morte	1	Transporte de drogas
3	Briga	1	Uso de drogas
3	Vandalismo	1	Uso de álcool
2	Violência contra a mulher		
2	Uso de álcool		
2	Porte de armas/tiroteio		
1	Prostituição		

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

O grau de exposição à violência dos moradores do Ibura pode ser medido pelo número de testemunhos elicidados durante as discussões em grupo focal. Considerando-se somente os episódios codificados como "experiências pessoais" e "testemunhos", foram identificados mais de 50 casos, sendo o mais grave o relato, repetido em três grupos diferentes, de uma série de assassinatos ocorridos no fim de semana anterior à pesquisa, quando nove pessoas foram mortas, a partir de ordens emitidas de dentro do presídio. Todos eram jovens do sexo masculino e estavam envolvidos com o tráfico de drogas. Em um período de menos de 12 horas, foram perseguidos e mortos em diferentes localidades do Ibura. Não por acaso, as referências mais recorrentes foram sobre uso de drogas e assassinatos.

Gráfico 14 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais no Ibura-PE

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Quadro 3 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais no Ibura-PE

Tem/teve familiares/amigos/ vizinhos usuários de drogas	"Eu tenho uma amiga minha que a família dela todinha fuma, só não fuma a senhora, porque ela já é de idade, mas eu acho que quando era novinha ela fumava." (Jovem moradora do Ibura, Recife, PE)
Teve familiares/amigos/vizinhos assassinados	"E quando não é isso, teve o final de semana que a gente achou um absurdo, quem é que não se lembra, não faz nem muito tempo, acho que não faz nem um mês. Mataram NOVE." (Grupo de jovens do sexo feminino, Recife, PE)
Foi vítima/testemunhou violência policial	"Essa semana mesmo eu vi um rapaz lá perto da casa de minha tia, um rapaz roubou. Roubou um celular de uma menina (...) Ele chegou correu lá pra dentro de um campo onde não tem saída. (...) Os policial entraram, pegaram o rapaz, primeiro, pra assustar ele, deram quatro tiro, quatro tiro pra cima. A população tudo ali. (...) Pegaram o rapaz, deram na cara do rapaz, o outro que tava junto disse assim, 'Se eu levar um arranhão, um arranhão só, eu desconto tudo nele.'" (Jovem morador do Ibura, Recife, PE)
Foi vítima/testemunhou ameaça de morte	"E a gente não sabe como é que dois companheiro nosso, que mora no Milagres, eles tão se afastando dessa reunião [com representantes do governo] porque foram ameaçado de dentro do presídio." (Mãe de adolescentes e jovens e líder comunitária moradora do Ibura, Recife, PE)
Tem/teve familiares/amigas/ vizinhas vítimas de exploração sexual	"Eu tenho uma prima que foi caí nesses negócio. (...) Aí... ela começou a frequentar a praia de Boa Viagem. Aí lá ela conheceu um homem, e quase todo o dia ele passava por lá. Aí diz que ele prometeu várias coisas a ela. (...) Aí ele foi, e levou ela prum lugar aí e vendeu ela, essas negócio, essas casa. E aí até hoje ela tá presa, e não pode sair de lá. (Adolescente moradora do Ibura, Recife, PE)

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Foram observadas algumas diferenças no tipo de violência/crime do qual o participante foi vítima ou testemunhou durante as discussões em grupo. Embora os episódios de assassinatos tenham sido relatados com igual frequência em todos os grupos, as mulheres foram mais vítimas de assalto à mão armada e se referiram aos casos de violência doméstica, prostituição e exploração sexual de menores. Os adolescentes e jovens do sexo masculino, por sua vez, relataram com mais frequência episódios de violência policial. É importante mencionar que, especificamente no caso do grupo de mães de adolescentes e jovens, a presença de duas líderes comunitárias deu à dinâmica um perfil diferenciado. O contato muito próximo, enquanto lideranças, tanto com os moradores como com organizadores do crime possibilitou a troca de informações. Nesse grupo foram relatados episódios de ameaças de morte, evidenciando conflitos entre organizadores do crime e lideranças comunitárias que atuam em bairros diferentes e circulam entre territórios. Muitas vezes, o contato dessas lideranças com a polícia resultou em sequestros e morte de colegas.

ZAP-5, Rio Branco – AC

Os pessoal fala, eu fiz cursinho (...), aí os menino lá perguntaram 'Tu mora aonde?", aí eu disse: "No Mauri Sérgio". Aí me apelidaram até por Mauri Sérgio, não me chamavam nem pelo meu nome, só por causa do bairro. "Eu tenho medo até de falar contigo, tu é lá do Mauri Sérgio, mó do pessoal de lá querer vir me pegar." Os pessoal fala desse jeito.
(Jovem morador da ZAP-5, Rio Branco-AC)

A Zona de Atendimento Prioritário – ZAP 5 compreende dois bairros da capital do Acre, Rio Branco: o Santa Inês e o Mauri Sérgio. Um terceiro bairro vizinho, o Areal, compõe juntamente com os dois primeiros um dos Territórios de Paz do Pronasci, sendo atendido pelo 2º Batalhão da PM, que é responsável por uma grande área urbana e rural, com mais de vinte bairros, incluindo um conjunto de estradas vicinais (conhecidas na região como ramais). O maior desses bairros é o Taquari, com cerca de 6.600 habitantes,[16] onde se concentra grande população carcerária em regime semiaberto. Segundo a Polícia Militar, essa população é a responsável pela maior parte das ocorrências nessa localidade.

A região onde se situa o Território de Paz era uma área de invasão, cuja vegetação típica é o buriti. A população local foi retirada para a realização de obras de infraestrutura urbana e, posteriormente, reinstalada; porém, ainda faltam várias melhorias. A principal delas, segundo moradores e polícia, é a pavimentação das ruas. Devido ao clima equatorial característico da localidade, na época das chuvas o terreno fica intransitável, o que dificulta a vida dos moradores e o atendimento das ocorrências. O Território de Paz foi instalado na região onde já havia alguma infraestrutura urbana e, principalmente, melhor aticulação entre as forças de segurança por meio de práticas de policiamento comunitário e ações conjuntas de assistência e combate à pobreza. A escolha teve por objetivo aumentar a probabilidade de eficácia e efetividade do programa.

O efetivo do 2º BPM conta com 60 homens e mulheres. Só o Território tem uma população de 11 mil habitantes, sendo o bairro Santa Inês o mais populoso, com 5.732 pessoas, seguido pelo Areal (3.737) e Mauri Sérgio (2.468). A região tem sido alvo de investimentos públicos: há duas novas escolas e um projeto de saneamento básico em andamento.

16 Segundo dados do IBGE de 2007, fornecidos pela Polícia Militar do Acre.

Segundo a responsável pelo Centro de Referência em Assistência Social (Cras), onde os grupos focais com moradores foram realizados, um processo importante a ser destacado é o da proliferação de igrejas neopentecostais na região, que emergem de brigas internas nas igrejas maiores e começam no bairro conduzidas por pessoas muito jovens, com pouca ou nenhuma formação teológica. De todas as localidades estudadas, a ZAP-5 foi a região onde o fenômeno da evangelização foi mais contundente, especialmente entre os jovens.

Características

Nas referências eliciadas pelos moradores da ZAP-5, é possível observar variações de acordo com o bairro de origem, especialmente no que diz respeito aos problemas de infraestrutura, como a questão da violência. Alguns participantes eram oriundos de bairros fora do Território de Paz, inclusive da zona rural, e puderam oferecer uma visão contrastante do Santa Inês, do Mauri Sérgio e do Areal em relação a essas localidades.
De modo geral, cabe destacar que, de todas as localidades estudadas, os participantes de Rio Branco foram os que mencionaram maior número de qualidades para os bairros onde vivem e também os que manifestaram maiores perspectivas de permanência no local de residência, apesar do aumento da violência, constatado em todos os grupos.
A proximidade com a floresta e a zona rural propicia aos moradores do 2º distrito (delimitação da prefeitura onde se situa o Território de Paz) viver em um contexto com características diferentes dos bairros situados em grandes cidades, onde houve maior *urbanização*. Uma das qualidades apontadas é a possibilidade de tomar banho em açudes, por exemplo. Embora a ZAP-5 seja carente de abastecimento de água encanada e, principalmente, de sistema de esgoto, o 2º distrito está situado sobre grandes lençóis freáticos, cuja qualidade da água é apontada pelos moradores como um dos principais diferenciais da localidade.

P1: *Uns querem morar por causa da água. Porque aqui pro 2º distrito a água é boa, né. Não falta água. A gente, por exemplo, cava um poço artesiano, não falta água, e já pra outros bairros, é pelo SAERB*[17] *e muitos ficam sem água.*
Mo: *Quando fala que a água é boa é o quê?*
P2: *Ela não tem gosto ruim*
P1: *Não tem aqueles ferrugem, que nem tem lugar no Mauri Sérgio que as pessoas cavam poço artesiano e aí fica acumulado aquele ferrugem, não sei por quê. Num sei se é por causa dos buriti, porque lá tem muito pé de buriti, sabe? Num sei, mas aqui no Santa Inês, é muito boa a água.*
(Grupo focal com jovens moradoras da ZAP-5, Rio Branco, AC)

As demais qualidades mencionadas refletem o impacto das melhorias implantadas pelos governos estadual e municipal na localidade, como a construção de novas escolas, o transporte público e a perspectiva de crescimento com a instalação de empresas e indústrias nas proximidades.
Além da falta de pavimentação nas ruas, que provoca inúmeros transtornos tanto para os moradores como para a polícia, os principais problemas apontados pelos participantes foram a falta de equipamentos esportivos e alternativas de lazer para crianças, adolescentes e jovens e a má qualidade do atendimento na área da saúde.

Tabela 12 – Deficiências e problemas da ZAP-5-AC, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	Deficiências e problemas	Exemplos
11	Falta de equipamentos esportivos e de lazer	"Tem que pagar pra jogar bola na escola."
8	Falta de pavimentação nas ruas	"As ruas tão bem feia, não tem asfalto, tem que botar sacola no pé."
5	Falta/má qualidade do atendimento médico	"No posto, vai atrás de remédio, num tem, vai atrás de médico, falta."
5	Falta de abastecimento/ saneamento	"Esgotamento, drenagem, nos bairros, tá faltando muito."
4	Falta de policiamento	"Porque aqui no Santa Inês tá faltando, tão levando os tênis, bolsa, no nosso colégio."
4	Falta de iluminação pública	"No ramal ninguém anda de noite, porque tudo é escuro."
1	Falta de cursos profissionalizantes	"Porque eles pedem pra fazer muito curso profissionalizante."
1	Falta de interesse pela escola pública	"A maioria dos jovens tão deixando as escolas."
1	Transporte urbano muito caro	"Tudo aqui no Acre é caro" (passagem de ônibus).
1	Falta de agência bancária	"Só tem um caixa eletrônico da Caixa econômica."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Destaque-se que a falta de equipamentos esportivos e alternativas de lazer veio relacionada ao grande número de quadras esportivas particulares, em que são cobradas uma taxa para utilização, o que desestimula seu uso por adolescentes e jovens de famílias de baixa renda. Essa prática tem se disseminado inclusive entre escolas municipais, que, mesmo constituindo espaços públicos, abrem suas quadras para utilização nos finais de semana mediante cobrança. Uma vez que a prática esportiva predominante é o futebol, preferido pelos adolescentes e jovens do sexo masculino, essa demanda foi observada com mais frequência nesses grupos e também naqueles de mães com filhos do sexo masculino.

A falta de pavimentação é um transtorno tão impactante na vida dos moradores que foi mencionada em todos os grupos nessa localidade. Na época de chuvas, a lama que se forma nas ruas não apenas entra nas casas, como também impede o trânsito de pessoas, bicicletas, motocicletas, ônibus e automóveis. Nos piores dias não é possível sair de casa e as mães deixam de levar os filhos à escola. Para caminhar é preciso cobrir os sapatos e sandálias com sacolas de plástico e o trabalho da polícia só é possível com carros equipados com tração nas quatro rodas, ou, na gíria local, carros "traçados".

As deficiências e problemas da ZAP-5 estão relacionados ao que os participantes explicitam como importante para a localidade e, muitas vezes, a definição do problema já comporta o que é necessário para o local. Nesse sentido, o que foi apontado como importante para a ZAP-5 não difere muito do que foi exposto como deficiências e problemas, especialmente a necessidade de equipamentos esportivos e de lazer e policiamento. Destaque-se a demanda por equipamentos ligados à cultura, como bibliotecas e locais para a prática de capoeira e hip-hop, além do interesse pela ampliação de programas habitacionais.

Tabela 13 – O que é importante para a ZAP-5-AC, segundo os moradores participantes dos grupos focais

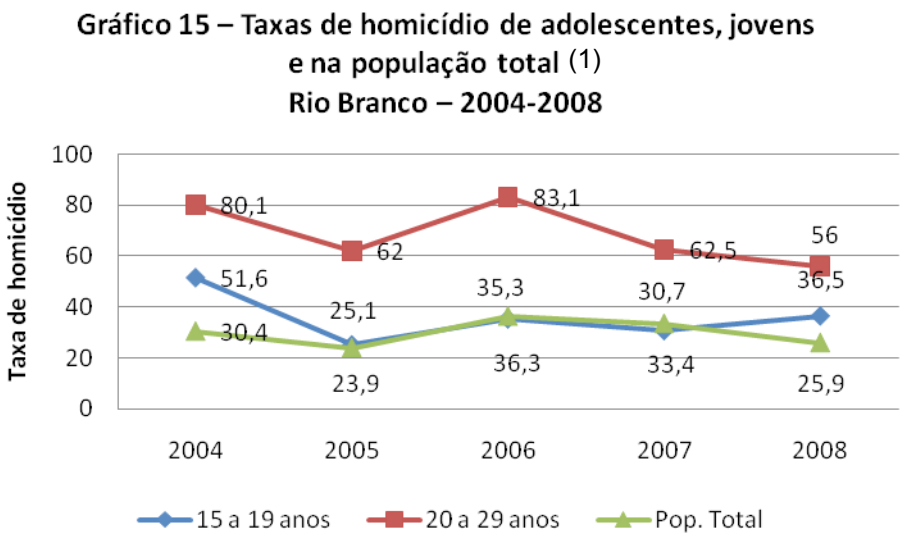
N	O que é importante	Justificativa
8	Esporte e lazer	"A quadra é particular, eles têm que pagar." "Muita gente sai daqui pra jogar bola lá na Arena."
6	Policiamento/segurança	"O pessoal às vezes tem medo de ir pra Arena, porque o pessoal às vezes assalta." "Não tem policiamento na escola."
4	Biblioteca/cultura	"Quando os professores passam, os menino têm que ir lá no centro pesquisar na biblioteca pública."
2	Habitação	"A maioria do pessoal mora alugado."
2	Iluminação pública	"Porque muitas ruas não têm iluminação própria e quando têm eles quebram."
1	Asfalto	"Porque é lama demais, a gente não tem pra onde tá saindo."
1	Atendimento médico	"Aqui o pronto-socorro é o terror, todo mundo é mal atendido."
1	Educação	"Estudar pra distrair a mente, praticar alguma coisa."
1	Agência bancária	"Tem que ir pro centro, e além de ter poucos ônibus, nem sempre tem dinheiro pra ir pro centro."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Cabe destacar que a exigência por mais segurança e policiamento, no caso dos participantes da ZAP-5, refere-se, sobretudo, às escolas, em que tanto os adolescentes e jovens como as mães percebem que os problemas envolvendo brigas entre alunos, assaltos nas imediações e uso de drogas têm aumentado consideravelmente, daí a demanda por guardas municipais e rondas escolares.

Exposição à violência

A análise dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, do Ministério da Saúde, indica que as taxas de mortalidade por causas externas qualificadas como homicídio são consideravelmente mais baixas em Rio Branco do que em outras capitais e localidades estudadas. Além disso, no período em análise (2004 a 2008), estes índices têm apresentado certa tendência de queda. O que é mais relevante a ser apontado, entretanto, em relação a esses dados, é a grande diferença entre as taxas de mortalidade para a faixa etária de 15 a 19 anos e a de 20 a 29 anos. Na primeira, os valores se aproximam àqueles registrados para a população total e, em dois anos consecutivos, ficaram abaixo dessa média. Já na segunda, as taxas acompanham as mesmas tendências evolutivas daquelas referentes à população total; porém, em média, a chance de um jovem de 20 a 29 anos morrer vítima de homicídio, em Rio Branco, entre 2004 e 2008, foi 2,3 vezes maior ao se comparar à média para a população total.



Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas populacionais para o TCU.

(1) Por 100 mil habitantes.

Uma das principais características da ZAP-5 é a percepção, segundo os moradores, de que os bairros que a integram têm se tornado cada vez mais violentos, contribuindo para formar imagens negativas da localidade. Além dos problemas de falta de pavimentação, má qualidade do atendimento médico e falta de segurança, os participantes apontaram o tráfico de drogas entre os fatores que contribuem para esta situação.

O levantamento das referências feitas pelos participantes indicou que, dos bairros abrangidos pelo 2º BPM, o Santa Inês, o Mauri Sérgio, o Belo Jardim e, principalmente, o Taquari são considerados os mais perigosos, por diferentes razões. No caso de localidades mais afastadas do centro, qualificadas como zona rural, a dificuldade de acesso, a falta de iluminação pública, a distância e a existência de muitos lugares ermos próximos à floresta tornam esses bairros particularmente perigosos, especialmente à noite. As principais ocorrências ligadas a essas áreas são assaltos à mão armada, latrocínios, homicídio e ocultação (desova) de cadáveres, além do estupro. Já no caso do Taquari, a presença de grupos organizados envolvidos com o crime, que controlam a entrada e saída de pessoas, parece ser o principal problema.

P1: *Quando eu cheguei aqui, o pessoal falava, que era muito perigoso, principalmente no Areal. Realmente, lá é mais perigoso um pouco, não sei se tem alguém aqui do Areal. Agora tá mais tranquilo, Mauri Sérgio, também, tava tendo muito caso assim de morte, tavam matando muito. (...)*

Mo: *Onde vocês acham que é mais perigoso?*

P2: *Pra mim o Areal.*

P3: *Pra mim o Taquari.*

Mo: *O Taquari. Vocês acham que lá...*

P2: *Lá nos meus tempo de criança, que eu vivi lá até uns quinze anos, não era tão não, não era tão perigoso, mas agora tá. Agora tá.*

P4: *Eu acho o Montanhês. (...)*

Mo: *O mais perigoso é o que? É onde acontecem mais mortes, ou é onde acontecem mais assaltos? O que é...?*

P3: *Pra mim é a morte mesmo.*
P4: *A morte, assalto, lá é tudo.*
(Grupo focal com jovens moradoras da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Aqui não [no Santa Inês], é marginal, é assalto, é matando policial, é tiro de noite, é policial, é não sei o quê.
(Jovem morador da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Assim como em outras localidades estudadas, a ZAP-5 sofre os efeitos do aumento da violência, da veiculação de notícias de crimes violentos pela mídia e da paulatina estigmatização dos bairros. Embora não tenha sido constatado um processo de homogeneização das diferenças entre o Santa Inês, o Mauri Sérgio e o Areal, a tendência à referência dessas localidades, por não moradores, como locais perigosos foi percebida. Também foram relatados casos de motoristas de táxi que se recusaram a levar passageiros até o Santa Inês.
As referências codificadas como "violências" e "ocorrências", apresentadas tanto por moradores como por policiais militares, indicam que os tipos de violência e crime que ocorrem com mais frequência são os assaltos à mão armada e os roubos, especialmente de bicicletas, celulares e motocicletas, o uso e a venda de drogas e também a violência contra a mulher ligada ao uso de álcool e drogas. O aumento da violência, na percepção dos moradores, está relacionado à incidência dos latrocínios, ou seja, dos roubos seguidos de morte.

Tabela 14 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais, na ZAP-5-AC

N	Moradores	N	Policiais
12	Roubo/assalto	11	Assalto/roubo/furto
6	Briga/espancamento	**7**	Uso/tráfico de drogas
6	Uso/venda de drogas	**5**	Violência contra a mulher
6	Prostituição/aliciamento	**3**	Homicídio
6	Violência contra a mulher	**2**	Uso de álcool
5	Assassinato	**1**	Disparo de arma de fogo
2	Violência policial	**1**	Briga
2	Racha/rixa	**1**	Estupro
1	Estupro	**1**	Aliciamento
1	Acidente de trânsito	**1**	Ameaça
1	Sequestro de crianças		
1	Uso de álcool		
1	Tráfico de armas		

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

O perfil das ocorrências pode ser comparado ao tipo de "experiências" e "testemunhos" relatados pelos participantes. Com efeito, houve poucos casos de morte violenta, mas é preciso destacar, especialmente nos grupos de adolescentes e jovens do sexo feminino, o grande número de casos de abordagem e perseguição, na rua, por homens que tentaram aliciá-las como prostitutas, ou tentativas de estupro. Em vários casos, houve assédio sexual, em que o homem abordou as meninas e exibiu os órgãos genitais. Segundo as participantes, isso ocorre devido ao grande número

de adolescentes e jovens envolvidas com a prostituição. De acordo com a Polícia Militar, em Rio Branco há preferência por adolescentes, o que explicaria os casos de aliciamento para prostituição e até mesmo sequestro e venda de crianças, adolescentes e mulheres. O Gráfico 16 confirma as observações obtidas a partir da Tabela 14 e permite precisar melhor o tipo de violência e crime com os quais os participantes tiveram mais contato até o momento da pesquisa e que ficou mais presente na memória.

Gráfico 16 - Experiências pessoais e testemunhos, segundo os moradores - ZAP-5, AC

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Quadro 4 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais na ZAP-5-AC

Foi vítima de assalto/roubo	"Eles o cara de lá, assaltou a casa de meu pai, que é uma lan-house, uma locadora. Assaltou a casa do meu pai, botou a arma do meu pai na cara, ficaram todo traumatizado, quiseram até ir embora. Então o pai ajudou o cara a ser preso. E ele ficou sabendo, esse cara. E esses tempo ele saiu e falou pra todo mundo que ia matar o pai." (Adolescente morador da ZAP-5, Rio Branco, AC)
Tem/teve familiar/amiga/vizinha vítima e violência doméstica	"Porque eu conheço uma mulher que ela levou trinta facadas, aí ela foi lá pra casa e a mãe que tirou os pontos dela." (Adolescente morador da ZAP-5, Rio Branco, AC)
Tem/teve familiares/amigos/ vizinhos envolvidos com o tráfico	"Eu conheço o traficante aqui do Santa Inês, ele tem várias armas na casa dele. Eu já andei com ele muito assim, ele tem arma na casa dele." (Jovem morador da ZAP-5, Rio Branco, AC)
Foi vítima/teve familiares/amigos/ vizinhos vítima de agressão	"Acredita que o cara que tinha pedido informação de onde ela mora tava lá dentro espancando ela? Aí deu uma pisa nela, quebrou isso aqui dela tudo, aí nóis peguemo, aí quando ele terminou de bater nela, ele veio correndo com uma faca na mão e ainda cortou assim nela. Aí nóis fomo pra delegacia." (Jovem moradora da ZAP-5, Rio Branco, AC)
Foi vítima de assédio sexual	"Quando eu vinha, aí veio um homem num carro preto, e me chamou pra mim entrar dentro do carro, e eu falei que não ia entrar. Aí eu saí correndo e gritando e ele falou: "Não adianta correr que eu te pego". Aí eu corria e ele colocava o carro em cima da calçada querendo me pegar, só sei que vinha dois casal assim, eu gritei por socorro, e o cara pegou e fechou o vidro. Eu acho que ele ia me pegar e levar pra algum canto." (Jovem moradora da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Cabe ressaltar que os episódios de violência doméstica, especialmente aqueles que se referem à violência contra a mulher, são particularmente brutais. Quando analisados juntamente com práticas de assédio sexual, aliciamento, estupro e casos de sequestro e venda de crianças e mulheres, configura-se uma situação particularmente grave no que diz respeito ao lugar e ao papel ocupado pela mulher nas relações entre gêneros e ao perfil das vítimas dessa localidade.

Para concluir, é importante destacar que as mudanças percebidas pelos moradores na ZAP-5 foram atribuídas às melhorias implementadas pelo último governo e pela ação das igrejas. É relevante o fato de essa localidade ter sido a única a apontar a importância das igrejas evangélicas na conversão de pessoas envolvidas com atos ilícitos, como um fator relevante para mudanças no perfil da criminalidade de alguns bairros. Outro aspecto interessante foi o apoio ao Programa Polícia da Família, cuja recente interrupção foi apontada como um dos fatores para a piora nos problemas relacionados à violência e ao crime.

Vila Bom Jesus, Porto Alegre – RS

Pelo menos parou de aparecer os corpo estirado no chão no meio do dia, né? Tá bem calmo em vista disso, porque era tiroteio 24 horas por dia, todo dia era um morto no meio da rua, no meio das crianças, tu passava pra ir pra creche de manhã tinha um corpo estirado. E isso parou agora.
(Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

O bairro Bom Jesus, também conhecido como "Bonja", é um enclave situado em uma região central de Porto Alegre, cercado de bairros de classes média e média alta. É composto por cerca de dez vilas, incluindo a Vila Bom Jesus. O termo "vila", em Porto Alegre, é utilizado para designar o tipo de ocupação urbana também conhecido como favela. Ocupando uma área de apenas 2,02 km^2, a Bom Jesus (denominação mais corrente da localidade) concentrava, no Censo de 2000, cerca de 30.500 habitantes, representando a maior densidade populacional por quilômetro quadrado do Rio Grande do Sul. Segundo informações da Polícia Militar, a população do bairro cresceu 6,5 vezes desde o Censo de 2000.
A Vila Bom Jesus é uma ocupação muito antiga de Porto Alegre, que recebeu migrantes de outros estados, especialmente do Paraná. Trata-se de uma região de invasão, com infraestrutura urbana precária. Embora atualmente a maior parte dos moradores tenha acesso à energia elétrica e água encanada, falta esgotamento sanitário. A localidade tornou-se Território de Paz em 2008, porém, poucas medidas foram efetivamente implantadas. Excetuando o Programa Mulheres da Paz, nada mais foi feito. O bairro é atendido pelo 11º BPM e conta com 10 a 12 policiais por turno.
Historicamente, a Bom Jesus era controlada por duas famílias rivais, os M..., originários de Porto Alegre, e os B..., oriundos do Paraná. Atualmente, os M... já quase não existem, atuando em outras frentes do crime, mas surgiu um grupo novo, que está em ascensão, os B.N.C., que emergiram da cisão entre as famílias rivais e é controlado por uma gangue, cujos membros são predominantemente jovens e adolescentes. Segundo a polícia, os conflitos sempre se deram por conta de pontos de tráfico. Até o final da década de 1990, as principais drogas eram a maconha e a cocaína; atualmente, o crack predomina. Os conflitos entre esses três grupos marcaram a realidade local com episódios da mais extrema violência, que até hoje afetam a vida dos moradores.

Características

Os conflitos entre as famílias rivais e a emergência dos B.N.C. provocaram uma escalada de violência no bairro, que só foi interrompida com a intervenção das Polícias Militar e Civil. A partir de uma série de ações conjuntas, envolvendo policiamento ostensivo, campanas e implantação de postos móveis, vários líderes ligados especialmente ao tráfico de drogas foram presos ou morreram em confrontos, contribuindo para a interrupção dos conflitos que ocorriam com frequência, obrigando moradores a se recolherem durante as trocas de tiros. Entretanto, segundo a Polícia Militar, essas ações não eliminaram as práticas ilícitas. Atualmente, os B.N.C. possuem ramificações em outros bairros de Porto Alegre e detêm pontos de venda em outras localidades da região metropolitana da capital.
De acordo com os moradores, os conflitos abertos ou deflagrados, que resultavam em verdadeiras chacinas, além das trocas de tiros (que podiam ocorrer a qualquer momento), aconteciam com muita frequência até o ano passado. Os efeitos das ações da polícia são, portanto, muito recentes. As principais consequências do grau de exposição à violência são as percepções negativas a respeito da Vila, tanto por parte dos moradores como da mídia e de pessoas de fora do bairro: a Bom Jesus

é descrita como uma localidade controlada por traficantes e criminosos profissionais, que dividem o território entre si, exercem forte poder de coerção e intimidação e são os principais responsáveis pelo grande número de mortes ocorridas ali.
O histórico de violência contribui para que a maioria dos participantes mencione o desejo de deixar a Vila e procurar locais mais pacíficos e com melhor infraestrutura para viver. É difícil identificar imagens positivas nos relatos dos participantes, sendo que as principais qualidades apontadas relacionam-se à localização do bairro, que, por ser bastante central e cercado por vias e avenidas importantes de Porto Alegre, tem bom acesso por meio de transporte público a outros locais. Além disso, várias organizações não governamentais atuam na Bom Jesus e o poder público possui centros de referência em assistência social, que oferecem apoio reconhecido pela população. Mas as principais referências positivas dos participantes foram as redes sociais de amigos e vizinhos, com os quais mantêm laços de solidariedade.
Assim como em outras localidades estudadas, a ação dos organizadores do crime, veiculada com frequência na televisão e na mídia impressa, contribui para a concepção do bairro como um local extremamente perigoso, em que as pessoas vivem em constante risco de morrer. O bairro é associado à marginalidade, o que prejudica os moradores: os participantes relataram episódios em que foram discriminados.

Mo: *As pessoas de fora têm que visão da Vila?*
P1: *A pior vila.*
P2: *Que aqui só tem bandido!*
P1: *Aqui é a pior [vila].*
P2: *Eles acham que tu trabalha, tu é marginal.*
P3: *Que só tem bandidos. Acham que todos são bandidos.*
P1: *...os teus filhos são marginais, a tua família toda é de bandido.*
P1: *Ela tá entre as mais perigosas.*
(Grupo com jovens moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
P1: *Mas muitos empregos também já perdi, por causa de falar que mora na Bom Jesus. Que mora perto da Bom Jesus. Tem gente que perde muito emprego dizendo que mora na Bom Jesus, que mora na fulano, sicrano, que eles não pegam.*
P2: *Tem muita gente que vem de fora assim e diz "Bah" –*
P3: *Se tu vai fazer um crediário numa loja, daí vem dizendo assim, "Qual o teu bairro?". "A Bom Jesus." Daqui a pouco eles vem assim, "Sinto muito, não foi aprovado."*
P2: *Tem muita gente que não gosta da Bom Jesus.*
P4: *Da Vila Jardim também.*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Quando questionados a respeito das percepções de quem é de fora da Vila, os moradores procuraram relativizar a imagem violenta do bairro, estabelecendo uma diferença clara entre os locais mais perigosos e entre moradores e membros das facções. Assim como outras localidades estudadas, a Bom Jesus não é homogênea. A ação do tráfico se concentra em núcleos específicos e há diferenças entre as diversas vilas que a compõem. Recentemente, entretanto, a grande exposição que a mídia tem dado às ações da facção mais jovem, os B.N.C., fez com que não apenas os crimes que ocorrem na região sejam associados a ela, mas também aqueles que acontecem no seu entorno.

P1: *Qualquer coisa, daí é tudo na Bom Jesus, tudo na Bom Jesus.*
P2: *É roubam, um carro fora da Vila, é da Bom Jesus.*

P3: *E a Vila Jardim ali é a pior chinelagem[18] , também.*
(...)
P2: *Eu também já cansei de chamar amigos meus assim de prédio, por exemplo, é playboy que eles chamam aqui, "Bah, negão, lá eu não ponho os pé nem me pagando." "Bah, mas por quê?" "Fiquei sabendo de uns negócio lá, até de estupro."*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Ao compararem a Vila com outras áreas, os moradores também relativizaram o grau de violência, apontando a Vila Cruzeiro, a Conceição, a Tuca e outras localidades, como a Restinga, situada na zona sul de Porto Alegre, como mais perigosas.
Além da violência, as principais deficiências e problemas da Bom Jesus referem-se à falta de saneamento básico (o esgoto sanitário corre a céu aberto em córregos por dentro da Vila) e de pavimentação nas ruas, o que torna os trajetos intransitáveis quando chove.

Tabela 15 – Principais problemas e deficiências da Vila Bom Jesus-RS, segundo os moradores participantes dos grupos focais

N	Problemas e deficiências	Causas e explicações
7	Falta de saneamento	"O esgoto é a céu aberto."
5	Violência	"É muito perigoso." "Sair de lá vivo é milagre."
4	Falta de médicos	"Porque você vai no postinho daqui, marca às 9 horas da noite, vai ser atendido às 3 da madrugada."
3	Falta de equipamentos esportivos	"Não tem cancha (quadra), a gente tem que descer pra jogar bola."
2	Falta de pavimentação	"Quando chove a gente não pode sair."
2	Má qualidade das escolas	"O A.F. parece um presídio."
2	Falta de iluminação pública	"As ruas aqui são tudo escura."
1	Falta de creches	"Todo mundo tem que pagar as creches (mesmo as públicas)."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Destaque-se que a má qualidade do atendimento na área da saúde, especialmente pela demora e falta de profissionais, foi um problema apontado em quase todos os grupos. Os adolescentes e jovens também mencionaram a má qualidade de algumas escolas, cujas instalações são precárias e onde há muita violência (vanadalismo, furtos, tráfico de drogas). Os grupos do sexo masculino destacaram a falta de equipamentos esportivos e a necessidade de percorrer grandes distâncias, dentro de territórios controlados, para poder jogar futebol. Outros problema importante, destacado no grupo de mães de adolescentes e jovens, foi a necessidade de pagar para ter acesso a vagas em creches, mesmo nas municipais.
Os aspectos considerados importantes para o bairro refletem o perfil dos problemas encontrados. A principal demanda é por mais segurança, especialmente a presença da Polícia Militar, além da solução para o problema dos valões, por onde corre o esgoto e que causam inundações quando chove.

18 Termo regional utilizado em Porto Alegre para se referir a furtos e roubos.

Tabela 16 – O que é importante para a Vila Bom Jesus-RS, segundo os moradores participantes dos grupos focais

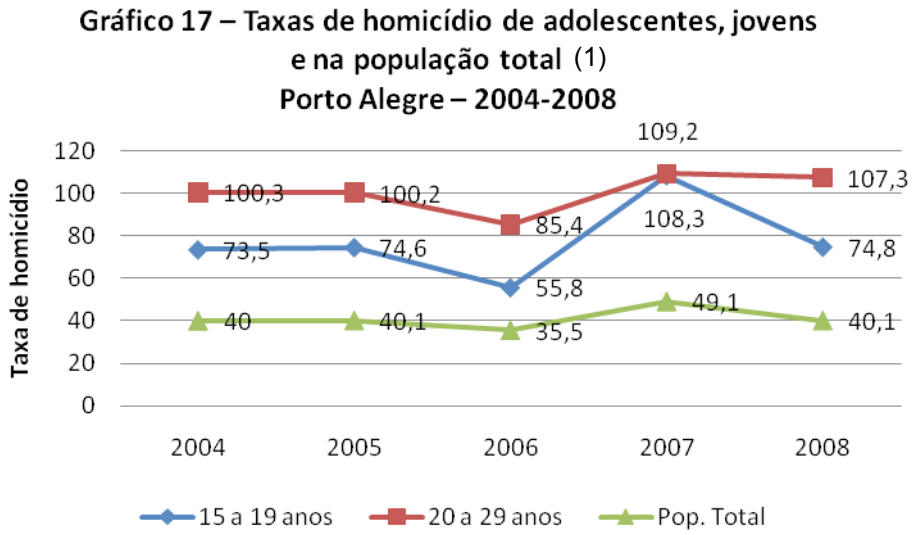
N	O que é importante	Justificativa
13	Policiamento/ segurança	"Porque é muito perigoso, ainda mais quando a gente sai da escola."
9	Saneamento	"É cheio de valão, não tem saneamento."
6	Atendimento médico	"Sempre tem que ir noutro posto porque lá não tem médico."
4	Equipamentos esportivos	"A gente tem que ir até o Campo da P. pra jogar."
4	Iluminação	"Alguns lugar tem pouca iluminação."
3	Cultura	"Pra dá ocupação na cabeça da criança."
3	Pavimentação	"As ruas são tudo de terra, com buraco."
2	Habitação	"Porque muitos moram de aluguel aí."
1	Agência bancária	"É importante botar um banco perto, porque eles botam os banco tudo longe."

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A demanda por policiamento, eliciada em todos os grupos, refere-se à necessidade de segurança tanto nas ruas como nas escolas públicas. Os equipamentos esportivos e a oferta de atividades culturais são considerados importantes especialmente pelos jovens, de ambos os sexos.

Exposição à violência

Quando os dados do Sistema de Informações de Mortalidade – SIM, do Ministério da Saúde, são analisados, verifica-se que a taxa média de homicídios para a população total de Porto Alegre, entre 2004 e 2008, é mais baixa (40,8 por 100 mil habitantes) do que em cidades como Recife (83,4) e Luziânia (54,8), mantendo-se nesse patamar com pouquíssima alteração durante o período. As curvas para as faixas etárias de 15 a 19 e 20 a 29 anos acompanharam a tendência da população total, com um grande pico em 2007. Porém, destaca-se que as taxas de mortalidade por homicídios entre adolescentes e jovens são consideravelmente maiores, especialmente na faixa de 20 a 29 anos, em que a chance de um jovem morrer vítima desse tipo de crime, no período em questão, era cerca de 2,5 vezes maior do que a da população total e quase duas vezes no caso dos adolescentes.



Fonte: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE – Estimativas populacionais para o TCU.

(1) Por 100 mil habitantes.

Na memória dos moradores, os episódios de grande violência ainda são bem recentes. Segundo os participantes, há até pouco tempo, vivia-se uma sensação de "pânico 24 horas por dia", diante da iminente possibilidade de um confronto entre as facções rivais ou com a polícia. Nesse sentido, é significativo o número de relatos de episódios em que os moradores, inclusive as crianças, se depararam com pessoas mortas na rua, nos becos ou mesmo na área externa de suas casas. Nesses grupos, a intervenção da polícia e a instituição do Território da Paz foram apontadas como os principais fatores para a diminuição desses conflitos e das mortes frequentes.

Entendeu? Era, tu vivia em pânico 24 horas por dia. Tu nunca sabia quando tu saia pra trabalhar, se tu chegasse, algum vagabundo não tinha se escondido dentro da tua casa, pra fugir da polícia, ou se não tinha um morto jogado no teu pátio. É, então, depois que eles começaram a montar essas operação de polícia toda hora, de... montar acampamento, foi onde começou a dar uma paz dentro da vila. Começaram a prender os bandidão, né, como se diz, que tem que prender, daí começou a parar um pouco.
(Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Segundo os policiais militares do 11º BPM, responsável pelo setor onde se situa a Bom Jesus, a prioridade é o policiamento ostensivo com o microônibus (unidade móvel) em diversos pontos. O batalhão também conta com o apoio da polícia montada, que desloca dois policiais a cavalo, capazes de percorrer os becos (denominação utilizada em Porto Alegre para se referir às vielas), e duas viaturas.
Até o final da década de 1990, predominavam a maconha e a cocaína. Atualmente, a droga mais comercializada é o crack. A maior parte das drogas é consumida e vendida dentro da Bom Jesus, mas também revendida para fora. A função de operação policial ostensiva, que é temporária, fez com que o tráfico migrasse para outros locais, como a Lomba do Pinheiro, a Restinga e a região metropolitana de Porto Alegre. Há algum consumo de classes mais favorecidas que se abastecem ali.
A análise das ocorrências e formas de violência eliciadas pelos moradores e policiais militares revela um contraste entre o tipo de situação vivenciada por um grupo e aquele que recebe mais atenção

por parte do outro. Entre os moradores, as ocorrências mais frequentemente mencionadas foram a morte e os assaltos ou roubos à mão armada, seguidos pelos estupros e casos de abuso sexual de crianças. Já a os policiais militares chamaram a atenção para as atividades desenvolvidas pelas diferentes facções que atuam no bairro e que se especializaram em diferentes "ramos" do crime.

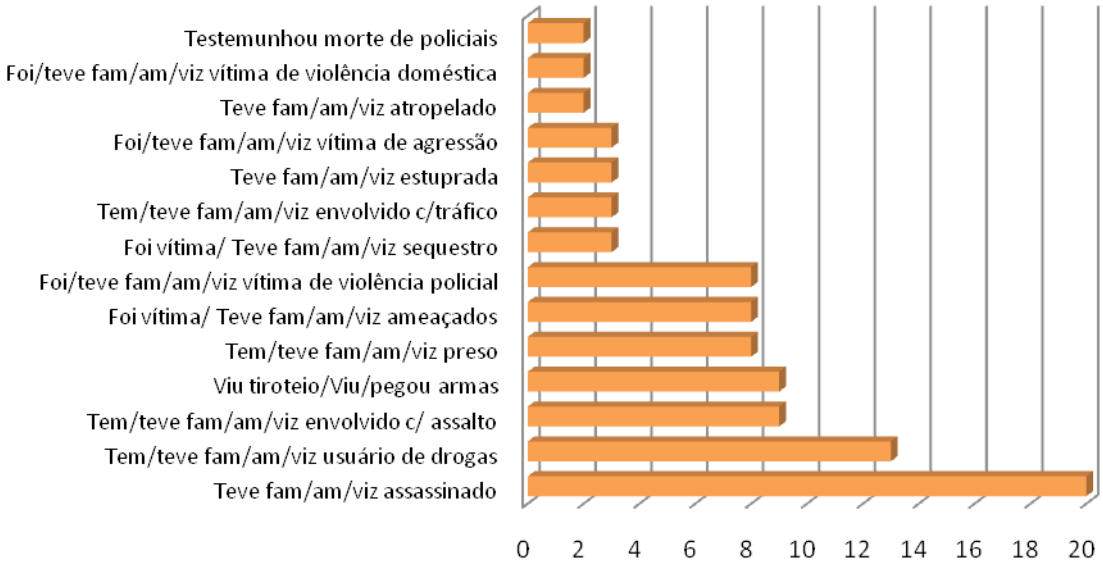
Tabela 17 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais, na Vila Bom Jesus - RS

N	Moradores	N	Policiais militares
8	Morte/assassinato	**4**	Contrabando/desvio de cargas
8	Roubo/assalto	**4**	Violência doméstica
4	Estupro/abuso sexual	**3**	Uso de drogas e álcool
2	Violência doméstica	**3**	Receptação/clonagem e desmanche de veículos
2	Violência policial	**2**	Tráfico de drogas
1	Tiroteio	**1**	Assalto/furto
1	Drogas	**1**	Briga entre facções
1	Porte de armas	**1**	Homicídio
1	Prostituição	**1**	Aluguel de armas
1	Discriminação		

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Destaca-se a especialização, por parte de uma das famílias, em contrabando de cargas roubadas, especialmente de mercadorias que abastecem supermercados, que são receptadas e desviadas por meio da falsificação de notas fiscais. Segundo a polícia, essa especialização vem ocorrendo devido à ascensão do grupo B.N.C., que passou a dominar o tráfico de drogas e inclusive a financiar assaltos a banco, até mesmo alugando armas. A outra família passou a ter negócios ligados ao roubo e furto de veículos, que são receptados e clonados dentro da vila, ou então vão para desmanches. Entre as localidades pesquisadas, o maior número de experiências pessoais e testemunhos de episódios de violência foi obtido junto aos moradores da Vila Bom Jesus. Chama atenção o número de participantes que tiveram parentes próximos, amigos, colegas e vizinhos assassinados, incluindo até mesmo um caso de chacina. Também é significativa a quantidade de pessoas próximas (os participantes referiram-se a eles pelo nome ou apelido) envolvidas em assaltos e roubos e uso de drogas. Os episódios de violência policial também foram os mais graves, o que talvez ajude a explicar os relatos de policiais assassinados como retaliação.

Gráfico 18 - Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais na Vila Bom Jesus-RS



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Quadro 5 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais na Vila Bom Jesus-RS

Tem/teve familiar/amigo/vizinho assassinado	"Meu pai ele morreu porque ele era bandido e essas coisas (...) mas também ele morreu com mais de oitenta facadas." (Adolescente moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Tem/teve familiar/amigo/vizinho usuário de drogas	"É frequente lá na minha vila todo mundo fumar maconha, até meu cunhado. A minhã irmã ela parou porque ela tá grávida, só que às vezes ela fuma." (Adolescente moradora Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Tem/teve familiares/amigos/ vizinhos envolvidos com assalto	"Tanto que ele tá no presídio, pegou 37 anos de cadeia porque ele foi com os amiguinhos fazer uma brincadeira de assaltar um banco." (Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Foi vítima/teve familiares/amigos/ vizinhos vítima de violência policial	"Pegaram os cara ali, pô pegaram eles assim, largaram eles com uma blusinha, só de cuequinha e o outro largaram ele com um vestidinho. Largaram ele de calcinha." (Adolescente morador da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Tem/teve familiar/amiga/vizinha vítima de estupro/abuso sexual	"Era amiga da minha irmã, pegaram ela só porque ela tava com uma saia de brim e um top, pensaram que ela era suja. Pegaram, botaram ela dentro de um carro, e arrastaram ela. Estupraram ela e ainda mataram." (Jovem morador da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Os relatos de ameaças e assassinatos de delatores e pessoas endividadas pelo consumo de drogas por parte de bandidos e traficantes evidenciam o forte poder de coerção e intimidação que os organizadores do crime exercem sobre os moradores dessa localidade. De todas as localidades estudadas, a Vila Bom Jesus foi a que apresentou os episódios mais brutais da ação de criminosos e também da polícia, reforçando a relação entre capacidade de organização de grupos ligados ao crime e colocando em questão a atuação da polícia na comunidade.

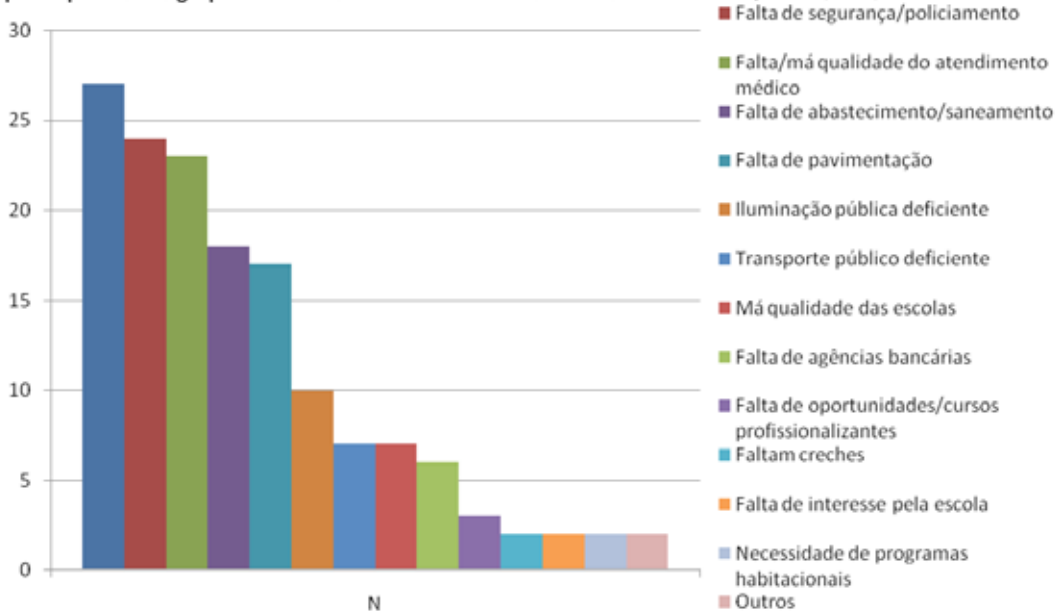
Análise comparativa

Ao se considerar o conjunto de eliciações dos participantes das cinco localidades, categorizadas como "problemas e deficiências", "o que é importante", "ocorrências e violências" e "experiências e testemunhos", é possível perceber algumas recorrências. Evidentemente cada bairro incluído no estudo possui suas peculiaridades no que diz respeito a índices de criminalidade, carências e atenção do poder público. Também diferem em relação à maior/menor urbanização e favelização, além do acesso a serviços básicos de infraestrutura. A principal diferença, entretanto, é o grau de organização dos grupos envolvidos em atos ilícitos e violentos, bem como sua capacidade de coerção e intimidação da população.

A seguir, procura-se analisar o conjunto das localidades estudadas, indicando os aspectos que as tornam região de atenção do Pronasci e as questões mais frequentemente apontadas pelos participantes. O objetivo é obter um panorama geral das carências e deficiências encontradas, bem como do tipo e grau de exposição à violência enfrentada pelos moradores.

Quando considerados os principais problemas mencionados nas discussões em grupo focal, observa-se que a maioria das deficiências refere-se a carências de infraestrutura e equipamento urbano. Cabe ressaltar a importância dada aos equipamentos esportivos, de lazer e cultura, que configuram a principal demanda, seguida por segurança/policiamento. Outro aspecto relevante é o atendimento na área da saúde, deficiente tanto em termos da qualidade como no número de profissionais.

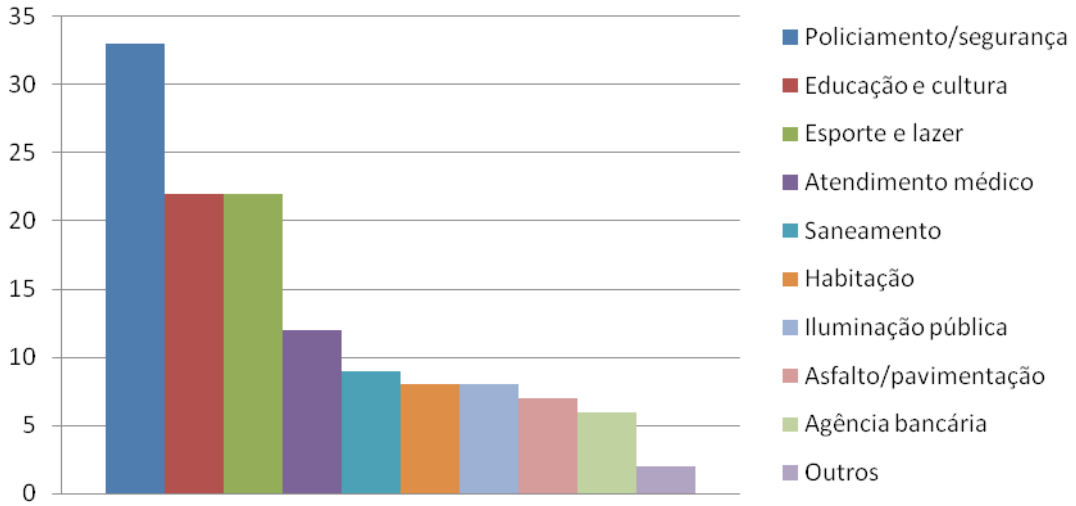
Gráfico 19 – Principais problemas e deficiências, segundo os moradores participantes dos grupos focais nas cinco localidades estudadas



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Com efeito, a análise do que os moradores consideram importante para suas localidades está em consonância com a identificação dos problemas. Nesse sentido, a demanda por educação (desde mais qualidade da escola pública a cursos de aperfeiçoamento e formação profissional), cultura, esporte e lazer supera a demanda por segurança, representada, sobretudo, pela presença da polícia, especialmente o patrulhamento ostensivo e a ronda escolar.

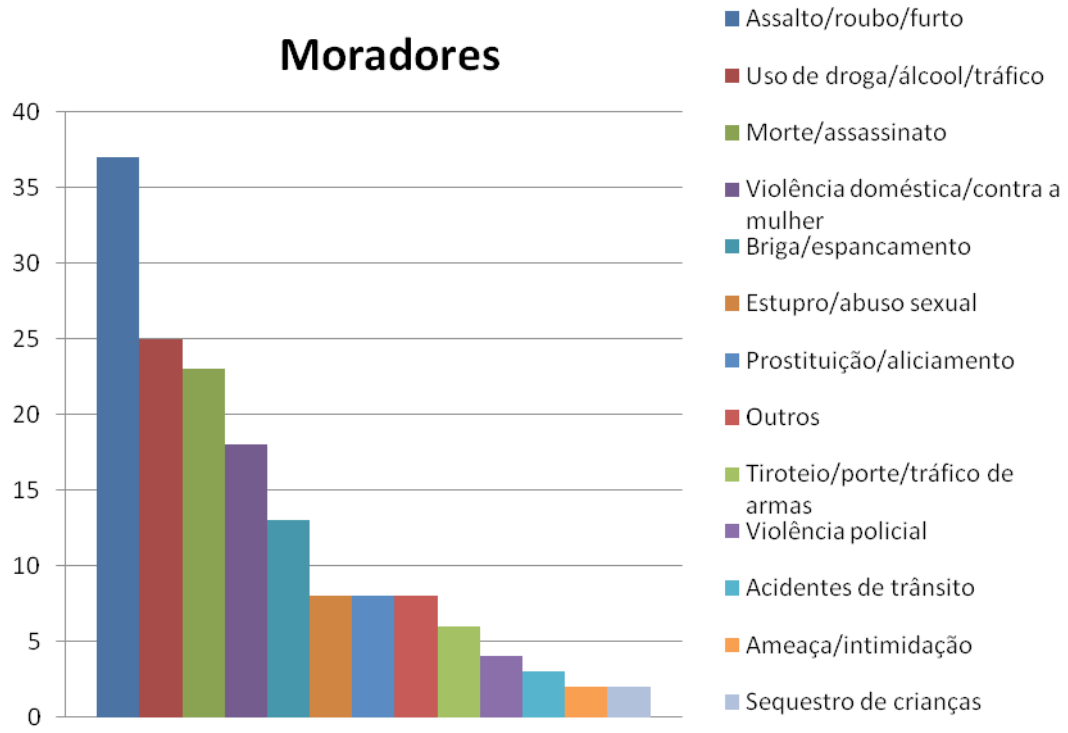
Gráfico 20 – O que é importante para o bairro, segundo os moradores participantes dos grupos focais nas cinco localidades estudadas

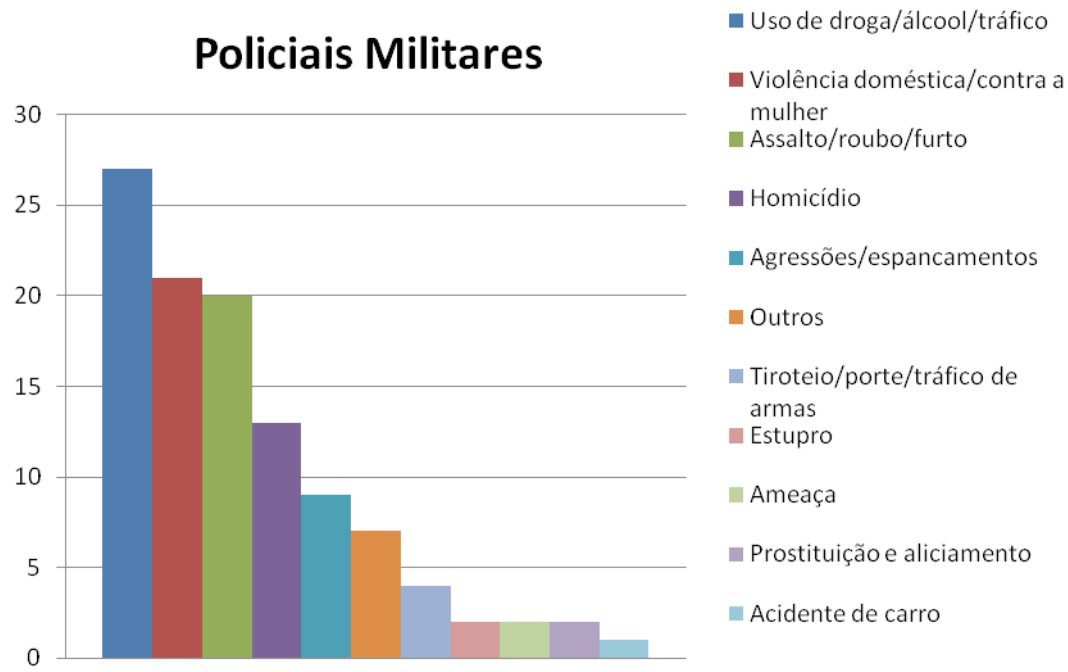


Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

As referências que puderam ser classificadas como ocorrências criminais e formas de violência não necessariamente tipificadas como infrações indicam o tipo de violência e crime mencionado com mais frequência. É interessante observar que há diferenças entre o que é mais significativo (considerando a frequência de eliciação durante as descrições) para moradores e policiais. Os casos de vitimização ou envolvimento com assalto/roubo/furto foram mais evidentes nas menções e relatos dos moradores do que no grupo de policiais. Já as ocorrências atendidas envolvendo uso de drogas e álcool e tráfico de entorpecentes, juntamente com a violência doméstica, parecem ocupar a maior parte dos atendimentos efetuados pela polícia.

Gráficos 21 e 22 – Frequência das categorias codificadas como "ocorrências" e "violências", entre moradores e policiais militares participantes dos grupos focais nas cinco localidades estudadas

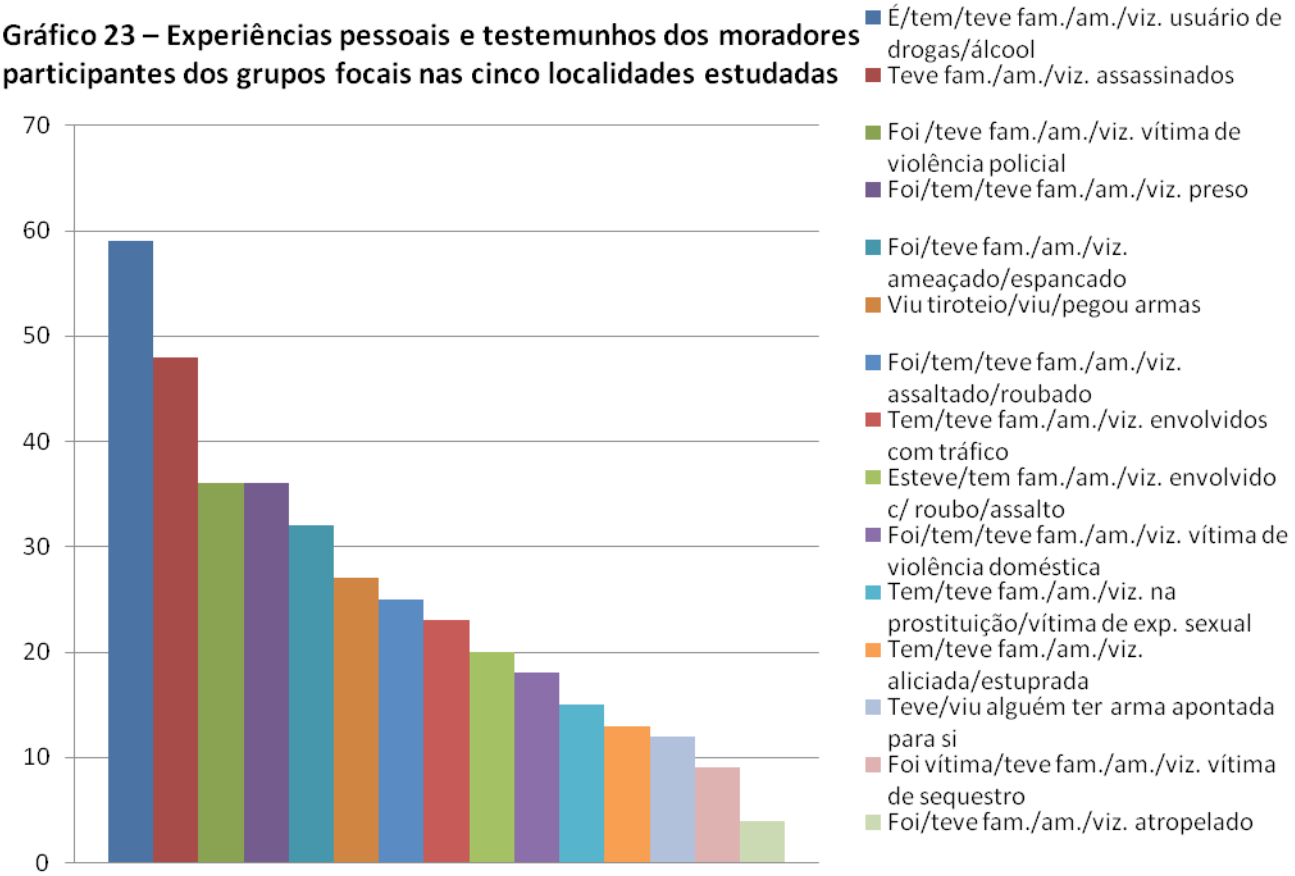




Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A percepção do que acontece no bairro e a experiência cotidiana, entretanto, são subjetivas e não permitem quantificações precisas. Os resultados obtidos, com apoio das atividades de fotoeliciação, possibilitam apenas identificar aquilo que está mais presente na memória recente dos participantes. Isso não significa, porém, que tal percepção corresponda às estatísticas criminais, tampouco aos dados sobre vítimas. Elas sugerem uma ideia da realidade vivenciada por moradores de localidades com elevado grau de exposição à violência. O nível de exposição também pode ser percebido por meio dos relatos de experiências pessoais e testemunhos sobre familiares, amigos e conhecidos, presenciados ou não.

Gráfico 23 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais nas cinco localidades estudadas

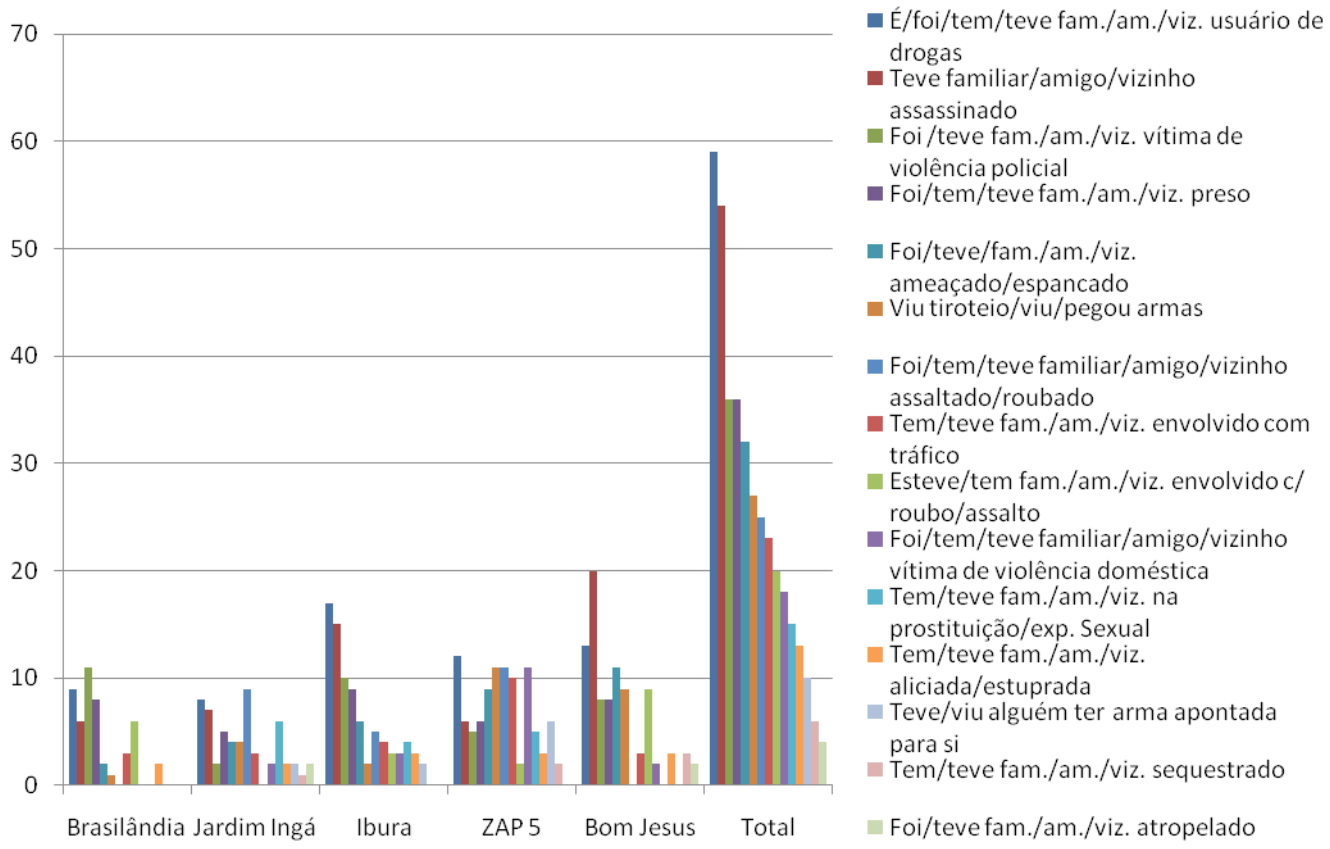


Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Os dados do gráfico 23 indicam que o uso de drogas e álcool é uma situação muito frequente nessas localidades, vivenciadas dentro da própria família, na convivência com amigos e colegas, nas escolas e em seu entorno e na vizinhança. Esses relatos são acompanhados (ou não) de episódios de envolvimento com atos ilícitos, como furtos e roubos a fim de obter rendimentos para comprar drogas, agressões e espancamentos e homicídios ligados a dívidas, disputas entre facções e gangues rivais, por exemplo. Diversos episódios tiveram como fim a pena de prisão. Chama atenção a predominância de homens que foram assassinados ou se encontram encarcerados, entre parentes, irmãos, primos e conhecidos dos moradores. Também é preciso destacar o elevado número de relatos de violência policial, bem como os casos de tentativa de homicídio e intimidação

(por meio de agressões e espancamentos), por parte de organizadores do crime, e a frequência com que os participantes testemunharam trocas de tiros, pessoas portando armas ou foram ameaçados com armas de fogo.
O conjunto geral de experiências e testemunhos, contudo, não permite perceber as diferenças entre as localidades.

Gráfico 24 – Experiências pessoais e testemunhos dos moradores participantes dos grupos focais, por localidade estudada

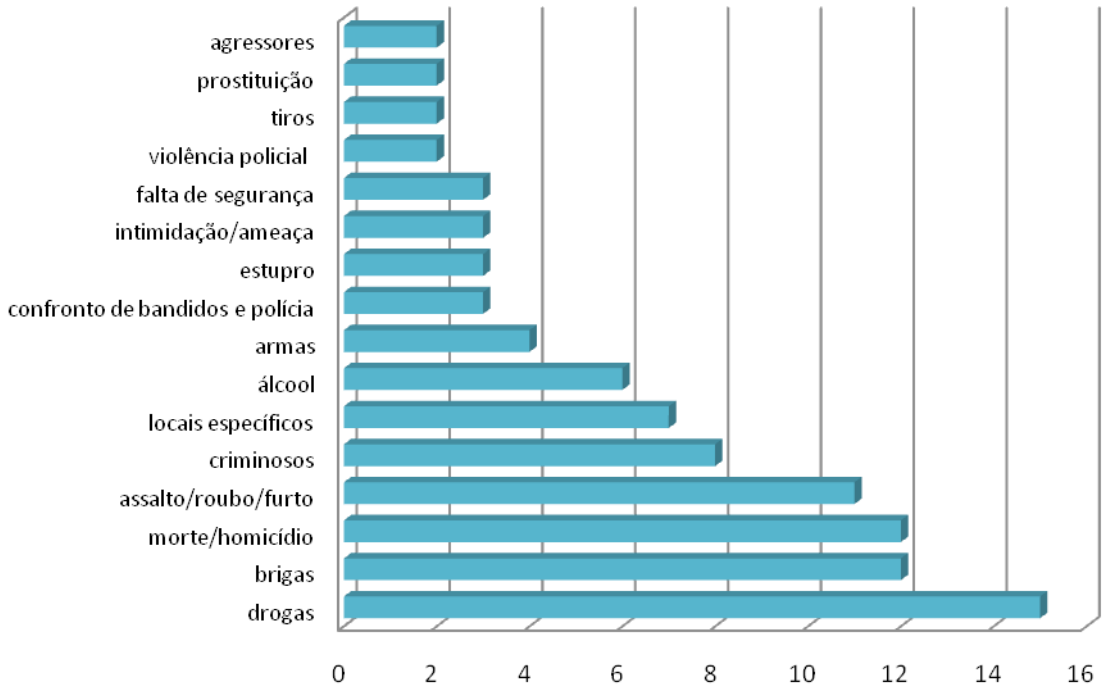


Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

No Ibura, em Recife, verificam-se o maior número de relatos e testemunhos de uso de drogas e quantidade significativa de participantes que testemunharam assassinatos e episódios de violência policial. Os casos de morte, entretanto, foram mais elevados nos grupos realizados na Vila Bom Jesus, em Porto Alegre. A frequência de casos de vítimas de assalto e a proximidade com armas de fogo foram mais altas na ZAP-5, em Rio Branco. Nessa localidade também foram relatados mais episódios de violência doméstica, especialmente contra a mulher.
Independentemente do que os participantes puderam recordar ou não durante as discussões em grupo, fica evidente o perfil violento das localidades em estudo, bem como o impacto do tráfico de drogas e a disseminação do uso de entorpecentes, sobretudo o crack, no cotidiano dessas regiões.
Mas o que significa violência, no entendimento dos participantes? Ao final das discussões em grupo focal, foi solicitado aos participantes que indicassem as características de um local violento. A pergunta foi direcionada no sentido de explicitar atributos de uma localidade genérica e não o

próprio bairro, ou seja, não se tratava de entender porque a área onde os participantes residiam era violenta, mas sim quais são os elementos que contribuem para que um bairro/comunidade seja violento. Essa questão propiciou a eliciação de uma série de palavras-chave, que funcionam como descritores de lugares violentos. Evidentemente, tais referências tomam por base a realidade cotidiana do local onde as pessoas vivem e, portanto, fundamentam-se nas experiências vividas por elas.

Gráfico 25 - Elementos que caracterizam um local violento, segundo os moradores participantes dos grupos focais nas cinco localidades estudadas



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Os resultados foram obtidos contabilizando-se as palavras-chave e agrupando-as segundo temas e sentidos em comum. A análise corrobora a hipótese de que a percepção sobre um lugar violento está embasada na experiência cotidiana, uma vez que o conjunto de palavras-chave se aproxima do perfil das “ocorrências” e formas de “violência” identificadas na categorização das referências dos participantes. Nesse sentido, observa-se que as principais características de um local violento são: presença de drogas (seja na mão de usuários, seja comercializada por traficantes); grande número de conflitos (brigas entre vizinhos, marido e mulher, gangues); grande número de mortes violentas (tipificadas como homicídios pela polícia); frequência de assaltos, roubos e furtos; e presença de criminosos (especialmente o traficante e o ladrão). Alguns locais específicos também foram associados à violência, entre eles “delegacia”, “estádio de futebol”, “posto de gasolina” e “escola”.
Finalmente, é interessante destacar que, quando solicitados a compararem suas localidades de residência com outros lugares no Brasil, no que se refere ao grau de violência, em todos os grupos,

sem exceção, o Rio de Janeiro foi apontado como o local mais violento do país, seguido por São Paulo. As explicações para isso podem estar na grande exposição dada pela mídia às notícias sobre crimes, atos violentos, confrontos entre a polícia e bandidos, ao tráfico de drogas e às favelas, no Rio de Janeiro. Segundo os participantes, a violência no Rio e em São Paulo é maior devido ao poder de fogo dos traficantes, que utilizam fuzis e armas do Exército nos conflitos com as forças de segurança pública, bem como ao tamanho e ao número de favelas existentes.

Análise temática

Nas seções a seguir serão abordados tópicos específicos discutidos com os participantes durante as dinâmicas, os quais deram origem a alguns desdobramentos pertinentes às problemáticas definidas no desenho inicial do estudo. Em um primeiro momento, o objetivo é procurar compreender, de forma mais aprofundada, as dinâmicas de interação social nos diversos âmbitos de sociabilidade. Entre os temas abordados, estão a relação entre redes sociais, práticas cotidianas de sociabilidade nos espaços público e privado e sentimentos de medo e insegurança.

Em um segundo momento, será tratada a convivência com grupos de poder, representados por organizadores do crime e forças de segurança pública. Primeiramente, serão focadas as dinâmicas de interação com os grupos ligados a atos violentos e delituosos, que agem de forma organizada ou não nas localidades estudadas, atentando-se para as principais formas por meio das quais esses grupos estabelecem poder e que tipos de controles sociais são exercidos sobre a população. Em seguida, será discutida a problemática das relações entre moradores e a polícia, especificamente a Polícia Militar, com foco nos conflitos que emergem dessas relações. Finalmente, procurar-se-á analisar e problematizar de que formas processos subjetivos, condições sociais externas e inter-relações entre grupos sociais interferem no envolvimento com a violência e a criminalidade.

Relações de sociabilidade e segurança

Um dos temas propostos para discussão nas sessões em grupo focal foi a questão da sensação de medo e insegurança, bem como os fatores associados a esses sentimentos. Para isso, procurou-se tomar como referência o bairro ou a localidade de residência dos participantes e o seu conhecimento sobre o lugar: as pessoas que ali moram e as que apenas frequentam; as pessoas consideradas "de fora"; veículos conhecidos e desconhecidos; locais perigosos/seguros; motivações diretas e indiretas para a sensação de medo/insegurança.

O levantamento dessas informações evidenciou, em todas as localidades, um forte sentimento de "comunidade", fundamentado em práticas específicas de sociabilidade intrabairro e interbairros, que se mostraram extremamente relevantes na produção das noções de "estranho" e "inseguro", bem como de estratégias individuais e de grupo para evitar o envolvimento com a violência e garantir a segurança pessoal. Essas práticas podem estar associadas ou não ao contexto de grande exposição à violência, evidenciado no estudo das localidades. Contudo, encontram-se imbricadas nas relações de poder entre grupos organizados e não-organizados na prática de delitos que interferem diretamente no cotidiano dos moradores, bem como nas relações com a polícia.

Relações de pertencimento e não pertencimento: o lugar do estranho

Um dos aspectos mais consistentes, discutido em todos os grupos de moradores, em todas as localidades, foi a caracterização das pessoas e veículos considerados "conhecidos" e "desconhecidos". Esses descritores são indicativos de relações de pertencimento e não pertencimento e oferecem ao pesquisador uma dimensão clara de quem é "o estranho" e qual o seu papel, bem como da natureza das interações sociais que produzem o *status* de pertencimento e formam as bases para o sentimento de "comunidade" evidenciado nas localidades estudadas. Esse sentimento de "comunidade", entretanto, varia conforme a extensão do bairro, a maior ou menor adesão às práticas de sociabilidade e o grupo de pertencimento.

O *status* de pertencimento é dado por um conjunto de práticas e atributos com base nos quais os moradores se relacionam entre si no cotidiano. É importante ter em mente que muitos participantes, especialmente as mães de adolescentes e jovens, nasceram e cresceram nos bairros pesquisados

e moram nessas localidades há muitos anos. Por essa razão, possuem uma rede social ampla, consolidada por um longo tempo de convivência. As pessoas que atuam como lideranças comunitárias possuem as maiores redes sociais e detêm o maior número de informações sobre as pessoas que residem, trabalham e transitam na comunidade. Porém, foi possível observar diferenças no grau de intimidade e conhecimento que os grupos têm, segundo gênero e faixa etária. É de se esperar que os diferentes grupos tenham mais conhecimento sobre as pessoas com as quais convivem, ou seja, jovens do sexo masculino têm mais conhecimento de jovens da sua faixa etária e sexo, assim como as mulheres possuem mais conhecimento das mulheres da sua geração e círculo de relações, como vizinhas, companheiras de igreja, colegas de associação, etc.

Entram na categoria de "conhecidos" não apenas os parentes, mas também amigos e vizinhos de longa data, com os quais se tem intimidade. Isso não significa que todas as pessoas que moram na mesma localidade sejam íntimas – mesmo porque os bairros cresceram e absorveram pessoas novas que passaram a residir ali. Em todos os grupos realizados, contudo, os participantes afirmaram ser capazes de determinar o *status* de pertencimento mesmo de pessoas com as quais não mantêm relações estreitas. Muitas vezes considerados apenas "colegas" (por não desfrutarem da intimidade da casa), os *conhecidos* são aqueles com os quais se convive predominantemente no espaço da rua e nos espaços públicos (locais de comércio, posto de saúde, porta da escola, ponto de ônibus etc.). Essas pessoas adquirem o *status* de pertencimento por meio de algumas práticas e atributos, como as descritas a seguir.

- São reconhecidas visualmente. Por morarem ou trabalharem na localidade, passam a fazer parte da memória visual das pessoas que as veem transitando no bairro.
- São vistas sempre ou todos os dias, realizando algum trajeto ou atividade, o que dá uma noção de algum aspecto do seu dia-a-dia. A repetição constante de comportamentos e atitudes propicia familiaridade e confiança.
- São cumprimentadas e cumprimentam de volta, ou seja, são pessoas a quem se diz "oi", "bom dia", "boa tarde", "boa noite" e, em alguns casos, se pergunta informações pessoais (bem-estar dos familiares). Esse tipo de interação (a troca de amabilidades no espaço social da rua) foi apontado como fundamental para a determinação de quem é "conhecido" e quem é "desconhecido". O simples fato de não cumprimentar ou dirigir a palavra às pessoas é suficiente para categorizar a pessoa como "estranha" ao bairro.
- São pessoas a respeito das quais se têm algumas informações, embora não necessariamente. O *status* de pertencimento, portanto, também é dado a partir do momento em que se sabe o nome, o local de moradia, a ocupação, as redes de relações e até mesmo os antecedentes.
- São pessoas a respeito das quais se têm referências, ou seja, se alguém da comunidade conhece (um colega, vizinho ou amigo conhece, ou tem parentes que moram no bairro), ela passa a ser "conhecida".

É interessante observar que o *status* de pertencimento evolui desde a memória visual sobre uma pessoa que foi vista mais de uma vez percorrendo o mesmo trajeto, passando pelas referências obtidas junto aos membros da comunidade e as informações sobre a pessoa (nome, moradia, ocupação, com quem anda etc.), até o estabelecimento de relações de confiança que levem à convivência mais íntima. O "conhecido", entretanto, jamais frequenta a casa das pessoas.

Mo: *Eu vou na casa dessa pessoa, assim?*
P1: *Não, bater um papo na rua, na porta, né, assim...*
P2: *Não precisa tá dentro de casa, ele ir na casa da gente.*
P1: *É, na rua.*

P3: *Eu num gosto, de levar ninguém na minha casa. Assim, nem todos os tipos de pessoa. Porque tem uns que vai na sua casa observar o que você tem, o que você faz, o que você come, até os seus pensamento quer adivinhar. Primeiramente, tem uma vizinha lá, primeiramente que ela quis diretamente, ela quis, em vez de ficar na minha sala, não, ela foi no meu quarto. Eu falei, "No meu quarto ninguém entra. Só eu e minha mãe e meu esposo, e mais ninguém."*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

Para aceder ao grau de intimidade que permite ultrapassar o *status* de pertencimento e entrar na esfera das relações de "amizade", em que as interações sociais se dão não apenas no espaço público e na rua, mas também no privado e na casa, é preciso conhecer efetivamente as pessoas e estabelecer relações de confiança. A confiança é conquistada paulatinamente, pelo tempo de convivência, por meio das relações entre pares e do conhecimento do "caráter" da pessoa, que determinará qual é o seu grupo de pertencimento (o das pessoas de "bem" ou daquelas com as quais não se deseja conviver).
A identificação dos veículos "conhecidos" é dada de maneira muito semelhante. Os moradores, especialmente os adolescentes e jovens do sexo masculino, têm muito boa memória visual dos veículos que pertencem à comunidade, especialmente aqueles das suas redes sociais (parentes e amigos). Além disso, os motoristas de veículos conhecidos jamais trafegam de vidros fechados e sempre cumprimentam as pessoas na rua, seja por meio de acenos ou toques na buzina, ou simplesmente parando para conversar.
A descrição dos "desconhecidos" seguiu o mesmo procedimento e também apresentou forte consistência, entre todos os grupos, em todas as localidades. É interessante observar que a categorização como "desconhecido" ou pessoa "estranha" à comunidade dá origem a sentimentos de suspeita e desconfiança, permitindo a identificação de alguns tipos específicos de "estranhos". Em geral, são consideradas desconhecidas:

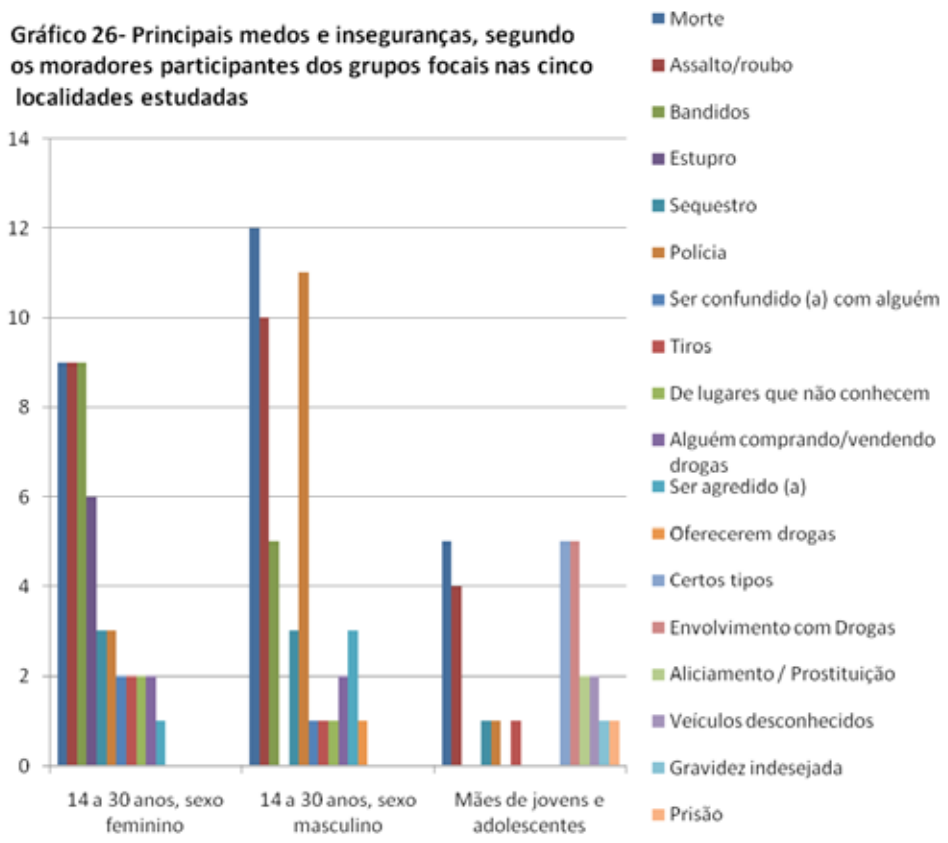
- pessoas que não fazem parte, em um primeiro momento, da memória visual dos participantes. Em outras palavras, são todas as pessoas "novas", que "nunca foram vistas" ou são vistas "pela primeira vez";
- pessoas sobre as quais não se têm quaisquer informações, de onde se deduz que não moram ali;
- pessoas que ninguém conhece, ou seja, sobre as quais não se tem qualquer referência por parte de membros da própria comunidade;
- pessoas que se destacam por um conjunto de atributos e comportamentos característicos:
  - aparência – vestimenta, acessórios, carro utilizado, cor da pele. Geralmente, esses aspectos identificam pessoas de origem social distinta (superior ou inferior) à média dos moradores;
  - expressão corporal – jeito de olhar, andar e falar distinto do habitual do grupo de referência, como, por exemplo, indivíduos que prestam muita atenção nas pessoas e nos arredores, ou jovens que falam gíria diferente do local;
  - ausência de certas práticas de sociabilidade – pessoas que não olham nos olhos e não cumprimentam os outros na rua automaticamente são classificadas como estranhas;
  - comportamentos específicos – pedir informações (indica que a pessoa não conhece a localidade e está perdida) e olhar com medo, segurar a bolsa com cuidado e andar mais depressa (indica que a pessoa não conhece a localidade e está com medo).

Os veículos desconhecidos são identificados também por alguns atributos, bastante característicos, e pelo comportamento dos condutores. A identificação dos motoristas é fundamental para a

categorização como “conhecido”. Por essa razão, carros com películas escuras sobre os vidros, ou circulando em alta velocidade, com vidros fechados, de modo que o condutor não possa ser identificado, geram sentimentos de desconfiança e são tratados como “desconhecidos”. Veículos importados, sofisticados ou muito caros são identificados como “de fora” por serem considerados inacessíveis à média dos moradores.

Fatores motivadores de insegurança e medo

Durante as discussões em grupo buscou-se perceber, junto aos participantes, fatores geradores e motivadores de sentimentos de medo e insegurança. Analisando as referências enunciadas, foi possível identificar pessoas, lugares, atitudes e comportamentos que geram “confiança” e “desconfiança”, bem como elementos diretamente ligados a sentimentos de “medo/insegurança”.
É importante enfatizar que esses sentimentos fundamentam-se nas experiências vividas pelos participantes, nos testemunhos de parentes, amigos, vizinhos e colegas, naquilo que “pode acontecer”, e também no que é noticiado nos jornais televisivos e na mídia impressa sobre a própria localidade ou crimes perpetrados no entorno, no município ou envolvendo determinado público-alvo, causando impressão ou preocupação na faixa etária e gênero das pessoas em questão. É o caso, por exemplo, das notícias sobre sequestro de crianças para fins de exploração sexual e tráfico de órgãos, que tendem a impressionar os grupos de mães com mais frequência do que os de adolescentes e jovens do sexo masculino. Isso não significa que a convivência cotidiana com episódios violentos em contextos de grande exposição não contribua para a formação e a consolidação dos sentimentos de “medo/insegurança”.



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Os dados do Gráfico 26 mostram a existência de diferenças nos tipos de medo e insegurança experimentados pelos diferentes grupos, segundo a faixa etária e o gênero. Observa-se, por exemplo, que as adolescentes e jovens são sujeitas a terem mais medo de certos tipos desconhecidos, geralmente associados a bandidos e "malandros", do que os adolescentes e jovens do sexo masculino. O temor do estupro também só foi eliciado nesses grupos. Já os adolescentes e jovens do sexo masculino manifestaram grande medo de serem mortos, tanto por bandidos como pela polícia. Não por acaso, é nesses grupos que a taxa de mortalidade por causas externas tipificadas como homicídio é maior do que em qualquer outra faixa etária. Ressalte-se que a segunda referência eliciada com mais frequência foi o temor ao confronto com a polícia, ligada especialmente ao medo de ser agredido e, no caso de conflitos com bandidos, de ser confundido com alguém.

Nos grupos de mães, a maior parte dos temores e sentimentos de insegurança se refere aos filhos, e não a elas próprias. Nesse sentido, o medo da morte está relacionado à perda dos filhos por morte violenta, da mesma forma que outros eventos, tais como envolvimento com drogas e álcool, aliciamento e prostituição, gravidez indesejada, prisão, sequestro e medo de os filhos serem vítimas de balas perdidas em um tiroteio.

O medo e a sensação de insegurança, fundamentados ou não em experiências pessoais, dão origem a algumas estratégias desenvolvidas para garantir a segurança pessoal, que afetam o cotidiano dos participantes. Eficazes ou não, elas alteram rotinas diárias, comportamentos, trajetos e práticas de sociabilidade, gerando estados de tensão.

Entre as principais estratégias identificadas estão:

- não sair de casa – opção por não frequentar determinados lugares, em determinados horários;
- mudança de horários – opção por sair mais cedo, ou voltar mais tarde, evitando horários de maior risco;
- andar sempre acompanhado ou em grupo – opção por se deslocar sempre em companhia de outras pessoas, de pais, parentes mais velhos ou do grupo de pares, quando percorrendo um trajeto ou frequentando um local considerado de risco;
- não ostentar objetos de valor – opção por não levar ou não adquirir objetos de valor, como dinheiro, celulares, calçados, bicicletas e roupas que chamem a atenção, especialmente em locais considerados de risco;
- adotar expressões corporais e atitudes que minimizem a chance de conflito – opção por vestimentas, posturas e comportamentos que não chamem a atenção, ou sejam mais bem aceitos nas localidades onde há risco, como, por exemplo, andar com a Bíblia na mão ou "ficar na sua".

Redes sociais e sensação de segurança

Um dos aspectos mais relevantes discutidos entre os participantes, entretanto, relaciona práticas de interação social inter e intrabairros com a sensação de segurança. Essas práticas têm a ver com estratégias desenvolvidas para lidar com grupos organizados e não organizados ligados a atos violentos e delituosos. Tais grupos compreendem tanto as gangues de jovens – também denominadas "bondes" e "galeras",[18] dependendo da localidade – como os traficantes de drogas,

18 Os "bondes" e as "galeras" têm sido objeto de estudo da sociologia desde seus primórdios, quando ainda no início do século XX as gangues juvenis urbanas foram alvo de interesse da Escola de Chicago. Embora haja diferenças temporais e culturais entre as gangues norte-americanas, formadas com base nas relações de bairro e marcadas muitas vezes por características étnicas, os "bondes" e as "galeras" contemporâneas que se formam entre adolescentes e jovens em grandes cidades brasileiras "podem ser interpretadas como recriações locais das gangues enquanto organizações vicinais de juventude, recriações que ressaltaram alguns elementos e apagaram outros, incorporando também alguns inexistentes nas gangues" (ZALUAR, 2004, p. 200). Entre os elementos inexistentes, destacam-se o caráter festeiro, especialmente a frequência a bailes, o estabelecimento de regras de convivência entre "galeras" e o antagonismo entre pessoas e grupos.

que atuam ou não de forma organizada. As relações de poder estabelecidas entre esses grupos sobre a comunidade serão discutidas com mais detalhe na próxima seção.
É de extrema importância não confundir “bondes” e “galeras” com bandidos e “malandros”. Os “primeiros são grupos de jovens, geralmente de adolescentes, que se reúnem sob um mesmo epíteto ou codinome, formando uma sigla, por meio de laços de vizinhança, coleguismo e amizade. Há “bondes” só de homens, só de mulheres e também mistos. Há “bondes” dentro do espaço da escola e fora dele, que competem por locais de sociabilidade e diversão.

Mo: *No bonde só entra guri ou também entra guria?*
P1: *Entra guria.*
P2: *Entra guria!*
P1: *As Vedetes. As A.LA.S.*
P3: *Tem As Novinha.*
P2: *Tem As Safada.*
P1: *Tu conhece As Novinha?*
P2: *Eu conheço.*
(Grupo com adolescentes moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

P1: *Eles fazem grupos, daí eles mandam bordar os bonés -*
P2: *Tem os "Vagabundos de Luxo", eles mandam botar nas blusas.*
P1: *Daí tem o piloto, tem o piloto, tem o que manda, é tudo escrito no boné. (...) E daí aqui tem várias dessas. Porque eles andam com os bonés. Você olha assim, quando eles vão pra essas baladinhas assim, daí eles ficam tudo junto. Daí tem um grupo com o boné verdinho, um grupo com boné rosa, e tem as blusas... E ali eles têm uma ordem lá dentro, né, eles têm que obedecer umas ordens, o piloto é o que manda, parece, e... eles obedecem o que o piloto, hoje o piloto, "Nós vamos se encontrar hoje oito horas", daí o piloto comanda. Daí manda esse recado, eles vão.*

(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da Brasilândia, São Paulo, SP)

Alguns “bondes” se tornam violentos e entram em confronto direto com “bondes” rivais de outros bairros, em disputas com local e hora marcada, muitas vezes pela Internet, por meio de *sites* de relacionamento.

P1: *Esse bonde, o tal do bonde aí dentro não. Esse bonde o pessoal se reúne fora.*
P2: *É mais a gurizada fora, não é dentro da vila. Eles não se formam. Pode acontecer por exemplo da Vila Jardim ir lá querer brigar, lá no IAPI. Eles marcam fora.*
(Grupo com policiais militares que atuam na Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Já os “bandidos” e “malandros” formam uma categoria própria, geralmente associada ao tráfico e ao mundo do crime, que pode ser mais ou menos delimitada por uma série de características físicas e morais. Um dos aspectos mais relevantes a ser destacado é o fato de esses indivíduos, em sua maioria, pertencerem às comunidades onde são identificados como tais. Embora uma parte significativa das ocorrências seja atribuída a pessoas “de fora”, que praticam delitos nas localidades, há um grupo de “malandros de dentro”, que nasceram e cresceram no próprio bairro e ali vivem, ocupando determinados espaços como proprietários de bocas de fumo, caça níqueis, desmanches de veículos e outros empreendimentos ilícitos. Como será analisado com mais detalhe a seguir, as relações entre as pessoas que praticam atos ilícitos e os moradores não ligados ao crime é ordenada segundo algumas regras mais ou menos explícitas, dependendo do grau de organização e do poder exercido por esses grupos.

A questão mais relevante, entretanto, é o fato de a convivência próxima com pessoas ligadas a atos violentos ou delituosos propiciar não apenas a identificação de certos tipos – como o "malandro" –, geralmente associados ao tráfico, como a distinção entre "pessoas de bem" e bandidos. Saber quem é quem e qual é *o papel de cada um* torna-se um requisito fundamental para a manutenção da estabilidade das relações sociais em territórios onde há maior exposição à violência.
As pessoas tipificadas na qualidade de "malandro" reúnem um conjunto de características externas que as associam a determinados grupos de jovens do sexo masculino. Embora existam pequenas variações regionais, especialmente no tocante às marcas de roupas utilizadas, aos adereços e ao tipo de gíria mais utilizado, o "malandro" conjuga elementos que atravessam fronteiras, tais como:

•

O jeito de ser do "malandro", meio "surfista", meio "hip-hop", congregando vários estilos de ser e de se vestir próprios do jovem, em que modos de consumir e construir identidades estão em constante reconstrução, muitas vezes se confunde com culturas juvenis que não necessariamente têm a ver com violência e criminalidade. Infelizmente, a associação simbólica de determinados maneirismos, adereços e bens de consumo ao "malandro" tem tido efeitos nefastos para muitos jovens que, confundidos com bandidos e estigmatizados pelo bairro onde moram, são discriminados como suspeitos, tornando-se vítimas de agressões e abuso de poder em abordagens policiais.

P1: *Eu num sei, uma tatuagem vai dizer que eu sou um marginal? Né, porque eu tenho, se eu usar um brinco num vou dizer que eu sou um marginal, mas...*
P2: *Fica a critério da pessoa, se quiser usar, a pessoa usa, né?*
P1: *Mas tem uma coisa, todo malandro usa também. O problema é esse. Que nem ele falou, o negócio do preconceito, porque os malandro usa. Malando usa tatuagem, malandro usa brinco, malandro usa tudo. Então acabou pegando geral.*
(Grupo com jovens moradores da ZAP-5, Rio Branco, AC)

A definição de quem é o "malandro", entretanto, é mais bem percebida quando tomada a partir da oposição "pessoas de bem"[19] e "pessoas do mal/bandidos/malandros". O principal fator de diferenciação é a relação com o mundo do trabalho.

A mãe dele falou que ele nunca quis trabalhar, que a vida dele era roubar, sempre roubou, e morreu assim, sempre roubando. Num querem, num quer trabalhar. Tem gente que não quer mesmo trabalhar.
(Adolescente moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

Mo: *O que é considerado pra vocês uma pessoa de bem?*
P1: *É aquela pessoa que levanta assim, pega todo dia o das oito meia lá, não faz nada pra ninguém, não se mete na vida de ninguém, fica sempre na dela, vai lá, trabalha, volta pra casa, trabalha, volta pra casa, sustenta a família, ajuda a coroa...*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

P1: *Pro meu ponto de vista, é o cara que cumpre o seu papel de cidadão.*
Mo: *O que é cumprir o papel de cidadão?*
P1: *Cumprir o papel de cidadão é, vamos supor, com a família principalmente. Trabalha, mantém a família, ensina seus filhos, não dá trabalho pra comunidade em si, não leva trabalho, no trabalho*

19 A importância dada a essa diferenciação tem a ver com o estigma social vivenciado pelas pessoas que moram em favelas e bairros periféricos associados à criminalidade. A distinção entre bandidos e "pessoas de bem" é parte de um esforço de "limpeza simbólica" desse estigma social. (Silva, 2008, p.15)

dele é um exemplo, pro chefe dele, no ponto dele, na casa dele, na vizinhança dele, todo mundo olha pra ele e quando pede qualquer auxílio, vê nele uma pessoa que pode ajudar. (...)
P3: *Cidadão de bem pra gente é aquele cara que ninguém fala mal dele, não chega dizendo, olha, esse daqui é ex-presidiário, esse daqui é ex-traficante, esse daqui passou por isso, esse daqui faz isso. Então pra gente, de olhar, aquele cara que ninguém falou mal dele é um cidadão que chega, ele quando chegou a PM ele tá ali participando, querendo, ajudar naquela ocorrência que o policial vai lá, considera-se que é uma pessoa de bem.*
(Grupo com policiais militares que atuam na ZAP-5, Rio Branco, AC)

A dicotomia mundo do trabalho/mundo do crime não deve ser vista como mutuamente excludente, uma vez que o envolvimento com atos infracionais ou delituosos não necessariamente exclui o trabalho (formal ou informal). Além disso, as trajetórias biográficas de adolescentes e jovens que se envolvem com atos violentos ou delituosos raramente se dão exclusivamente no "mundo do crime", podendo alternar períodos de atividade ilícita com períodos de atividade lícita. Porém, a experiência de carreiras criminais profissionais, somadas às dificuldades de reintegração de ex-infratores e ex-detentos, contribui para fundamentar percepções de que essas esferas são mutuamente excludentes.

Mo: *Mas aquilo que você falou, se o cara arrumou uma treta, atirar em alguém?*
P1: *Aí já era, fica marcado pro resto da vida.*
Mo: *E mesmo na comunidade ele fica marcado?*
P1: *Fica marcado!*
P2: *Tu suja teu nome em emprego, em qualquer lugar.*
P3: *Aquele ali deu um tiro, aquele ali é um vagabundo.*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

A convivência com pessoas diretamente envolvidas em atos violentos ou delituosos implica regras e práticas de sociabilidade, que emergem das relações desiguais de poder e dominação exercidas entre grupos organizados e não organizados ligados ao crime e à comunidade. É possível observar uma importante relação de associação entre redes sociais e grupos organizados e não organizados como *estratégia* de proteção. Em outras palavras, estabelecer redes sociais com grupos organizados e não organizados ligados ao crime, dentro de determinados parâmetros, é uma forma de obter o *status* de pertencimento junto a esses grupos enquanto membro da comunidade e, desse modo, ser excluído de possíveis situações de risco.

Tipo assim, eu moro ali faz muito tempo já, muito tempo. Como eu já conheço quase todo mundo assim, eles num chegam a mexer lá em casa, roubar, essas coisa. Agora se chegar gente novata assim, que nem ele tá dizendo...
(Adolescente morador da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Mo: *Então você pode ser amigo, mas não ser da gangue?*
P2: *Não se ajuntar.*
P1: *Conhecido, conhecido.*
P3: *Conhecido.*
P1: *E conhecido naquelas.*
Mo: *Mas é importante ser conhecido?*
P2: *Ah, bah, é porque daí tu tem mais segurança, tu chega, eles sabem quem tu é.*
P1: *Eles sabem quem tu é.*
P2: *Não vão querer te atirar, "Ah, esse é nosso amigo, ele mora ali, é vizinho."*

P1: *Eles ficam, quem é aquele ali? Bah, esse aí é o (...), pode crer, mas passa rapidinho que nós tamo meio espiado, aqui" Tá ligado? Eles fala assim.*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Ao exercerem as práticas de sociabilidade cotidianas que marcam o reconhecimento mútuo (cumprimentos como "oi", "bom dia", "boa tarde", por exemplo), moradores e "malandros de dentro" se reconhecem como membros da própria comunidade. Desse modo, pode-se dizer que um acordo tácito é estabelecido com base no *status* de pertencimento e, ao se tornarem "conhecidas", as pessoas obtêm confiança em troca da proteção de que não serão envolvidas em situações de risco e atos violentos.
Porém, esse reconhecimento se dá no interior de uma relação de poder, ou seja, desigual, em que um grupo exerce coerção sobre outro. Nesse sentido, ser "conhecido" opera também como fator de risco, uma vez que o morador não apenas *conhece* quem pratica atos ilícitos, como também muitas vezes é vítima e testemunha deles. Por essa razão, fica sujeito a sanções caso incorra em denúncia ou na prática conhecida como "cagoetagem".

Assim, ó. Tem disso, "Eu sou amigo de malandro, malandro não faz nada comigo." (...) Mas geralmente assim, eu sou amigo, aí não faz nada comigo. Por exemplo, eu conheço malandro, que me dá bom dia, que eu saio da minha casa, fala "Ó, tô olhando tua casa!", sabe que eu tô indo trabalhar, mas eu sei que ele roba outra casa. Ele é meu "amigo". Entre aspas, ele é meu "amigo". Mas eu sei que se eu vacilar, por exemplo, se eu sei que ele tá fazendo coisa errada e eu for entregar ele, a minha cabeça vai rolar, né? Então eu tenho que ficar calada.
(Jovem moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

Para compreender como se organizam e estabelecem essas relações de poder, serão analisadas as formas de controle exercidas pelos grupos organizados e não organizados que atuam dentro das comunidades estudadas.

Relações com organizadores do crime

Diferentemente das relações sociais entre "conhecidos", vizinhos, amigos e parentes que convivem no mesmo bairro, as relações com grupos de poder qualificados como "organizadores do crime" são marcadas pela assimetria e desigualdade com base na capacidade de dominação e coerção de um grupo sobre o outro. É importante observar que isso não significa que não existam conflitos e disputas entre "conhecidos", vizinhos, amigos e parentes, geradores de atos violentos e até mesmo ocorrências criminais. Nos grupos focais com a Polícia Militar foi discutida a frequência das brigas entre vizinhos, marido e mulher, geralmente aos finais de semana, associadas ao álcool e consumo de drogas, resultando em ameaças, lesões corporais graves e até mesmo homicídio.
A natureza das tensões e conflitos originados na relação com os organizadores do crime é diversa. Em todas as localidades estudadas, constatou-se a presença de grupos organizados ou não, ligados a atos violentos e ilícitos, cuja interferência sobre o cotidiano dos moradores é maior ou menor, dependendo da capacidade de organização interna, poder de coerção e intimidação sobre a população. Um dos aspectos mais relevantes refere-se à percepção de "ordenamento", por parte dos participantes, que esses grupos têm da vida social das comunidades. Tal "ordenamento" é fundamentado em regras implícitas de controle da circulação de informações e de pessoas, bem como no domínio geográfico do território, incluindo-se aí os pontos de venda de drogas (bocas de

fumo), o que prevê, nos casos mais graves, o toque de recolher e o controle da entrada e saída da polícia.[20]

Circulação da informação

Como explicitado anteriormente, em todas as localidades estudadas, observou-se um forte sentido de "comunidade", em que a maioria dos moradores se conhece, se não pelo nome, pelo menos de vista, costuma se cumprimentar e tem noção de quem "não é do pedaço". Um dos meios de reconhecimento são as referências obtidas junto às redes sociais, acionadas rapidamente quando uma pessoa nova é introduzida no bairro.

P2: *Aquele ali, vamos supor, não conheço ele, o Lu, anda com ele.*
Mo: *Então você sabe, o nome da pessoa, de quem que é amigo, com quem ele anda.*
P3: *É, porque normalmente a pessoa, vamos supor que eu tô com um rapaz que não é amigo dele. Aí ele chega, sempre apresenta, aí.*
P1: *Aí o outro, "Quem é aquele ali?"*
P2: *É o amigo do Robson.*
P3: *Quando chega uma pessoa diferente, tá com alguma pessoa que a gente conhece, a gente sempre pergunta, "Quem é aquele bicho que tá ali com o Celso?" "Ah, é fulano de tal, do Gama." Sempre passa a informação, daonde é essa pessoa, de onde veio.*
P4: *E assim.*
P3: *Já tira uma "procedência", assim, uma "ficha", digita o CPF dela lá.*
P5: *Já tira o currículo dela (risos).*
(Grupo com jovens moradores do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

As redes sociais também são acionadas rapidamente quando ocorrem acontecimentos extraordinários. As notícias sobre ocorrências são circuladas rapidamente, antecipando-se aos eventos veiculados na mídia.

Mo: *Quanto tempo assim, mais ou menos, desde que uma coisa aconteceu até vocês saberem?*
P1: *Ôxi, dez minutos.*
Mo: *Dez minutos?*
P1: *Dez minutos. Se aconteceu lá no IPICEP, em cinco minutos a gente já tá sabendo aqui. Mataram fulano no IPICEP, em cinco minutos a gente já tá sabendo aqui.*
P2: *E a gente tá sabendo até a razão porque ele morreu.*
(Grupo com jovens moradores do Ibura, Recife, PE)

A "fofoca",[21] entretanto, tem restrições claras e implica riscos. Toda informação sobre pessoas e ocorrências dentro da comunidade deve permanecer circunscrita ao território da comunidade. Quanto maior é o poder de coerção exercido pelos organizadores do crime sobre a população, mais o temor do testemunho e da denúncia é manifestado pelos moradores. Denominada de "cagoetagem" ou "X9", a delação ou passagem de informações a pessoas que não detêm o *status* de pertencimento ou que podem denunciar o delator como "informante" constitui ato de risco que implica sanções. Em

20 Cabe enfatizar que nenhuma das situações estudadas se assemelha ao que se observa em algumas favelas do Rio de Janeiro e não foi encontrado nenhum tipo de organização criminosa que parecesse se enquadrar na categoria de crime organizado.

21 Segundo Fonseca (2004, p. 41-42), a fofoca tem funções diversas em uma comunidade. Ela envolve "o relato de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos." Porém, "pode reforçar o sentimento de identidade comunitária ao criar uma história social do grupo." Nesse sentido, seria instrumental na definição dos limites do grupo: não se faz fofoca de estranhos, pois não estão sujeitos às mesmas normas; e ser objeto de fofoca significa a integração no grupo. Além disso, a fofoca também "serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública."

alguns casos, essas sanções chegam à extrema violência e constituem um dos maiores fatores de medo e insegurança eliciados pelos participantes.
As atitudes que os moradores tomam em relação à veiculação de informações em contextos em que há coerção, muitas vezes, são interpretadas como "conivência" e "proteção" dos organizadores do crime. Contudo, as evidências da capacidade de intimidação desses grupos mostram que não existem benefícios nessa relação, mas sim uma espécie de acomodação de forças em uma relação carregada de tensão.
Em todas as localidades estudadas, na maioria dos grupos de moradores, houve bastante consistência em relação ao tipo de informações que podem ser dadas a "desconhecidos" e aquelas que não podem. Informações sobre localização de pontos comerciais, trajetos de ônibus, nomes de ruas, entre outras consideradas "neutras" são fornecidas ainda que dependam da empatia com o interlocutor. Já as informações a respeito de nomes, local de moradia e pontos de venda de drogas nunca são fornecidas. Os participantes alegam sempre a hipótese de o interlocutor ser um repórter, um policial disfarçado ou ainda uma pessoa sobre a qual não se tem certeza de quais sejam suas intenções. Nesse caso, o desconhecimento sobre o uso da informação pode vir a prejudicar quem a forneceu, de modo que é preferível não falar com desconhecidos a respeito de pessoas conhecidas.

Quem, na minha porta, pedindo uma informação, eu posso não conhecer aquela pessoa que tá pedindo informação, mas eu conheço muito bem a pessoa de quem ele quer a informação. Se eu souber que aquela pessoa não é uma pessoa correta, não vou dar informação dele. Por hipótese nenhuma. Porque o cara chegou ali só pra averiguar. Ele vai me fazer uma pergunta, depois eu vou dizer a ele, "Ah, mora ali." "Ele tá em casa?" E vai terminar eu dizendo a vida do cara todinha porque eu conheço o cara que mora na minha rua. Então é isso de a gente morar num canto e conhecer todo mundo.
(Mãe de adolescentes e jovens, moradora do Ibura, Recife, PE)

A delação ou cagoetagem possui riscos e é descrita em três situações distintas: passar informações a alguém com más intenções, que venha a prejudicar a pessoa sobre a qual se deu informações (um "malandro" ou a polícia); passar informações sobre pessoas envolvidas com atos ilícitos, que venham a se vingar, mesmo de dentro da prisão; e ser visto passando informações para "estranhos" ou polícia e ser identificado como delator ou "cagoete". Nos três casos a pessoa pode sofrer sanções, mais ou menos violentas, dependendo da capacidade de intimidação dos grupos que exercem poder de coerção na localidade.
No estudo realizado, as localidades onde se registraram as sanções mais violentas foram a Brasilândia e a Vila Bom Jesus, o que sugere que os grupos ligados ao crime nessas regiões tenham mais capacidade de organização e intimidação.

Eu tive, agora no início do ano passado, uma chacina na minha família. Entraram, mataram eles, mataram as crianças, mataram todo mundo. Daí uma das meninas abriu a boca e falou, a polícia teve que fazer proteção policial, hoje elas moram no final de Santa Catarina, não podem voltar pra vila, porque elas botaram um dos maiores traficantes aqui da vila dentro da cadeia, entendeu? Então assim, eles, da gangue, esse indivíduo, não podem conhecer, como é que eu vou te explicar? Ninguém pode ficar sabendo de quem, os parentes dela, entendeu? Porque todo mundo que eles procuravam, tipo "Tu é parente da fulana?" "Sou, por quê?" "Tu vai ter que me dizer onde ela tá ou tu vai morrer." Entendeu? Se tu não falasse, eles matavam, como eles fizeram com muita gente da nossa família, entendeu, até que isso parou quando eles entraram na casa da minha tia, mataram um primo meu, que sabia onde elas tavam, e ele disse, "Podem me matar que eu não vou falar." E eles mataram, o filho dele recém tinha nascido, tinha saído do hospital, tal, e eles mataram o meu

primo, e a mulher dele, e a mãe dele, foram tudo embora da vila. Porque eles queriam saber onde é que tá minha tia que denunciou um dos maiores chefes aqui da vila.
(Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Mo: *O que acontece se você não se comportar dessa forma?*
P1: *Acontece alguma coisa com você ou com a sua família.*
Mo: *O que pode acontecer?*
P2: *Morte, quase certo.*
P1: *Morrer, ou ser espancado.*
P3: *Eu acho que mais morte, sabia?*
P2: *É, geralmente não é nem espancar, porque a pessoa não te deixa vivo, ou espanca até a morte, ou já te mata duma vez.*
Mo: *E com a família?*
P1: *E com a família a mesma coisa.*
P3: *Pra família às vezes pode até dar uma chance e ir embora, sabe? Nunca mais voltar.*
P1: *É, de ameaçar a família e falar: "Se você ficar aqui você morre." Daí a família vai embora e já era.*
(Grupo com jovens moradoras da Brasilândia, São Paulo, SP)

Segundo Silva (2008, p. 42), "todos obedecem apenas porque e enquanto sabem, pela demonstração do fato em momentos anteriores, que são mais fracos, com a insubmissão implicando necessariamente retaliação física quase sempre letal". A principal consequência é o desenvolvimento de uma desconfiança generalizada, cujo resultado é a chamada "lei do silêncio", sob a qual nada é dito aos "de fora" sobre o que acontece "aqui dentro", tampouco se protegem as vítimas da própria comunidade que sofrem com a violência testemunhada diariamente.
O controle da informação foi evidenciado na atitude reticente dos próprios participantes em falar sobre os grupos e indivíduos envolvidos com atos ilícitos, mesmo garantindo-se, no início dos trabalhos, a preservação do anonimato e o sigilo das sessões em grupo focal. Uma das alternativas propostas foi não mencionar nomes de pessoas ou locais e não fazer referências a experiências pessoais sobre as quais os entrevistados não se sentissem à vontade ou que poderiam se sentir desconfortáveis nas situações de grupo. É provável que novos encontros "quebrassem o silêncio" em torno dessas questões, porém, não era esse o propósito do estudo. Dentro daquilo que se discutiu, foi possível perceber o grau de interiorização das práticas intimidatórias e, principalmente, da suspeita de estarem sendo observados, até mesmo pelo fato de terem se deslocado para um local de encontro dentro do próprio bairro (associação de moradores, centro de referência em assistência social) para a atividade de pesquisa. O desconforto variou entre participantes, grupos e localidades, dependendo do poder de coerção exercido pelos grupos envolvidos com atos ilícitos que exercem poder sobre as comunidades.
Um caso particularmente grave, de uma moradora da Vila Bom Jesus em Porto Alegre, evidencia o quanto esses controles sociais podem embaralhar os limites entre o espaço público (da rua) e o privado (da casa), transformando a vida cotidiana em um constante estado de tensão e alerta:

P1: *É Beco da Morte onde que eu moro. Lá já não dá pra chamar a polícia, lá, se chama a polícia, já vem em cima de ti já, porque tá cagoetando, é isso (...) Já correram umas visita que foram lá em casa visitar, elas não vão muito lá, eles me ligam, pra eu vim aqui. A T... sabe, [eles perguntam] "Quem é elas, que elas querem comigo?"(...)*
P1: *Bah, tive que ir lá, minha guria desapareceu um bom tempo, né, e era pra mim levar ela lá no DECA hoje, com a identidade dela e recolher ela. Aí ela pegou, ligou pra mim e disse, "Não mãe, tem que ir lá retirar queixa." Aí o ... passou, que a minha janela é de frente pro beco né, escutaram assim, "Bah, tá cagoetando alguém? Vai na polícia pra fazer o quê?" Daí eu tive que sentar e explicar que não é pra eles.*

Mo: *Então assim, eles chegam a ouvir a conversa, de dentro da tua casa?*
P1: *Sim, que a minha janela é de frente assim, passa no beco, assim, entendeu? Que a minha cerca é baixa. Num tem como não escutar, saber o que tu falou dentro de casa.*
Mo: *Então mesmo dentro da tua casa tem que prestar atenção.*
P1: *No que tu fala. É isso.*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Os controles sociais exercidos por esses grupos variam, portanto, desde a intimidação pelo exemplo (ameaça de retaliação violenta), até a admoestação e observação ostensiva de ações e comportamentos, incluindo a interferência, nos casos mais graves, na rotina diária dos moradores, interrompendo e alternando eventos. O "deslize" ou "vacilo" é punido com a expulsão da comunidade ou a morte.

Controle do território

Os conflitos ocorridos em torno do espaço físico e geográfico dos bairros também são pautados pelos grupos que o ocupam e nele transitam, diferindo de acordo com a natureza da relação estabelecida entre o(s) território(s) e seus ocupantes, segundo algumas das categorias já estudadas anteriormente. Nessa perspectiva, é possível ter, no interior de um mesmo bairro, grupos organizados ou não disputando pontos de venda de drogas (bocas de fumo). Também pode haver disputas pelo controle de áreas diferentes que compõem o mesmo bairro, ou rivalidades entre grupos que controlam essas áreas, ou ainda rivalidades entre moradores de bairros diferentes. Em todos os casos, além dos protagonistas dos conflitos, há os moradores que também convivem no mesmo espaço e a principal consequência desse estado de coisas é o transbordamento da violência para o cotidiano, vitimizando pessoas não envolvidas em atos ilícitos nos confrontos seja com a polícia, seja entre organizadores do crime.
As localidades com relatos de conflitos mais graves entre grupos rivais, que afetaram seriamente a vida dos participantes, foram a Brasilândia, onde houve até recentemente uma disputa violenta entre os bairros Jardim Vista Alegre e Jardim Elisa Maria, e a Vila Bom Jesus, onde até hoje coexistem três grupos organizados envolvidos com atos ilícitos, sendo que o mais influente é extremamente violento.

P1: *Dependendo de onde tu morava...*
P2: *Era tiroteio de tarde -*
P1: *Tu não podia andar em todas as ruas. Se tu morasse em baixo, tu não podia subir pra cima, se tu morasse em cima, tu não podia descer pra baixo, depois das dez horas da noite, não era recomendável andar na rua...*
P2: *Teve época que seis horas cê não podia mais sair.*
P3: *Seis horas ficava trancada dentro de casa.*
P2: *Escurecia tinha que tá trancado.*
P4: *Amanhecia tinha corpo dentro do teu pátio morto.*
P5: *Às vezes quatro da tarde, as criança brincando, tinha que sair correndo atrás do teu filho porque o tiroteio tava...*
Mo: *Que época que foi isso?*
P2: *Ano passado.*
(Grupo com jovens moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

A intesidade dos conflitos, portanto, variou entre as localidades estudadas e também no tempo, tendo sido amenizada devido à união entre facções rivais, morte ou prisão de chefes de grupos criminosos, ações da polícia e mudanças na dinâmica de organização e controle do território por

parte desses grupos. Em Rio Branco, no Acre, os efeitos desse tipo de ação foram sentidos com menor intensidade, embora haja rivalidades entre bairros. Os locais onde se identificou certa organização, capaz de interferir na entrada e saída de pessoas, foram o Parque Mingone I e II, em Luziânia, e o Milagres, em Recife, além das localidades já citadas em São Paulo e Porto Alegre.

É importante observar que a rivalidade entre bairros foi uma questão explicitada nos grupos de jovens, indicando que se trata de um fenômeno vivenciado por essa faixa etária. Com efeito, foi nos grupos de adolescentes e jovens, especialmente do sexo masculino, que ficaram evidentes não apenas quais bairros eram rivais uns dos outros em cada localidade estudada, mas também de que forma os conflitos entre eles emergiam e podiam/deviam ser evitados.

Nessa dimensão, não se trata de rivalidades ou disputas por domínio de territórios envolvendo bocas de fumo e controle de entradas e saídas por grupos ligados ao tráfico, mas sim rixas entre adolescentes e jovens que ocorrem nos espaços públicos (dentro e fora dos bairros), com base no *status de pertencimento*. Esse comportamento pode ser observado em relação tanto aos homens quanto às mulheres, porém há diferenças de gênero significativas na forma como se dão esses conflitos. Além de serem mais frequentes entre homens, os pontos de partida deles são diferentes, sugerindo regras de convivência distintas para cada um dos gêneros.

Aqui é assim, é um bairro pra todo canto. Tem o Mingone, tem o Parque Nove, tem o Jardim Ingá, e pessoas, homens, assim, que sai daqui pra ir pro Mingone, as pessoas vai olhar diferente. "Ah, vou matar fulano porque ele não é daqui!" É sempre assim. Cê pode atravessar a BR que você só tem a perder. As mulher lá fala, "Ah, essa mulherzinha bonitinha desse jeito veio dá em cima do meu marido!"
(Adolescente moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

A circulação de pessoas "estranhas" ou "desconhecidas" no bairro é, portanto, vista com reservas tanto por homens como pelas mulheres, por motivos diferentes, devendo obedecer a uma espécie de "etiqueta" precisa para que não haja conflito. Destaca-se que, em todas as localidades, os jovens do sexo masculino referiram-se à "forma" ou à "maneira" de entrar em outro bairro, explicitando algumas "regras" de convivência específicas entre eles para que não haja quebra do respeito. O que está em jogo é o que Fonseca (2004) descreve como a "honra masculina", cujos atributos, no caso do jovem solteiro, diferem do homem de família. A base para a manutenção da honra é o respeito, sendo que a perda do respeito (que pode ocorrer diante da menor provocação) está na origem das brigas, que, nos casos mais graves, resultam na morte de um dos adversários.

P1: *Aqui é muito respeito, entendeu, nenhuma pessoa vem aqui, tipo, como é que fala? Vai, como é que fala, ele tá aqui, eu não conheço ele, como se eu já conhecesse ele, eu vou fazer uma coisa com ele, sendo que eu não conheço. Aqui é muito respeito, entendeu, procurar, aqui em periferia mesmo, procura saber quem é, pra depois fazer alguma coisa.*
Mo: *Como assim?*
P1: *Eu conheço você, eu não te conheço, eu chego em você, pô, você tá com o copo aqui, eu vou chegar, pum, pá! (movimento de derrubar o copo) Cê com a sua namorada aqui, cê com a sua namorada, vamo supor, exemplo, daí eu não conheço. Daí eu chego, e sei que cê taí. Só porque você não é do bairro, eu vou sair, pum, pá, bebendo, "Não, d'aí, põe na conta dele!" Pô, não conheço vocês, já começa uma briga, entendeu?*
P2: *O cara fica te provocando até você partir pra cima dele, entendeu?*
(Grupo com jovens moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

Em localidades onde há forte sentido de comunidade, portanto, "ninguém entra assim do nada", havendo algumas regras a serem seguidas para que o confronto não resulte em violência. Circular sozinho implica se deixar ser reconhecido e, portanto, jamais esconder o rosto sob um capacete de motocicleta ou atrás de vidros fechados com películas automotivas. Significa também se deixar ser conhecido,

não adotando atitudes introvertidas e sisudas, que despertem a desconfiança de que se está ali com más intenções, mas também não ultrapassar a linha do respeito, como bem exemplificado acima, não abusando da hospitalidade e da boa vontade de quem recebe. Esse ponto é muito importante no que se refere às mulheres do lugar. Dependendo do bairro que se frequenta, não se deve, em hipótese alguma, ter pretensão sobre as mulheres "dos outros", o que sugere que as rivalidades entre bairros, quando olhadas da perspectiva do gênero masculino, também incluem ter acesso ou não às mulheres.

Mo: *Então pra você ir, por exemplo, lá pra Restinga ou pra Vila Cruzeiro, você tem que fazer amizade pra poder ir?*
P1: *Não, tipo assim, tu vai na tua, faz o teu pé. "Ei, ô, bah!" Chega tranquilo.*
P2: *Tu também não vai sozinho, né?*
P1: *Aí eu chego na minha, não querendo botá o olha nas guria de ninguém, chego lá, faço...*
P3: *É que é mais fácil fazer amizade do que chegar fechadão, né, nos lugar. Se não eles vão ficar todo espiado, "Bah, esse cara é todo fechadão, cheio da onda".*
P1: *Bah, agora chega fechadão, cheio da onda, bah, esse colega vem lá do outro lado...*
Mo: *Mostra pra mim, como é que é chegar fechadão, cheio da onda?*
P3: *Tipo assim, chega numa festa, por exemplo, eu vou chegar lá na Restinga, lá, eu vou chegar aqui, ficar quieto.*
P4: *Ficar encarando.*
P3: *Ficar olhando os cara tudo olho no olho, os cara vão ficar, "Qual é a desse louco, vem lá da Bom Jesus e fica querendo entrovar", eles vão querer chegar nele e vão ó... chamar ele no soco!*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Esse tipo de conflito com base na "honra masculina", que tem motivações em atributos como respeito e práticas de sociabilidade pautadas por certas regras mais ou menos acordadas, é diferente dos conflitos entre mulheres, geralmente precipitados por ciúmes, e certamente diferente das disputas por território com base na ocupação de locais de venda de drogas. Nessas situações, os confrontos, quando ocorrem, se dão entre grupos, e não entre indivíduos, e são muito mais violentos.
O controle do território por grupos organizados ou não, envolvidos com atos ilícitos, especialmente o tráfico, opera em duas dimensões que se contrapõem de forma ambígua. Na primeira, a relação muito próxima com grupos de poder que exercem coerção e intimidação sobre a população estabelece limites à circulação de pessoas (locais interditos, horários, toques de recolher), de informações ("lei do silêncio") e impõe comportamentos muitas vezes extremamente opressores na convivência cotidiana.

Tinha um monte de menino fumando, cheirando, eu fiquei apavorada, continuei andando de cabeça baixa. Aí o menino mexeu comigo, eu nem olhei pra trás, continuei andando. Pois me chamou de rapariga, de vagabunda, ele começou a me xingar, só pelo fato de eu não ter olhado pra trás. Esses menino de boca são assim, se eles falar, 'E aí, beleza bonitinha? Gatinha!' Se você não responder, cê tá sendo jurada de morte, e eu não, num vou olhar pra pessoa e 'Tudo bom?' Seria como se já tivesse dando ousadia. Se você fala você dá ousadia, se você não fala, você morre!
(Adolescente moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

É interessante observar que códigos de honra semelhantes aos aplicados entre jovens do sexo masculino são utilizados para expressar e afirmar poder de bandidos sobre os demais moradores, dentro daquilo que Silva (2008) denomina de "sociabilidade violenta".[22]. A submissão à dominação se

22 A sociabilidade violenta deve ser entendida como um conjunto de práticas desenvolvidas por determinados grupos "portadores" desta ordem social ou dominantes sobre a população afetada, que ocupa a posição social de "dominada". Essas práticas seriam exercidas na tentativa de estabelecer controles em ambientes que só oferecem resistência física à manipulação dos seus agentes. (SILVA, 2008, p. 42)

faz pela intimidação ou pela violência. O “respeito” pelo bandido é obtido por meio da manipulação das relações de força no interior das interações sociais entre ambos.

P1: *Pô, se liga um som, um dia semana, cê sabe que seu vizinho vai trabalhar amanhã, cinco horas da manhã, eu vou ligar o som, de madrugada?*
P2: *Mas tem gente que liga. Cê vai falar o quê? A pessoa é bandida, cê vai falar o quê?*
P1: *Cê vai falar o quê? Se você falar você tá correndo risco de morte.*
P2: *Até de morrer. Tem que ver e ficar quieto, que muitas vezes, a gente tem que ver as coisas e ficar calado.*
P1: *Ficar quieto, engolir. Engolir, quieto, entendeu? Porque você sabe que se você mexer ali, pô, eu vou brigar com o cara que, se pô, eu falar alguma coisa pra ele, ele já vai chegar atirando em mim. Ele num quer saber quem é! Se o cara trabalha, se você...*
P2: *Se você falou alguma coisa pra ele que ele num gostou, ele vai querer te matar.*
P1: *Pra ele é uma questão de honra.*
P3: *Honra.*
P1: *Porque eles num quer saber, tipo, eu respeito – com eles num tem respeito. (...)*
P3: *O bandido ele quer tá sempre acima de você, então você tem que saber perder, abaixar a cabeça e sair andando, senão vai arrumar encrenca, né? Então eu acho que você tem que saber perder, né, pra saber viver nesse mundo, aí, né? Então se não for assim, você não sobrevive.*
(Grupo com adolescentes moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

A intimidação nos moldes exemplificados acima está presente em maior ou menor grau em todas as localidades estudadas. Porém, naquelas onde há maior organização e capacidade de coerção por parte de grupos envolvidos em atos ilícitos, foi possível observar uma segunda dimensão, contraditória à primeira, nas relações de poder entre bandidos e população: nos mesmos grupos onde se verificou maior capacidade de intimidação, os participantes explicitaram que os bandidos exerciam certo “ordenamento” sobre a comunidade, tido como benéfico, por uma série de razões.
Dentro dos limites da capacidade de organização desses grupos, está o estabelecimento de regras internas ao território sob controle para o exercício de atividades ilícitas, além do controle sobre a entrada e saída de pessoas estranhas e da polícia. Esse controle é exercido pelas redes sociais envolvidas com atos delituosos, obedecendo à hierarquia interna do(s) grupo(s), como por exemplo a atividade (remunerada) do “fogueteiro” (meninos que avisam os traficantes da passagem ou chegada da polícia).
Tais regras se orientam por pressupostos de ordem moral, fundamentados no *status* de pertencimento. Nessa perspectiva, dentro da comunidade, portanto, “não é permitido roubar”, sob o pressuposto de que “pobre não rouba de pobre”.

P3: *Porque na vila não pode assim, eu moro na vila eu não posso roubar da vila. Porque isso daí tá louco, apanha, que nem boi ladrão.*
Mo: *Então tem regra?*
P2, P3: *Tem regra!*
P4: *Roba de quem tem, não na vila.*
P3: *Tu pode robar em outro lugar, bem longe daqui, não na vila.*
P1: *Pra robar, da pessoa que tem, a pessoa que trabalha, eles não podem assaltar, se assaltar ou ele é morto, ou eles dão uma cacetada de pau.*
P2: *Eles protege bem dizer nossas casa.*
(Grupo com jovens moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Além disso, estabeleceu-se um controle sobre quem deve morrer e quem pode matar. Os motivos para que a sentença de morte seja decretada também precisam ser validados junto aos superiores

na hierarquia do grupo que controla a localidade. Em um primeiro momento, as determinações sobre o que é considerado legítimo e ilegítimo na decisão pela sanção máxima (pena de morte) parecem se orientar por critérios de ordem moral. Ofensas contra a honra pessoal (tomar a mulher do outro, por exemplo) e crimes considerados hediondos, como o abuso sexual e o estupro de crianças, são punidos com a morte. Porém, o poder de coerção também é sustentado por meio da mesma violência que faz do exemplo seu instrumento maior de intimidação: no comércio de drogas, quem não paga a dívida tem que morrer. Quando analisado do ponto de vista da racionalidade dessas ações, o controle sobre as mortes perpetradas dentro da comunidade faz sentido, na medida em que, quanto menos mortes (e menor o número de mortes espetaculares, em eventos como chacinas), mais se garante que a polícia fique afastada e não perturbe as operações do tráfico.

Nas localidades estudadas, tal regra foi constatada, nesses termos, na Vila Bom Jesus, em Porto Alegre, e na Brasilândia, em São Paulo, e de forma um pouco diferenciada no Jardim Ingá, em Luziânia, onde parece haver uma relação de troca de favores negociada. Em outras palavras, os serviços de proteção "prestados" por grupos ligados a atos ilícitos, mencionados em alguns grupos, se dão mediante pagamento.

É interessante observar que, tanto no caso de Porto Alegre como no de São Paulo, o apoio às ações de grupos armados ligados ao crime se deu *após* mudanças recentes no cotidiano violento dessas comunidades, ou seja, posteriormente à reorganização e acomodação de relações anteriormente conflituosas entre facções que transbordavam para a vida diária, causando transtornos como o medo constante, a sensação de insegurança diante da possibilidade de ser apanhado em meio a um cofronto com a polícia ou com outros grupos, tiroteios, chacinas, toques de recolher, mortes. Nos dois casos, os participantes, tanto nos grupos de adolescentes e jovens, de ambos os sexos, quanto nos de mães, referiram-se a melhorias em relação a "antes" ou "antigamente", isto é, quando o conflito entre as facções rivais na Vila Bom Jesus e entre o Jardim Elisa Maria e o Vista Alegre, na Brasilândia, tornava a vida nessas localidades insuportável.

No caso de São Paulo, a união entre os grupos que controlavam cada um dos bairros é tida como o principal fator por trás da melhoria da situação de violência na Brasilândia, de modo que é razoável supor que parte do apoio dos participantes aos grupos envolvidos com atos ilícitos guarda relação com esse fato.

P1: *Tem né, só que não é tão bagunçado que nem era antes. Hoje já tem o respeito. (...) Eles andam mais armado mesmo é à noite. (...) As duas facção tá unida. (...) Os cara hoje em dia do crime eles num deixa nem mais as criança ficar faltando na escola, a maioria assim, num deixa usar droga, criança, os cara tá, fez uma prefeitura...*
P2: *Tá bem rigoroso, eles tá vendendo, mas usa quem quer, não tá aquela coisa, "chega aí, compra, compra".*
Mo: *Ah, então antes tinha uma imposição assim?*
P2: *Ô, antes, era "fuma aí, fuma aí", agora não, fuma quem quer. Num deixa fumar criança, assim.*
Mo: *E vocês acham que tem uma organização, mesmo? E isso faz o que, pela comunidade? O que vocês acham?*
P2: *Pelo menos bala perdida não tem mais (rindo). Tiroteio também não. Melhorou.*
P3: *Melhorou.*
P1: *Tá uns oitenta por cento melhor.*
P3: *É o que eu falei, fora as drogas, não tem mais nada não.*
(Grupo com adolescentes moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

Nesse sentido, pode-se dizer que o grau de desorganização da vida cotidiana pela exposição à violência está diretamente relacionado à percepção positiva/negativa das forças que se conjugam para manter ou modificar o estado de coisas. Isso não significa que as pessoas apoiem

incondicionalmente o crime em suas comunidades, ou sejam coniventes com ele. À primeira vista, pode parecer que essa relação de admiração pelo bandido em seu papel de "herói", quando supostamente adota práticas "compensatórias" (como em alguns exemplos citados, devolvendo objetos roubados, expulsando ladrões das comunidades, advertindo e punindo maridos violentos, perseguindo estupradores), é a chave para compreender a natureza contraditória do apoio aos mesmos grupos de poder que exercem coerção sobre a população. Porém, essa relação pode ser mais bem entendida quando pensada do ponto de vista da continuidade das relações sociais:

P1: *Eu não tenho coragem de chamar a polícia pra malandro porque eu tenho medo de eles me matarem quando a polícia sair. Porque a polícia vai ali e volta, e o malandro fica ali pro resto da vida.*
P2: *Isso aí que a senhora falou é uma verdade.*
Mo: *A polícia vai e...?*
P1: *A polícia vai lá e vai embora, o marginal não, fica lá. Eu não tenho coragem não, de chamar a polícia.*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Em outras palavras, as relações cotidianas, que se dão entre pessoas que se conhecem e mantêm laços de sociabilidade no espaço do bairro, ocorrem entre moradores e grupos organizados e não organizados envolvidos em atos ilícitos que detêm o mesmo *status* de pertencimento. Além disso, são grupos que convivem constantemente e não apenas pontualmente: trata-se de relações muito próximas, de vizinhança, nas quais trajetos e percursos se entrecruzam diariamente e, por vezes, entram em conflito. O problema é que essa relação é assimétrica, entre grupos que ocupam posições desiguais como dominantes e dominados, em que infelizmente a polícia não tem exercido o papel de mediadora, no sentido quer de equilibrar essa relação, quer de participar efetivamente como ator social capaz de romper esse desequilíbrio de forças que traz a sensação de insegurança para a população.
Na próxima seção, serão analisadas algumas das razões por que isso acontece.

Relações com a Polícia Militar

Um dos aspectos mais discutidos, em todos os grupos, em todas as localidades, foi a relação com a polícia e, em especial, a Polícia Militar. É importante enfatizar a importância dessa questão nas dinâmicas em grupo focal. Embora uma das atividades sugeridas propusesse imagens de policiais militares e guardas civis metropolitanos, o roteiro dos grupos focais não previa questões diretas sobre a instituição ou a relação dos moradores da localidade com as polícias que atuam nas ruas ou nas escolas, ou outras forças de segurança que tivessem tomado parte em ações recentes (como a Rota,[23] em São Paulo, e a Força Nacional,[24] em Luziânia). As discussões foram propostas a partir das eliciações dos participantes, estimulados (ou não) pelas imagens sugeridas. Nesse sentido, cabe enfatizar a saliência do problema, uma vez que, em diversas dinâmicas, a problemática da violência policial emergiu *antes* da introdução de qualquer imagem alusiva à polícia ou mesmo antes do início das atividades de fotoeliciação.

23 Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, conhecidas pela sigla Rota, constituem modalidade de policiamento do 1º Batalhão de Policiamento de Choque "Tobias Aguiar" e um Comando Reserva da Polícia Militar do Estado de São Paulo.
24 A Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), criada em 2004, é um programa de cooperação de Segurança Pública brasileira, coordenado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), do Ministério da Justiça (MJ).

Estimulados ou não a falarem sobre suas relações com a Polícia Militar, o certo é que os moradores falam da polícia; e não apenas falam, como falam mais ou menos dependendo da localidade, da faixa etária e do gênero. Os conteúdos codificados e analisados dentro desse tópico referem-se, em sua maioria, a episódios reais vivenciados pelos próprios participantes ou testemunhados por eles (ocorridos com parentes, amigos, vizinhos, colegas e conhecidos), os quais formam a base para um conjunto de *conflitos*. Além dos episódios, há várias referências, baseadas nessas experiências, que podem ser agrupadas em um conjunto de *representações*[25] sobre a polícia enquanto instituição de segurança pública.
A análise dos episódios relatados, em combinação com as representações sobre a instituição, sugere uma relação simétrica, em que as representações são fundamentadas na experiência cotidiana e a experiência cotidiana sustenta as mesmas representações.

Os moradores e a polícia

Considerando-se todas as referências codificadas no tópico "Relações com a Polícia" – "conflitos" (relatos de conflitos com a polícia), "motivações" (explicações para o comportamento da polícia apresentados pelo grupo) e "representações" (representações do grupo sobre a Polícia Militar com base nas experiências vividas) –, é possível observar diferenças na quantidade de referências codificadas em cada grupo, segundo a localidade, o gênero e a faixa etária.

Tabela 18 – Número de referências dos moradores participantes dos grupos focais, codificadas como "conflitos", "motivações" e "representações" sobre a polícia, segundo localidades pesquisadas

Localidades	Mulheres 14 a 30 anos	Homens 14 a 30 anos	Mães	Total
São Paulo	6	20	3	29
Luziânia	17	16	6	39
Recife	7	26	7	40
Rio Branco	2	5	2	9
Porto Alegre	23	37	13	73
Total	**55**	**104**	**31**	**190**

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A Tabela 18 mostra que os adolescentes e jovens do sexo masculino falaram muito mais de suas experiências com a polícia do que as mulheres dessa mesma faixa etária, e os grupos jovens relataram mais do que os grupos de mães.[26] Houve considerável diferença entre os grupos segundo a localidade: onde mais se falou da polícia foi em Porto Alegre, seguido por Recife e Luziânia. O número de referências, embora esteja sujeito à dinâmica do grupo, tem a ver com a relevância da questão para os participantes. Não por acaso, em Porto Alegre foram ouvidos mais episódios de conflitos em que os resultados foram mais graves (lesão corporal grave e morte).

25 Representações sociais são fenômenos cognitivos que emergem da atividade de apropriação da realidade exterior pelo pensamento e da elaboração psicológica e social dessa realidade (MOSCOVICI, 1984). São sociais porque lidam com a realidade, especialmente no sentido socioestrutural e cultural, têm origem social e são amplamente difundidas e compartilhadas. Como resultado disso, tornam-se parte da realidade social. Sua característica mais distintiva é o fato de que são compartilhadas por muitos indivíduos e, assim, constituem uma realidade capaz de influenciar o comportamento individual (JASPARS; FRASER, 1984, p. 104-5).

26 É preciso levar em consideração que houve menos grupos de mães do que de adolescentes e jovens. Mesmo se ponderássemos os grupos de mães, de modo a que as mesmas referências fossem equiparáveis aos grupos de adolescentes e jovens, ainda assim as eliciações seriam proporcionais às do sexo feminino.

Cabe ressaltar que, em todos os grupos de moradores, sem exceção, houve relatos de conflitos com a polícia experimentados pelos próprios participantes. Isso significa que a experiência de passar por abordagens policiais e conviver com a presença da polícia no bairro faz parte do cotidiano dos participantes e constitui um dos elementos principais da formação das suas representações sobre a instituição.

Os episódios relatados são muitos e podem ser somados às experiências pessoais e testemunhos, já analisados nas seções específicas para cada localidade. Eles foram classificados em sete modalidades:

- **espancamento:** relatos em que policiais agrediram fisicamente o participante ou alguém que ele conhecia;
- **invasão de domicílio:** relatos em que policiais entraram na casa do participante ou na residência de alguém que ele conhecia, agredindo fisicamente (ou não) os moradores;
- **abuso de poder/humilhação:** relatos em que policiais utilizaram força excessiva na abordagem, causaram lesões corporais graves ou até mesmo a morte, ou então coagiram pessoas a fazerem coisas humilhantes ou vexatórias;
- **falta de atendimento:** relatos em que os policiais foram chamados, mas se recusaram a prestar assistência, ou, na opinião dos entrevistados, demoraram para atender a ocorrência, ou, ainda, não tomaram a atitude esperada pelos participantes;
- **prática de corrupção/extorsão:** relatos em que os policiais receberam dinheiro ou pediram dinheiro para não levarem a termo uma denúncia, não efetuarem uma prisão ou não agirem;
- **abordagem:** relatos em que os participantes foram abordados pela polícia, tendo ou não sofrido agressão verbal;
- **preconceito/discriminação/racismo:** relatos em que os participantes foram vítimas de preconceito e discriminação, com base ou não em características raciais.

A título de exemplo, foram selecionados alguns episódios relatados, para cada categoria, apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 – Conflitos com a polícia relatados pelos moradores participantes dos grupos focais

Episódios	Exemplos
Espancamento	*Eu peguei e gritei com o policial, que não precisava fazer isso (...) ele pegou assim "Ai, tu cala a boca, vagabundinha!", eu falei, "Vagabunda é a tua mãe!", aí ele veio correndo e me tirou de dentro do bar. Chegaram a filmar pra mandar pros, até há pouco tempo, deu o meu caso, aí numa reportagem, porque deram com a minha cabeça aí no carro, tudo, deram, me bateram muito, me largaram na pracinha. Os policiais, os boy. E não me levaram presa, pro fórum.* (Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Invasão de domicílio	*Eles entram de todo jeito na nossa casa, sem licença, como um dia lá em casa. Os policial entraram lá em casa revirando tudo, sem licença nenhuma, falando que tinha bandido aí dão drogas, aí reviraram tudo na nossa casa.* (Adolescente moradora do Jardim Ingá, Luziânia, GO)
Abuso de poder	*Tem a minha prima, nóis tava tudo em grupo. (...) Tava todo mundo de roda fumando maconha (...) aí quando vê, tava um monte de turminha de guria, aí quando vê, os policial pararam, "Tá fumando. Vamo levar todas vocêis pro coiso". E aí como que eu era menor, a mais menor, eles não me levaram. Mas levaram as guria, chegaram a levar as guria pra delegacia. Aí a minha prima, conta até hoje, a minha prima teve que dar pros sete, pra não ir presa. Ela conta até hoje, ela foi rasgada, costurada, e até hoje ela não pode dizer que foi os policial. Ela só pode dizer que tava chapada e não sabe quem é, inventou as pessoa. Ela conta até hoje, ela não pode ter filho, porque os sete estupraram ela.* (Jovem moradora da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)
Humilhação	*A Rota (...) aí ela enquadrou, só porque os moleques tavam voltando de uma festa, era de madrugada. Aí botou os moleques, sabe a descida aqui? Botaram de joelhos, pra descer de joelho, até na casa deles.* (Adolescente morador da Brasilândia, São Paulo, SP)
Falta de atendimento	*Aqui na praça mesmo, os policial renderam um cara com duas pedra, pegaram as pedra, deram uns tapa no cara e liberaram. Que que adianta? Adianta ter policial na comunidade? Por isso que a comunidade não emprega, não chama a polícia pra nada. A comunidade faz mesmo com as próprias mãos. Faz justiça com as próprias mãos.* (Jovem morador do Ibura, Recife, PE)
Corrupção	***P1:*** *Rola muita aqui mesmo. A polícia aborda a pessoa...* ***P2:*** *... em vez de te prender...* ***P1:*** *...em vez de te prender, autuar, ela te dá um cacete, e manda cê embora e fica com o revólver da pessoa!* ***P3:*** *E não leva pro CIOPS* ***P1:*** *Vocês lembram do M...? Levaram o M..., prenderam o M..., o M... tava com um 38, botaram um 32 no lugar do 38 dele, e fizeram a ocorrência.* (Grupo com jovens moradores do Jardim Ingá, Luziânia, GO)
Abordagem	*Porque a Rota é preparada pra atirar. Que nem o meu irmão, tava subindo co'a moto, daqui a pouco ele passou, os policial viu ele tipo co'a moto, passou direto. Os policial queria que ele parasse. Como que ele vai saber que o polical queria que ele parasse, se não deu nenhuma sirene? Meu irmão pegou, tava sem os documento da moto (...) daqui a pouco ele voltou, quando ele volta, os policial descendo atirando sem ele saber. Daqui a pouco ele para em casa, pega o documento dele, os policial vê que ele trabalha, pô, e o cara no chão.* (Jovem morador da Brasilândia, São Paulo, SP)
Preconceito/ discriminação/ racismo	***P2:*** *Assim, pra mim racista é quando ele vem pra conversar. Mas ele não conversa, ele vem na ignorância. Ele chega xingando, gritando, falando coisas feias, que a gente não gosta nem de repetir, sabe? Que eles vêm falando coisas sujas, vêm assediando as menores, assim, sabe? Pra mim isso é um racismo, porque eles tão pensando que a gente é suja. Suja por dinheiro. (...)* ***P1:*** *Eles tipo assim, só porque a gente mora assim numa casinha meia... vamos supor -* ***P2:*** *De madeira.* ***P1:*** *De madeira -* ***P3:*** *Caída pro lado.* ***P1:*** *Eles querem dizer que a pessoa é fedorenta, que a pessoa não toma banho, mas as pessoa tomam banho. Se ele acha ruim, ele que me leve na casa dele e me esfregue.* ***P3:*** *Pra mim pessoa mais humilde é, é...* ***P2:*** *É mais limpa que os...* ***P3:*** *É mais limpa que os mais rico. Pra mim é.* ***P1:*** *As pessoas mesmo morando numa casinha de madeira, caída pro lado, elas podem não ter banho, pode ter sujeira, mas pelo menos elas têm a educação que a mãe dela, que os pais dela deram pra ela.* (Grupo com adolescentes moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A experiência de conflitos repetidos com a polícia no cotidiano, compartilhada por parentes, amigos, vizinhos, colegas e conhecidos em contextos sociais em que esses episódios são circulados, contribui para consolidar um conjunto de representações fortemente negativas acerca das forças policiais em geral. Tais representações, por sua vez, podem gerar novos conflitos, na medida em que a expectativa de determinados comportamentos por parte dos atores sociais envolvidos os predispõe a adotarem atitudes em conformidade com essas mesmas representações. Isso ficará mais claro quando analisamos o que a polícia tem a dizer a respeito das formas de aproximação em relação à população e às atitudes suspeitas.

De modo geral, as representações sobre a polícia são bastante recorrentes, em todos os grupos, nas cinco localidades analisadas. Foi possível agrupá-las em seis grandes tipos. Para cada tipo procurou-se reproduzir, de maneira sintética, a ideia expressa pelo conjunto de referências agrupadas como "representações" sobre a polícia que mais se aproximavam entre si. Em seguida, foi analisada de que forma essas ideias se ligam aos episódios relatados pelos participantes e às falas dos grupos de policiais militares.

As referências mais recorrentes correspondem à ideia de que a polícia "bate", "espanca", "invade", entre outras ações em que o uso da força é considerado excessivo e incorre em agressões verbais, físicas ou até mesmo a morte. Esse conjunto de referências deu nome à representação de que **"a polícia é truculenta"** e pode ser apoiada pelos episódios de espancamento, abuso de poder e humilhação relatados pelos participantes.

(1)
"A polícia é truculenta"

"E eles sabem bater pra não deixar marca" (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo feminino, Luziânia, GO)
"Eles tratam as pessoas igual cachorro, pra eles é animal" (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo feminino, – Luziânia, GO)
"Quando vêm, são tudo sem paciência, ignorante" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo feminino, Rio Branco, AC)
"Mete a pêia e nem pergunta o nome" (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo masculino – Rio Branco, AC)
"Tem policial que pega mesmo pra matar" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Recife, PE)

Em segundo lugar, vêm as referências que dão a ideia de que a polícia trata indiferentemente bandidos e "trabalhadores" em uma mesma localidade, isto é, ao tratar todos como suspeitos, não distingue o "cidadão de bem" dos "malandros", conferindo aos adolescentes, jovens e adultos tratamento considerado impróprio, abusivo ou mesmo vexatório. Esse dado é extremamente importante quando se considera o fato de que, em todas as localidades estudadas, os participantes revelaram forte sentido de comunidade. Em outras palavras, em bairros onde todos se conhecem, havendo clareza a respeito *do papel de cada um* (quem é quem, cada qual em seu lugar), o tratamento indistinto de "todos são suspeitos até que se prove o contrário" é amplamente rejeitado pelos moradores, tomado inclusive como discriminação. Esse conjunto de referências deu nome à representação de que a **"a polícia não distingue",** a qual é apoiada pelos episódios de abordagem (com resultados conflituosos ou não).

(2)
“A polícia não distingue”

“Às vezes passa pelo bandido e não vê” (grupo de mães de adolescentes e jovens,Luziânia, GO)
“Quem é pra pegar mesmo, não pega” (grupo de mães de adolescentes e jovens, São Paulo, SP)
“Eles não perguntam se você trabalha” (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Luziânia, GO)
“Não quer saber quem é quem” (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo masculino, Recife, PE)
“Os policiais confundem você com o traficante, já chega atirando” (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, São Paulo, SP)
“Eles pegam inocente, não as pessoas certa”

Apesar dessa percepção de que a polícia não é capaz de distinguir quem é quem na localidade onde atua, há uma clara noção de que certos tipos são mais visados do que outros e o fato de ser morador de um bairro considerado violento ou periférico é o que explicaria a atitude de tratar as pessoas com desconfiança ou suspeita. Nesse sentido, a conduta discriminatória seria fundamentada em características físicas, demográficas, sociais e raciais. Em conjunto, elas formam a representação de que **“a polícia discrimina”** e é interessante observar que os participantes, especialmente adolescentes e jovens, têm bastante clareza dos tipos físicos, das roupas e acessórios, bem como dos modos de andar e falar que mais chamam atenção da polícia, tendo desenvolvido algumas estratégias para evitar a abordagem.

(3)
“A polícia discrimina”

“Eles acham que os de vila são os mais traficante, os mais chinelo.” (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo masculino, Porto Alegre, RS)
“Tem uns alemãozinho que quando pegam uns negão...” (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino Porto Alegre, RS)
“Se tá mal arrumado eles acham que é drogado” (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo feminino, Porto Alegre, RS)
“Se tá bem arrumado eles acham que tá roubando” (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo feminino, Porto Alegre, RS)
“Tem um que quando vê um com brinco, já manda tirar” (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Luziânia, GO)

Outras referências bastante recorrentes são as de que os policiais estão envolvidos com o tráfico e outros esquemas ilícitos, o que gera atitudes de desconfiança por parte da população. Essa noção é fundamentada por relatos vivenciados ou testemunhados de suborno, extorsão, desvio de dinheiro, drogas e armas apreendidas, coação de testemunhas, entre outras práticas de corrupção que formam a representação de que a **“a polícia é corrupta”** e, por essa razão, os organizadores do crime continuam atuantes.

(4)
“A polícia é corrupta”

“Eles não agem contra os bandidos” (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo feminino, São Paulo, SP)
“Se você tem pra pagar, eles vão ficar vigiando a tua casa” (grupo de mães de adolescentes e jovens, Luziânia, GO)
“Pegam dinheiro dos traficantes” (grupo de mães de adolescentes e jovens, Luziânia, GO)
“Eles ajudam o contrabando” (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo masculino, Rio Branco, AC)

Há ainda outro conjunto de referências, ligadas à representação de polícia truculenta, mas que se distinguem daquelas incluídas no grupo apresentado anteriormente, porque procuram dar sentido à violência policial e contêm motivações e argumentos para as abordagens que resultam em conflito. O que explicaria a atitude (violenta) da polícia não seria o uso legítimo da força, mas sim algumas atitudes indicadoras de diferença, em uma relação de tipo dominador/dominado, características da atitude autoritária. Elas formam a representação de que **"a polícia é autoritária"** e, por essa razão, age de maneira violenta.

(5)
"A polícia é autoritária"

"Eles acham que são mais que nós quando estão com a farda" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo feminino, Luziânia, GO)
"Pra se amostrá" (grupo de adolescentes de 14 a 18 anos, sexo feminino, Recife, PE)
"Policial quer se impor no meio das pessoa normal"
(grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Luziânia, GO)
"Só porque usa farda quer ser mais homem
que os outro" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Rio Branco, AC)
"Tem uns que quer se amostrá" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Luziânia, GO)

Finalmente, agrupam-se as referências sustentadas pelas experiências em que os participantes sentiram que não foram atendidos pela polícia ou que esta demorou demais em atender a ocorrência, contribuindo para formar a ideia de que **"a polícia é leniente".** Essa representação também está ligada à de que a polícia não distingue, sugerindo que existe uma expectativa em relação à ação das forças de segurança, nem sempre corroborada pela experiência, do que é (ou deveria ser) o trabalho de polícia. Em linhas bastante gerais, percebe-se que não há uma rejeição propriamente dita da repressão policial, mas sim da ação indiscriminada em sua forma mais truculenta. Pode-se dizer, portanto, que a expectativa é de um trabalho constante, de policiamento ostensivo, com abordagens, autuações, flagrantes e prisões, *mas somente em relação às pessoas efetivamente envolvidas com o crime* (incluindo usuários de drogas) e de providências cujo caráter não é preventivo.

(6)
"A polícia é leniente"

"Os policiais só tomam atitude quando vê um morto" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo feminino, São Paulo, SP)
"Só vêm quando a coisa é muito grave" (grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo feminino, São Paulo, SP
"O povo chama a polícia e só faz conversar" (grupo de mães de adolescentes e jovens, – Rio Branco, AC)
"Se a gente precisar de um socorro, eles não dão assistência" (grupo de mães de adolescentes e jovens, Recife, PE)
"A gente liga pra polícia, chega uma hora depois"
(grupo de jovens de 19 a 30 anos, sexo masculino, Recife, PE)

Cabe ressaltar que, dos 170 participantes civis, somente um justificou as ações da polícia de outra forma, associando o não envolvimento desta nas questões da comunidade aos baixos salários, ou seja, "o policial recebe muito pouco pra mostrar serviço". O salário injusto, portanto, explicaria a ineficiência ou a "leniência" da polícia.

A polícia e os moradores

Mas o que a polícia tem a dizer a respeito das suas ações e dos inúmeros relatos de abuso de poder, uso excessivo da força nas abordagens, corrupção e leniência? Antes de analisar o conteúdo eliciado nos grupos com policiais militares, é importante enfatizar que em nenhum momento estes

foram constrangidos a responder quaisquer questões dessa natureza. Todas as informações obtidas partiram de enunciações dos próprios policiais, durante as dinâmicas, emergindo do contexto das discussões em grupo. Uma vez tendo sido colocadas, os moderadores procuraram aprofundar as questões, objetivando criar um contexto de troca de experiências e opiniões entre os participantes. O fato de, em alguns casos, os policiais terem se referido explicitamente às acusações de truculência sugere que a questão não é apenas relevante, mas precisa ser trabalhada. Em situações de entrevista com pessoas de fora, representantes ou não de órgãos públicos e instituições ligadas à justiça, não está excluída a hipótese de construção e afirmação de imagens da polícia que se deseja passar a quem está "de fora" da corporação, permeada por afirmações e justificativas, mediadas pelas interpretações e representações do comportamento policial por outros interlocutores.

Um dos cuidados que se procurou tomar, nas dinâmicas com policiais militares, foi seguir o mesmo roteiro utilizado nos grupos com moradores, com apenas algumas modificações, uma vez que se tratava de pessoas que atuavam nas localidades como profissionais e não de moradores. Nesse sentido, buscou-se evitar discussões que fugissem ao contexto das localidades e à experiência dos policiais na convivência com os moradores, como, por exemplo, os problemas históricos de relacionamento com a Polícia Civil. Mesmo assim, esses temas emergiram em alguns grupos, tendo sido utilizados para explicar e justificar dificuldades de atuação e repressão à criminalidade.

Uma das justificativas para a dificuldade de efetuar flagrantes e prisões de jovens reconhecidamente envolvidos em crimes é a "falta de provas". Em outras palavras, sem o trabalho efetivo de investigação da Polícia Civil, a Polícia Militar não consegue realizar o trabalho de retirar o criminoso do espaço público. Essa tese explicaria a representação de que "a polícia é leniente" ao não tomar atitude contra pessoas sabidamente criminosas, pois, nesse caso, as ações só poderiam se efetuar em situações de flagrante delito ou mediante provas (fornecidas pelos órgãos e setores competentes).

P1: *O velho traficante a gente num sabe nem o nome dele, às vezes, só olha, sabe que ele é, mas num tem prova, num tem nada. (...)*
P2: *A gente sabe que o cidadão é traficante, mas ele nunca foi preso. (...) Quando, às vezes acontece de chegar, quando nota, cê vê aqueles cara que quando é da área, o policial atua naquela área que conhece, que o cara num é um cara bem sucedido, e vê o cara esnobando, gastando dinheiro, fazendo farra...*
P3: *De repente o cara aparece com carro, com moto, do nada...*
P2: *Aí ele passa a ter um olhar diferenciado pra ele, porque tudo tem que ser um flagrante, aí ele passa a diferenciar, a prestar atenção. (...) E aí tem a informação de que houve um assalto e pronto, aí procura abordar e procura investigar. (...)*
P3: *E a partir também dessas informações o que acontece? A gente na hora não pode fazer nada, mas a gente já vai ficar de olho no cidadão, porque da próxima vez a gente já pegar ele, já.. pega ele numa situação, a gente já vai abordar, já vai...*
Mo: *Que tipo de situação?*
P3: *Não, porque a gente tem uma informação de que o cidadão fez um assalto.*
P2: *Num tem prova.*
P3: *Num tem prova. A gente até chega lá, pode até abordar, dependendo do lugar, ele não tem nada. Tá, liberou. Mas a partir desse momento, a gente já vai olhar pra ele com um olhar diferente, entendeu?*
(Grupo com policiais militares que atuam na ZAP-5, Rio Branco, AC)

Outra forma de justificar as dificuldades de atuação – que contribuiriam para explicar as referências à demora em atender ocorrências – é a falta de efetivo de alguns dos batalhões onde foi realizada a pesquisa. Juntamente com a ineficiência na cooperação com o trabalho por parte da Polícia Civil, esse seria um dos fatores por trás da má qualidade do atendimento das forças de segurança.

Mo: *E vocês falaram que são 80 na companhia e tem 110 mil habitantes? Isso dá um policial para cada 1.300 habitantes?*
P1: *Isso. Porque você conta assim, de serviço nós somos quanto?*
P2: *De serviço são 8 por dia. Hoje nós temos 8 policiais de serviço, 8 em cada turno.*
Mo: *Vocês fazem 12 por 24, 12 por 36?*
P2: *12 por 48. Então hoje, durante o dia aqui nós estamos com 8 policiais, para...*
P3: *São duas equipes, em torno de 16 pessoas por dia. (...)*
P3: *Duas equipes a cada 24 horas.*
(Grupo com policiais militares que atuam no Jardim Ingá, Luziânia, GO)

Contudo, parte importante da dificuldade de atuação é creditada à comunidade. É interessante observar que, embora os policiais reconheçam que existe o temor, por parte dos moradores, de passar informações para a polícia, devido ao poder de intimidação exercido pelos organizadores do crime, essa atitude é vista antes como "conivência" do que opressão. Nesse sentido, os esforços em obter a colaboração da população são frustrados mediante a atitude de não cooperação, entendida como "medo da polícia", "falta de respeito", "proteção aos bandidos" e outras formas de generalização que, na realidade, acirram conflitos já colocados entre a polícia e a população.

Esse nosso serviço a gente, tipo assim, tá ganhando intimidade com os moradores pra eles... confiar na gente. Então, a gente procura, vai, arrumando um artifício até conseguir eles falar o nome da pessoa pra gente passar, daí a gente passa pra eles, eles [demais membros do BPM] vão lá e pegam, entendeu? (...) Porque a gente tá rodando aqui, a polícia, que nem eu falo pra eles, olha, como vocês tem que falar: "A polícia passou aqui. Mas não fez nada. Não fez nada por quê?" Porque, por incrível que pareça, hoje ainda, existe, as criança, a cultura, elas, é mais de se bandear pro lado do mundo crime, ajudar, prestar uma informação pro bandido, falando assim, do que pra polícia. Porque quando a polícia vem, ele não grita: "Lá vem, o bandido vai passando ali". Não. Ele diz pro bandido: "Lá vem a polícia!" O menino corre e diz "Ó, lá vem a polícia!" Mas se a polícia for passando ele diz, "Ó, lá vem o bandido?" não, ele não diz.
(Grupo com policiais militares que atuam na ZAP-5, Rio Branco, AC)

P1: *Eu tenho uma visão diferente nesses tanto tempo que eu já trabalhei. Eu penso que assim, ó. O pessoal que nos cumprimenta e fica faceiro quando nos vê, eu tenho quase certeza que esse pessoal não faz parte do crime. Os que vira a cara pra nós e não querem nem nos cumprimentar, com certeza eles devem tá trabalhando pro mundo do crime. E o pessoal que não deve não tem porque temer. (...)*
P2: *O cidadão de bem ele faz questão da presença da polícia. Ele não se incomoda com a presença da polícia. Pelo contrário, ele tem um bom relacionamento com a polícia. Agora, muitas vezes aquele cidadão que ele como o colega tá dizendo, ele não te cumprimenta, ele vira a cara, ele demonstra que não tá gostando da presença da polícia, muitas vezes ele não faz parte do crime, mas ele tem alguém da família envolvido. Então passa mão por cima. E pra nós, é como se nós fôssemos uma ameaça praquele integrante da família que tá participando do crime. Seriam mães, pais, irmãos... né.*
(Grupo com policiais militares que atuam na Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

É interessante observar que as interpretações a respeito das atitudes da população são fundamentadas, por um lado, em concepções sobre a atitude suspeita e, por outro, em autorrepresentações sobre

o papel da polícia e das instituições de segurança pública, que ajudam a compreender por que parece não haver distinção clara nas abordagens entre "cidadãos de bem" e bandidos e por que a polícia efetua ações repressivas e autoritárias.

Em primeiro lugar, as enunciações de policiais nos diferentes grupos, mesmo em localidades diversas, foram similares no que diz respeito ao seu papel. Nesse sentido, eles se veem, sobretudo, como responsáveis pela manutenção da ordem e do controle social. Embora alguns batalhões estivessem envolvidos em projetos sociais (de apoio a práticas esportivas, palestras e orientações em escolas, por exemplo), as ações efetivamente preventivas são bem menos recorrentes no trabalho cotidiano do que a repressão aos atos violentos e ilícitos, especialmente a expectativa de flagrante, autuação e prisão. A ideia de policiamento comunitário foi discutida, quando surgiu, em alguns grupos, mas prevaleceu a necessidade de "estabelecer a ordem", de "se impor", de "ser enérgico". A justificativa para essa atitude é o imperativo do respeito à polícia, obtido por meio da capacidade de *repressão*.

Pra que dê certo o policiamento comunitário, a gente dá o primeiro passo, mas o cidadão também tem que aceitar esse contato. (...) Mas se for preciso atuar de forma repressiva, a gente tem atuar de forma enérgica, pra num deixar espaço pro cara. (...) Então o policiamento comunitário pra que seja, que dê certo, no meu ponto de vista, a gente dá o primeiro passo, tem que perguntar, e ele tem que aceitar. Mas a partir do momento em que o cara começou a se manifestar de forma, perturbando o direito de ir e vir de outras pessoas, perturbando a ordem pública, a gente tem que ser enérgico com ele.

(Grupo com policiais militares que atuam na Brasilândia, São Paulo, SP)

Na situação de grupo focal, as ações enérgicas em relação à população são justificadas pela atitude da pessoa durante a abordagem ou da situação da ocorrência. Em outras palavras, quando é importante apresentar determinada imagem a pessoas "de fora", a responsabilidade pelas ações nunca é da polícia, mas sim dos atores sociais com quem estão interagindo.

P4: *O que ocorre muito é quando a gente vai abordar, eles reclamam por estarem sendo abordados. "Ah que nada, não vou não, que nada, que nada que eu coloco a mão na cabeça!"*
P3: *"Pô eu não sou bandido, não sei quê," e já vem ponderando.*
P4: *Aí a resposta nossa é proporcional. Então a gente vai falar mais forte, "Coloca logo a mão na cabeça!" É por nossa segurança.*
(Grupo com policiais militares que atuam na UR-1 Ibura, Recife, PE)

Também observou-se que as formas de aproximação da polícia com os moradores, especialmente em localidades como as que foram estudadas, são fundamentadas em um conjunto de noções a respeito da "atitude suspeita", consistente com estereótipos históricos que atribuem à população moradora de favelas e bairros periféricos o estigma de "populações perigosas", em que a pobreza é fortemente associada à marginalidade[29]. A seguir, apresentam-se as principais generalizações encontradas nos grupos de policiais.

29 A associação entre pobreza e marginalidade foi historicamente construída desde os tempos do Império, quando indivíduos das classes populares, notadamente os "vadios", capoeiras, escravos e, inclusive estrangeiros imigrantes eram sistematicamente alvo de abordagens por parte da polícia. "Os vadios eram os indivíduos sem emprego e moradia que permabulavam pelas ruas das cidades. Se fossem encontrados nas ruas, a polícia os prendia e dava um prazo de oito dias para que se empregassem ou então ficariam detidos por tempo maior." (PEDROSO, 2006, p. 18). Daí a origem da contravenção de "vadiagem".

- Comportamento violento ou resistente à abordagem. Isso justificaria, inclusive, a necessidade de ações mais “enérgicas” por parte da polícia.

P2: *Às vezes você faz coisa aqui que dez viaturas em Brasília não fazem. Nós chegamos assim em bar que tava com dois policial, e tem que chegar gritando. Se não o povo vai, e não respeita.*
P3: *Você tem que ser enérgico.*
P2: *Você tem que ser enérgico. Às vezes acha que é truculência. Não é truculência, é por que nós sabemos que se você chegar pedindo, você apanha. A cultura aqui, é dessa aí, é desse tipo. É igual o que ele falou, o cara vem lá do Nordeste, bravo lá, quando chega aqui você fala com ele, ele quer te bater.*
P1: *Nós já levamos fama aqui de polícia truculenta demais.*
P2: *Mas não é.*
P1: *Justamente por isso. É a desproporção do policiamento pra comunidade.*
P3: *Duas pessoas num bar com quarenta. Dois policiais num bar com quarenta. Como é que você chega?*
P1: *E manda uma viatura lá.*
P3: *Você tem que se impor.*
(Grupo com policiais militares que atuam no Jardim Ingá, Luziânia, GO)

P2: *É justamente o uso progressivo da força, vai aumentando, né? Ele tá ponderando, eu vou. Até chegar uma situação que vai existir o desacato e a desobediência.*
P1: *E se ele for menor, aí que eles ponderam mesmo.*
P2: *Porque como eu tava falando, tipo uma cartilha na comunidade, ele parecem que já, quando vão ser abordado, "Ah, eu sou de menor". Sabe que... Se não tiverem um confronto com a polícia, se ele correu da polícia, é porque ele não quer confronto. Nós não vamos atirar de forma alguma. Se ele atirar na viatura, ou no policiamento a pé, independente de que forma seja, a gente vai revidar à altura. Isto em cumprimento legal.*
(Grupo com policiais militares que atuam na UR-1 Ibura, Recife, PE)

- Estar no lugar “errado” na “hora errada”. Geralmente, refere-se a situações em que as pessoas (especialmente adolescentes e jovens) estão na rua, em grupo, à noite.

À noite, passou de dez horas da noite, assim, eu, como policial, já é suspeito. Passou de dez horas da noite é suspeito! Quem depois de dez horas da noite vai tá na rua, duas, três pessoas, duas, três horas da manhã, tá fazendo o quê na rua, se a noite foi feita pra dormir? Um ou outro caso o cara vai tá numa festa, vai tá num barzinho, num negócio, passou das dez horas da noite, é suspeito. (...) O que vai tá fazendo na rua, duas, três horas da manhã, numa favela, em grupinho, numa esquina, coisa boa num tá fazendo.”
(Policial militar que atua na UR-1 Ibura, Recife, PE)

- Ostentar atributos não condizentes com a condição socioeconômica predominante da localidade.

P1: *Não é todos, a gente consegue enxergar, aquele cara, aquele guri ali, ou ele tá fazendo furto porque... às vezes até o material que ele tá usando, uns tênis, umas coisas, não condiz com as condições dos pais dele.*
P2: *Tênis de 500 reais no pé.*
P1: *Pô, como é que tu vai comprar um Nike de 500 reais?*
P2: *Da onde?*
P1: *E tu encontra eles andando ali.*

P2: *Como é que eles compraram? Como é que eles tiveram acesso a isso, se os pais deles não têm condições? Tu vê que ELE não tem condições de usar. Então provavelmente isso vem de um furto, ou de uma receptação, ou de um roubo.*
Mo: *Então a suspeita vem, por exemplo, de usar um tênis de marca? Que outras coisas também?*
P2: *Bonezinhos. Tem boné que hoje em dia custa 80, 70 pila. Como é que eles vão ter condições de comprar?*
(Grupo com policiais militares que atuam na Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

- Comportamentos e atitudes "fora da ordem". É importante ressaltar que a noção do que é "ordem" e do que está "fora da ordem" é arbitrária. Trata-se de uma construção social, não necessariamente compartilhada pela polícia de forma homogênea.

P3: *Mas o que o colega tá falando é justamente isso, num é qualquer um que é suspeito, só nesses casos aí.*
P2: *Nesses casos.*
P4: *Nesse contexto.*
P2: *Aquele grupo isolado, o barzinho é aqui, música, dançando, porque aquele grupinho tá ali?*
P2: *Rua esquisita, que tem tráfico de drogas, duas, três pessoas...*
(Grupo com policiais militares que atuam na UR-1 Ibura, Recife, PE)

P1: *Passa o dia inteiro na esquina...*
Mo: *Passa o dia inteiro na esquina... que mais?*
(Grupo com policiais militares que atuam na Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

P1: *Pra mim, quando eu tô patrulhando, eu vejo um indivíduo num sol quente, um calor de quarenta graus, ele tá com muita blusa, então eu vou entender que ele que tá com uma arma, né, coisa do gênero. Aí eu vou fazer essa abordagem, porque eu acho que na minha opinião ele tá em atitude suspeita, num calor de quarenta graus, uma blusa de couro, e um volume embaixo dessa roupa. Então eu abordo pra tirar essa dúvida. (...)*
P2: *Passa numa viela, vê o mesmo indivíduo, uma viela é pra quê? Pra você passar e ir embora. Você passa de novo, o mesmo indivíduo. Você passa uma terceira vez, o mesmo indivíduo. Daí o que que ele fica fazendo, sempre no mesmo horário, parado ali? Lógico que o policial vai parar, se não tiver nada, vai perguntar, o que esse indivíduo fica fazendo ali, vai fazer uma revista no local...*
(Grupo com policiais militares que atuam na Brasilândia, São Paulo, SP)

- Comportamentos e atitudes interpretados como "medo" ou "desconfiança" da polícia. Desses comportamentos, tende-se a inferir o envolvimento com o crime.

Quando visualiza viatura, porta-se de maneira atípica, dá aquela parada, aquela olhada, então a gente procura abordar.
(Policial militar que atua na Brasilândia, São Paulo, SP)

- Ter antecedentes criminais. A pessoa sobre as quais se conhecem os antecedentes é a principal suspeita, independentemente de estar envolvida com delitos no momento da abordagem ou não. É tratada como "especialista" dependendo do histórico levantado.

P1: *Pode ser o cidadão de bem. Agora é aquele negócio, pro policial – isso é o meu modo de*

pensar – pro policial, a gente... Vai dá aquela confiança desconfiando. Nunca ele vai ter aquela credibilidade cem por cento que nem uma pessoa que nunca foi usuário, que nunca por nada, pra gente, policial, né? Pra família dele num sei, pra comunidade que tá tendo o dia-a-dia com ele.

Mo: *Ou seja, vai sempre tá com a pulga atrás da orelha?*

P1: *...Tá vendo, vê diferente. Mas a nossa policial, vai passar sempre, se tiver acontecido, a gente pensa assim, o cara saiu, ele abandonou tudo, saiu da penal, cumpriu, o crime que ele fez, não deve nada pra sociedade, mas o policial quando tem um assalto no bairro, a primeira coisa que ele pensa, pá, saiu, tá com uns dois meses, três meses... Às vezes num é ele. Mas... olha diferenciado. Jamais pro policial ele vai ser cem por cento de credibilidade.*

(Grupo com policiais militares que atuam na ZAP-5, Rio Branco, AC)

Análise

As generalizações expostas anteriormente, quando comparadas às representações dos moradores sobre a polícia, permitem estabelecer algumas considerações, a partir das quais se pode refletir criticamente sobre a relação entre a Polícia Militar e a população civil.

É preciso levar em conta que as expectativas da população a respeito do trabalho da polícia e do papel das forças de segurança pública (presença da polícia no bairro, policiamento ostensivo, exigência de patrulhas e guarnições em postos de saúde e escolas e mesmo de abordagens e apreensões) não diferem do que se tem feito até agora como trabalho policial de prevenção à violência. O principal ponto de conflito parece ser na efetivação de ações como autuações, prisões e soluções de crimes que dependem, de um lado, de fatores sobre os quais os moradores não possuem conhecimento ou controle (como capacidade operacional das forças policiais, procedimentos, provas, circunstâncias) e, de outro, de comunicação entre polícia e moradores (informações que não são passadas sobre suspeitos por medo e intimidação de grupos envolvidos com atos ilícitos).

Pode-se dizer que as forças policiais têm manifestado pouca compreensão do "sentido de comunidade" verificado em localidades como as estudas pela pesquisa, especialmente no que se refere à partilha de informações e denúncia. É preciso ter clareza de que, nos bairros onde há grupos organizados ou não organizados envolvidos com atos ilícitos, o simples fato de *ser visto* em contato ou comunicação com a polícia, ainda que de forma involuntária (como, por exemplo, ser parado ou abordado na rua para obter informações), é suficiente para dar margem à suspeita de cagoetagem. O risco de sofrer sanções por parte de criminosos por meio da interpretação dessas interações na ótica da delação é um dos principais fatores que fomentam o "medo" da polícia e a atitude de desconfiança por parte de moradores em relação ao policial. Nesse sentido, é equivocada a ideia de "conivência" com o crime, exatamente porque a polícia é um ator social que interage de forma pontual na comunidade, e não cotidiana ou diariamente – ou seja, ela vai embora, enquanto o bandido fica para acertar as contas. As atitudes de aproximação/distanciamento em relação à polícia, portanto, não são exclusivamente pautadas pelo indivíduo e seus valores, mas, sobretudo, mediadas pelas relações de força internas à comunidade. Em outras palavras, em uma relação de dominação entre organizadores do crime e moradores, as ações individuais são mediadas pela opressão. Desse modo, é necessário criarem-se condições para que as informações e denúncias possam ser efetuadas sem os riscos implicados nessa relação.

É ainda necessário considerar que, assim como os participantes produzem representações sobre a polícia com base em suas experiências vividas, a polícia também elabora representações sobre o suspeito, com base em suas experiências de abordagem, nos tipos mais frequentemente envolvidos com certos delitos e nas localidades onde determinadas ocorrências se concentram. Esse tipo de experiência, porém, é oriunda de um duplo viés: de um lado, provém de mecanismos históricos que têm se perpetuado na produção de estereótipos e representações sobre o suspeito e o criminoso

nos contextos sociais caracterizados pela pobreza e violência; de outro, origina-se nas teses que tendem a associar criminalidade, violência e pobreza e, dessa forma, a homogeneizar grupos sociais, contextos socioeconômicos e realidades em uma única chave explicativa.

Então ali é um foco pra sair os perturbadores da sociedade, porque se não tiver um apoio do Estado, automaticamente quando eles forem crescendo um pouquinho eles vão ganhar, porque eles vão ver o ambiente, fazer o que dentro de casa? Num tem comida, num tem uma estrutura física pra gente permanecer dentro de casa, num tem um apoio, que nem eles já falaram aí tudinho, lazer, essas coisa aí pra acompanhar, vão cair mesmo no mundo do crime. O Estado quem paga, a sociedade quem vai pagar."
(Grupo com policiais militares que atuam na ZAP-5, Rio Branco, AC)

A principal consequência desse viés é a discriminação do jovem, especialmente do sexo masculino, que vive em favelas e bairros periféricos como suspeito em potencial de envolvimento com atos ilícitos, além da extensão dessa suspeita aos demais grupos na qualidade de parentes e amigos "coniventes". A violência policial que daí emerge pode ser entendida no sentido tanto de romper com essa conivência, como da dificuldade de lidar com a "lei do silêncio", entendida como "resistência" à ação da polícia.
Boa parte desses conflitos advém de representações sobre a "ordem", o "correto" e o "moral", que tendem a discriminar práticas de sociabilidade juvenis no contexto de atuação policial. A ideia de que o jovem precisa ou deve estar em espaços destinados a ele (casa dos pais, escola, quadra de esportes) delimita ou impede a apropriação de outros lugares de sociabilidade e lazer (como a esquina e a rua), onde os adolescentes e jovens também circulam e desenvolvem atividades de interação social e lazer. Conviver, estar, morar no bairro não significa apenas *atravessar* o território de um lugar para outro, mas sim circular, se encontrar, modificar e transformar a rua em campo de futebol, a esquina, a viela, o escadão, em ponto de encontro.
Outra ideia equivocada é a de que adolescentes e jovens são todos iguais, podendo ser identificados por meio de práticas (uso de gíria, jeito de andar, de cumprimentar os outros) ou atributos (roupas, calçados e adereços) característicos. Trata-se de um olhar que não distingue ou não procura distinguir, entre os jovens, culturas e identidades próprias, associando um conjunto de características ao estereótipo do bandido, "malandro" ou suspeito de envolvimento com atos ilícitos, predominantemente do sexo masculino e que acaba por obliterar fronteiras entre grupos.

P1: *Na minha opinião, assim (...) eu já tenho na mente: é bermudinha de surfista, camiseta de marca (...) e tenisinho Nike, bigodinho ralo (risos) cabelo raspado tipo militar, é bandido. Eu acho que já tem um perfil. (...) A gente sabe que o cara é bandido, a gente aborda ele, mas ele num tá com nada. (...)*
P2: *São pessoas de 15 a 23 anos, são pessoas jovens.*
P1: *Tenisinho Nike, bermuda, gostam muito de colar de prata, colar de prata tá na moda agora. Porque o bandido vive na moda, né? (...) Se você tá no Ibura, em Boa Viagem ou em Olinda, ele [o jovem] tem o mesmo padrão. Tanto nas vestes, como nas fala.*
P3: *Até porque a maioria é jovem, né, e a gente sabe que os jovens, eles gostam de ser iguais, né. De se sentir inseridos, de serem aceitos. Então pra se sentir inserido tem que ser igual, né. Então eles têm essa moda.*
(Grupo com policiais militares que atuam na UR-1, Ibura, Recife, PE)

Uma vez que a maioria dos bandidos pertence às comunidades, ou seja, são "malandros de dentro", as práticas e atributos às quais esses jovens aderem se aproximam dos seus grupos de pares. Em outras palavras, nem sempre usar brincos, ostentar tatuagens e correntes, usar camisetas,

bermudas e tênis de determinado modelo ou marca é característica exclusiva do “malandro”, podendo ser um estilo ou identidade construída, apropriada e compartilhada por jovens que não se situam exclusivamente em grupos distintos de “malandros” e “não-bandidos”.
Nessa perspectiva, saber “quem é quem” dentro de uma comunidade parece ter mais sentido do que rotular e classificar indivíduos e grupos segundo estereótipos formados a partir de experiências e práticas (de abordagem, autuação e prisão) generalizadoras e homogeneizadoras.
Verificou-se, também, que os conflitos inerentes da relação entre policiais e moradores têm sido interpretados, por ambas as partes, sempre como responsabilidade do outro. Uma das hipóteses explicativas para isso tem a ver com o viés produzido pela situação de entrevista em grupo focal, na qual ocorre a manipulação das impressões sobre si próprios aos moderadores e assistentes, representantes de instituições de “fora” da comunidade ou da força policial[30]. No caso dos grupos focais, tanto os moradores como os policiais se apresentaram aos pesquisadores como “vítimas”, seja das forças policiais, seja das condições de trabalho, da má vontade da população e outros fatores que dificultam essa relação. Ao se imiscuirem de seu papel na relação, justificam o conflito, contribuindo, inclusive, para perpetuá-lo.
Um exemplo são as práticas de “resistência” à atuação policial, como “ponderar” (termo utilizado pela polícia para se referir à falta de aceitação e colaboração com os procedimentos de abordagem) e o “desacato”, que justificariam ações “enérgicas.” Cabe considerar se, nessas atitudes, não estão envolvidas representações da polícia como “truculenta” e “autoritária”, bem como as experiências vivenciadas ou testemunhadas de violência policial, que fomentam sentimentos negativos em relação à instituição.

Motivações para o envolvimento com violência e crime

Um dos temas centrais da pesquisa com grupos focais tratava do envolvimento de adolescentes e jovens com violência e crime e das principais motivações para isso. As questões que dirigiram a construção do roteiro para as sessões em grupo procuravam dar conta precisamente desse problema. Elas foram estruturadas a partir da atividade de fotoeliciação que evocava situações e temas ligados à violência urbana, ao crime e à vitimização. O objetivo era desenvolver com os participantes situações de discussão em grupo, em que a troca de experiências, ideias e opiniões, com base em seu repertório comum de vivências e testemunhos, eliciasse as percepções e perspectivas do grupo a respeito de “como adolescentes e jovens se envolvem com violência e crime”. É importante enfatizar que o objetivo não era obter um consenso entre os participantes, mas sim apreender, a partir de diferentes pontos de vista, o maior número de informações possíveis que pudessem contribuir para a compreensão do problema.
As colocações dos participantes foram categorizadas, codificadas e comparadas entre gênero e faixa etária, sempre considerando a localidade e o perfil do grupo (grupos de jovens, mães e policiais militares). A análise sociológica criteriosa dos conteúdos eliciados permite ao pesquisador propor hipóteses explicativas que dialoguem com teorias já existentes. Evidentemente, dentro das limitações do estudo proposto, não é possível esgotar todas as explicações possíveis para o problema em causa, tampouco elaborar modelos teóricos que deem conta de questionamentos dessa natureza. Por essa razão, foi possível delimitar e avançar apenas algumas considerações para reflexão, com base no conjunto dos dados obtidos, as quais espera-se que possam contribuir na produção de conhecimento para formulação de políticas públicas de prevenção à violência e criminalidade.

30 Esse fenômeno ocorre em todas as situações de entrevista individuais ou em grupo, de forma mais ou menos coerente, e também nas situações de interação social cotidianas. Ver Goffman (1988).

A análise dos conteúdos eliciados durante as discussões em grupo incluiu não apenas categorias específicas de fatores para o envolvimento com violência e crime construídas a partir da pré-análise das gravações, como também categorias analisadas sob o tema "ser jovem", que permitiram explorar dinâmicas de interação social que contribuem para a compreensão dos conflitos entre jovens. Nessa perspectiva, a análise levou em conta não apenas aspectos diretamente ligados às questões centrais do roteiro, que buscavam apreender as motivações, mas também elementos que se somassem a essas dimensões e complementassem a reflexão.

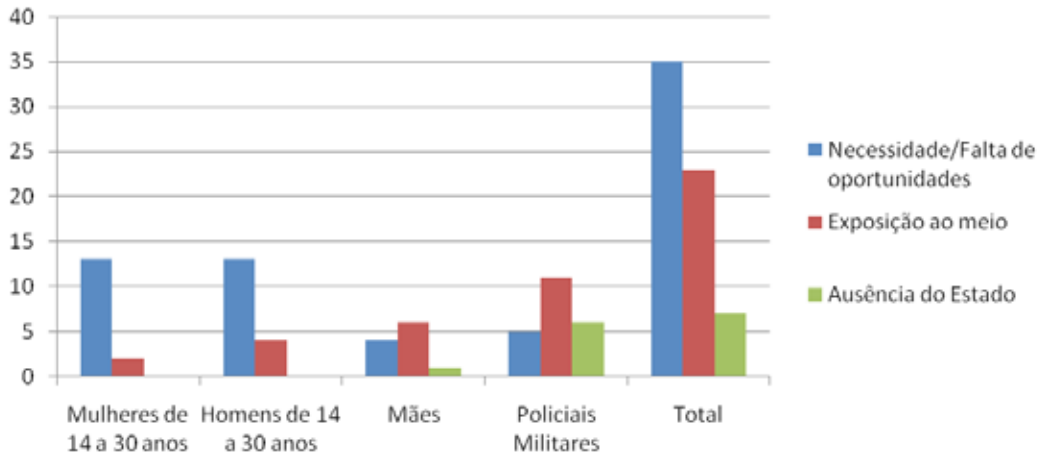
Uma importante observação é necessária em relação ao uso de drogas. Em todos os grupos realizados, a problemática do consumo de entorpecentes (maconha, merla, cocaína, crack e outros) esteve presente e foi direta ou indiretamente associada pelos participantes a atos violentos ou delituosos. Entre as referências identificadas, foram pontuadas inúmeras explicações *ad hoc* para a relação drogas/criminalidade, no sentido de que, muitas vezes, a tóxicodependência é entendida como a causa da violência ou do crime. Nessa perspectiva, é a necessidade de obter recursos para comprar drogas, motivada pela dependência, que explica o furto, o roubo, o assalto e até o homicídio. No decorrer desta seção, porém, procurar-se-á avançar em direção aos aspectos subjacentes ao uso de drogas.

As motivações para o envolvimento com violência e crime são muito complexas para serem esgotadas no âmbito deste relatório. Contudo, foi possível agrupar o conjunto de referências em três grandes grupos analíticos que apresentam certa coerência nos significados eliciados pelos participantes: o primeiro é aquele formado pelos fatores determinantes *estruturais*, isto é, a influência do contexto socioeconômico como elemento catalizador ou potencializador do envolvimento com atos violentos ou ilícitos; o segundo engloba as *relações e interações sociais* em suas diversas formas (intrafamiliar, intra e intergrupos de pares); e o terceiro compreende os *fatores subjetivos* que dizem respeito à agência individual, isto é, ao papel do indivíduo nesse processo.

Fatores estruturais

O contexto é utilizado para explicar a relação com violência e crime de diferentes formas. É importante enfatizar que, embora esses fatores tenham aparecido em praticamente todos os grupos, alguns padrões são mais perceptíveis em determinadas categorias do que em outras.

Gráfico 27 - Fatores estruturais apontados pelos participantes dos grupos focais como motivações para o envolvimento com violência e criminalidade



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

No Gráfico 27, observa-se que os adolescentes e jovens, de ambos os sexos, atribuem com mais frequência o envolvimento com ações violentas e ou delituosas a motivações ligadas à "necessidade" ou "falta de oportunidades" e ao contexto familiar. No grupo de mães, esses fatores também são significativos, mas a "exposição ao meio" social adquire maior relevância. Chama atenção a importância que os policiais militares dão ao contato com traficantes (exposição ao meio), especialmente na rua, e às motivações ligadas à "ausência do Estado", no que diz respeito tanto à ineficácia das leis para punir e reabilitar criminosos, como à falta de atendimento às necessidades básicas da população.

A categoria "necessidade" é aqui entendida como fome ou falta de recursos para prover as condições mínimas de sobrevivência. Em todos os grupos, esse fator apareceu como uma das motivações que impulsinam o envolvimento com atos ilícitos.

É num tem o que comer, né, aí vai procurar um dinheiro mais fácil, pra comer alguma coisa, vai traficar.

(Adolescente moradora da Brasilândia, São Paulo, SP)

A necessidade também é utilizada pelos jovens como justificativa para o envolvimento com atos ilícitos, especialmente o furto e o roubo. Porém, ela é associada à falta de emprego ou de oportunidades de trabalho e, portanto, como alternativa de renda.

Mo: *Mas... as pessoas que se envolvem com isso, como é que isso acontece?*
P1: *Acho que é a falta de emprego, né?*
P2: *Às vezes a necessidade, ou sei lá.*
P1: *Às vezes eles tão ali, vamos dizer, só tem, só posso vender droga pra ajudar a minha família, aí é a única opção pra eles, né.*

(Grupo com jovens moradores do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

O aspecto mais relevante dessa perspectiva – de que o envolvimento é relacionado à necessidade associada à falta de trabalho – é o fato de ela ser uma fala predominantemente dos adolescentes e jovens, de ambos os sexos. Não por acaso, o trabalho é uma das soluções mais frequentemente apontadas pelos participantes desses grupos para evitar o envolvimento com atos violentos e ilícitos, indicando a forte demanda por ocupação nesse segmento.

Uma forma de entender a relação entre o contexto socioeconômico e o ato violento ou delituoso, encontrada com mais frequência nos grupos de policiais, é a partir da situação de pobreza, entendida como falta de condições de vida, o que implica habitação precária, falta de acesso a equipamentos de saúde, saneamento, abastecimento de água, iluminação pública, alimentação, renda e baixa escolaridade. É a associação entre esses fatores, inclusive, que contribuiria para perpetuar condições precárias de existência e desencadear ciclos de violência social.

P3: *Qual o futuro dessas pessoas que não têm uma boa educação, não têm uma boa saúde? O adolescente, com treze, catorze anos, já tá, já tá no mundo da criminalidade. Porque não tem instrução alguma para ter um emprego digno, tá entendendo? Não tem uma moradia digna -*
P4: *Não tem controle de natalidade.*
P5: *Num tem nem o que comer.*
P3: *Num tem nem o que comer. Pô, vai partir, ele vai arrumar uma justificativa pra cometer um crime, o delito em si. Ele vai dizer, "eu tô roubando porque eu tô com fome. Eu num tenho o que comer, minha casa é uma miséria, eu num tenho um posto de saúde pra ser atendido, eu tô doente disso, me falta isso, eu não tenho educação, eu sou um analfabeto", ele vai partir pro mundo do crime.*

(Grupo com policiais militares que atuam no Ibura, Recife, PE)

Essa perspectiva, contudo, reduz a pobreza a uma relação direta e unívoca com a violência e a criminalidade urbana, dificultando o entendimento das ambiguidades fora dela e de suas complexidades. Nessa chave interpretativa, há uma relação mecânica e imediata entre necessidade (fome, falta de medicamentos, por exemplo) e furto/roubo, como saída para obtenção de renda, uma vez que a baixa escolaridade levaria ao desemprego e à desocupação e, consequentemente, ao estado de necessidade. Outra maneira de interpretar essa relação é a tese de que a miséria gera sentimentos de revolta social[31] e, consequentemente, de violência. Por essa razão, a miséria de determinados setores da população, especialmente daqueles que vivem nas cidades onde houve processos de favelização e periferização, estaria diretamente relacionada aos altos índices de crimes violentos.

Um dos principais problemas na associação entre pobreza e desigualdade é explicar o envolvimento específico de determinados grupos no interior desses segmentos com atos violentos e ilícitos, bem como diferenças no tipo de delito e no perfil das vítimas. Nas discussões em grupo com a Polícia Militar, embora não haja dados precisos[32], a impressão que se tem com base na experiência de rua e no trabalho policial é a de que os perpertradores autuados e levados à prisão têm perfil muito semelhante ao das vítimas, especialmente no caso do homicídio. Isso significa dizer que a maior parte dos crimes cometidos é perpretada por jovens do sexo masculino, contra jovens da mesma faixa etária e sexo. Há, portanto, especificidades no que se refere tanto à faixa etária quanto ao gênero que permitem questionar essa relação entre pobreza e envolvimento com violência e crime, uma vez que a situação de pobreza afeta diferentemente as populações que vivem em contextos urbanos de grande exposição à violência.

Nos grupos de policiais militares, a situação de pobreza também é associada, na chave explicativa, pela "ausência do Estado", entendida de duas formas. Na primeira, o Estado não provê ou é incapaz de prover condições para uma existência digna, como acesso à educação, saúde, saneamento, iluminação pública, entre outros. Na segunda, o sistema judiciário é considerado ineficiente na aplicação das leis e ineficaz na punição de criminosos, uma vez que as penas são muito brandas (especialmente no caso dos adolescentes em conflito com a lei).

P1: *O jovem ele é envolvido [no crime] pela fraqueza das leis. Porque até os dezoito anos, ele pode matar, pode assaltar, pode... porque a pena dele é muito branda. (...)*
P2: *Ele não comete um crime, ele é menor.*
P1: *Então eles usam isso aí, o sistema usa isso aí, porque eles sabem que se pegar eles, quarenta e oito horas eles tão de volta.*
P2: *Medida socioeducativa. Nós temos exemplos aí, não só [aqui], e em outros lugares, que prende o jovem por tráfico de drogas, uma semana depois ele tá de volta no local, praticando o mesmo delito.*
(Grupo com policiais militares que atuam na Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Nessa perspectiva o adolescente ou o jovem seriam incentivados à prática de atos ilícitos pelas características das leis, que estabelecem distinção entre adolescentes em conflito com a lei e adultos envolvidos em crimes, uma vez que o sistema penal prevê a aplicação de medidas socioeducativas

31 Essa explicação está em linha com o debate sobre os determinantes estruturais da violência que associa pobreza e criminalidade. Também conhecida como hipótese "frustração-agressão", essa tese "propõe basicamente que necessidades ou expectativas frustradas podem provocar a agressão como forma de liberar a frustração. (...) Assim, a dificuldade econômica induzira à frustração entre os pobres e estes a expressariam em forma de agressão generalizada, o que, por seu turno, provocaria mais homicídios" (CANO; SANTOS, 2007, p. 13).

32 Com efeito, existem muito mais dados sobre as vítimas do que sobre os criminosos. Além disso, os dados sobre criminosos tendem a sofrer maiores distorções do que aqueles sobre vítimas. Segundo Ignacio Cano (2007, p. 14), "no Brasil, onde a taxa de elucidação de homicídios é caracteristicamente baixa, dispomos de dados apenas sobre uma fração das pessoas que cometeram crimes e, especificamente, sobre o tipo de pessoa que a polícia, os promotores e os juízes tendem a prender, acusar e condenar."

ao adolescente e limita o tempo de permanência em unidades de atendimento de internação. Com base em experiências nas quais as medidas não são prontamente aplicadas ou não atingem os resultados esperados, alguns policiais tendem a defender a tese de que a certeza da impunidade leva ao envolvimento com o crime.

Outra forma de se entender esse processo é a exposição ao meio, ou seja, o contato social direto com perpetradores. Nessa perspectiva, a convivência muito próxima, seja por meio de relações de vizinhança, seja na porta da escola, ou nos trajetos pelo bairro, com usuários e traficantes de drogas, sempre prontos a aliciarem adolescentes e jovens para o mundo do crime, seria uma das principais motivações pelas quais esses segmentos seriam mais vulneráveis a cometerem atos violentos e ilícitos.

Porque hoje em dia os marginais, os traficante, ficam muito na porta de escola, e ensina as criança. Porque primeiramente, eles viciam as crianças, na droga, pra poder fazer ela de aviãozinho. Aí fica viciado, aí faz tudo, até o ponto de roubar, de matar.
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da ZAP-5, Rio Branco, AC)

É importante enfatizar que essa concepção é mais comum nos relatos de mães de adolescentes e jovens e de policiais militares, estando associada, geralmente, ao *risco* de o jovem ou adolescente não ter ocupação, atividade ou lazer nos intervalos entre a escola e o tempo de permanência no ambiente familiar e doméstico. Nessa perspectiva, portanto, é possível perceber a dicotomia entre os espaços por onde o jovem transita, percebidos como seguros (casa/escola/quadra de futebol) e inseguros (rua/esquina/porta da escola), semelhantes à oposição proposta por Da Matta (1988) entre a “casa” e a “rua”. Essas duas dimensões, carregadas de simbolismos, comportam representações sobre segurança (dentro) e risco (fora), em que a presença de personagens associadas ao bandido e ao “malandro” ocupam os lugares onde o jovem está em perigo. Cabe destacar que, para evitar a exposição e o contato social com o traficante, seria preciso limitar ou impedir que o adolescente e o jovem transitassem ou permanecessem nos espaços considerados “inseguros”. Não por acaso, muitas mães, em várias localidades estudadas, explicitaram a importância de buscarem os filhos nas escolas e segurarem-nos dentro de casa o maior tempo possível, atentando para as amizades, os horários em que entram e saem de casa e até mesmo proibindo-os de saírem à noite com os amigos.

É essa visão dicotômica entre os espaços seguro/inseguro, casa/rua, que informa boa parte das práticas e políticas que buscam “tirar o jovem da rua”, seja por meio da extensão do período letivo nas escolas, seja pela ampliação de atividades esportivas e de lazer direcionadas ao jovem, ou por meio de cursos profissionalizantes, atividades ligadas à cultura e outras propostas cujo objetivo é “ocupar” o tempo do jovem.

O jovem, tô falando, num tem entrenimento, lugar pro cara praticar um esporte, que nem tavam falando uns colegas aí, o cara acaba num tendo, onde ficar, entretido ali. Então ele acaba em contato com a droga pra esquecer dos problemas, da área, muito deficiente, muito pobre. Então no meu ponto de vista, a droga, o álcool, é um refúgio pros problemas dele, entendeu?”
(Policial militar que atua na Brasilândia, São Paulo, SP)

É interessante observar que, nos grupos de mães, foi muito frequente a queixa de que um dos motivos pelos quais adolescentes e jovens não têm ocupação, estando, portanto, mais sujeitos ao risco de se envolverem com violência e crime, tem a ver com as mudanças na legislação que proibiram o trabalho aos menores de 16 anos, e aos maiores de 14 anos, exceto na qualidade de aprendizes. Essa fala reflete as experiências de outras gerações, que conviveram com o trabalho

infantil e detêm o trabalho como um grande valor. Da perspectiva dessas mulheres, que começaram a trabalhar quando ainda eram crianças, seja na roça, seja ajudando nas tarefas domésticas, a nova legislação entra em contradição com certos valores consolidados em relação ao trabalho que torna-se, inclusive, solução e alternativa para evitar o envolvimento com violência.

P1: *Essas criança de hoje em dia não pode mais trabalhar, porque se elas trabalhar pra gente mesmo, e o conselho tutelar chegar na casa da gente, a gente é prejudicado. Não pode trabalhar.*
P2: *E aquelas que têm a bolsa família, não pode trabalhar.*
P1: *Não pode trabalhar, nem pra gente mesmo, bater um quintal, às vezes, uma coisa, porque se chegar...*
(Grupo com mães de adolescentes e jovens, moradoras da ZAP-5, Rio Branco, AC)

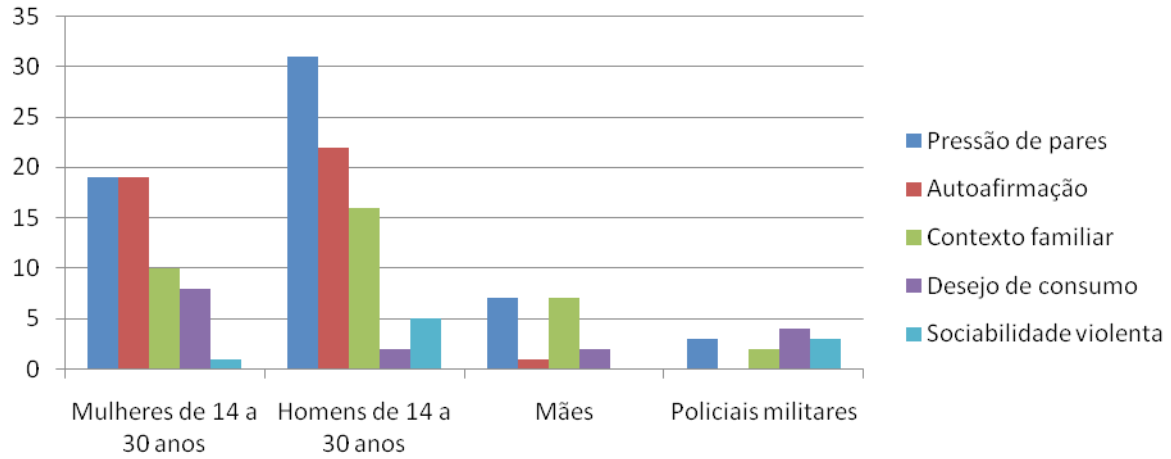
Os adolescentes e jovens referem-se à exposição ao uso e ao tráfico de drogas como parte do seu cotidiano, algo que "está em toda parte". Os mais velhos observam que a disseminação das drogas aumentou, a ponto de ter virado "moda" e atualmente, em alguns casos mais graves, é possível encontrar usuários em banheiros de escolas públicas, onde drogas também são comercializadas. Mas é principalmente nas festas e bailes que o uso e a oferta são mais comuns. As formas como se iniciam no consumo e no tráfico serão tratadas com mais detalhe a seguir.

Relações e interações sociais

As dinâmicas de sociabilidade, entendidas como as diferentes relações e interações sociais que permeiam a vida cotidiana de adolescentes e jovens, exercem um papel significativo no entendimento das motivações para o envolvimento com violência e crime. Elas se dão predominantemente no contexto familiar e na convivência com amigos, colegas e vizinhos, denominados "grupos de pares", uma vez que são do mesmo sexo e faixa etária que o grupo de referência.
Cabe ressaltar a importância atribuída ao uso de drogas na fala dos participantes. A partir da interpretação de que é o vício que leva muitos jovens ao envolvimento com atos violentos e/ou ilícitos, procurou-se, nos grupos focais, colocar em discussão as formas pelas quais adolescentes e jovens se tornam usuários. No interior das relações familiares e interações com o grupo de pares, foi possível identificar dinâmicas de sociabilidade complexas que ajudam a explicar como jovens de ambos os sexos se tornam vítimas e perpetradores de violência. Destacam-se os processos de autoafirmação, que envolvem, inclusive, o desejo de consumo, que se constitui meio importante de aceitação e inclusão no grupo, além de distinção e prestígio. Identificou-se, também, um conjunto de atitudes e comportamentos, especialmente entre adolescentes e jovens do sexo masculino, que implicam tensões sociais e servem como ponto de partida para a emergência de conflitos. Essas atitudes e comportamentos podem ser entendidos como formas de *sociabilidade violenta*[33] e estão pautados por certas expectativas em relação a si próprio e ao outro, as quais, em determinadas situações de interação social cotidianas, podem levar à violência. No limite, esses conflitos podem se desenvolver em homicídios entre jovens.
Analisando o gráfico a seguir, verifica-se que o contexto familiar é muito relevante para adolescentes e jovens, de ambos os sexos. Porém, é a pressão de pares o fator mais significativo no entendimento das motivações para a violência e o crime e, especialmente, o uso de drogas. Entretanto, a pressão de pares, sobretudo entre os homens, não pode ser compreendida de forma desconectada dos processos de autoafirmação de identidades sociais, os quais são diferentes para o sexo masculino e o feminino.

33 Cf. Silva, 2008.

Gráfico 28 - Fatores associados às relações e interações sociais intra e intergrupos apontados pelos participantes dos grupos focais como motivações para o envolvimento com violência e criminalidade



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

Especialmente nos grupos de adolescentes e jovens, o contexto familiar foi apontado como um fator importante para o entendimento das motivações em relação ao uso de drogas e à violência e criminalidade. As motivações são explicadas a partir do conflito familiar, em suas diversas dimensões. São, sobretudo, a ausência de diálogo entre pais e filhos e o uso imoderado da força em práticas disciplinatórias que contribuem para afastar as gerações e gerar sentimentos de abandono e revolta.[34] Não está descartada a hipótese de que alguns participantes tenham passado por esse tipo de experiência dentro de casa, embora na situação em grupo não tenham se referido explicitamente a elas.

P1: *Acho vem, sei lá, da casa... Quando os pais não dá a mínima pro filho, que ele vai procurar um ombro amigo, que os amigos oferecem. (...)*
P2: *A família é desestruturada, né, é muita desunião, muita briga, aí a pessoa fica louca daquilo e acaba saindo de casa pra procurar outras pessoas.*
P3: *Fica revoltada.*
(Grupo com adolescentes moradoras da Brasilândia, São Paulo, SP)

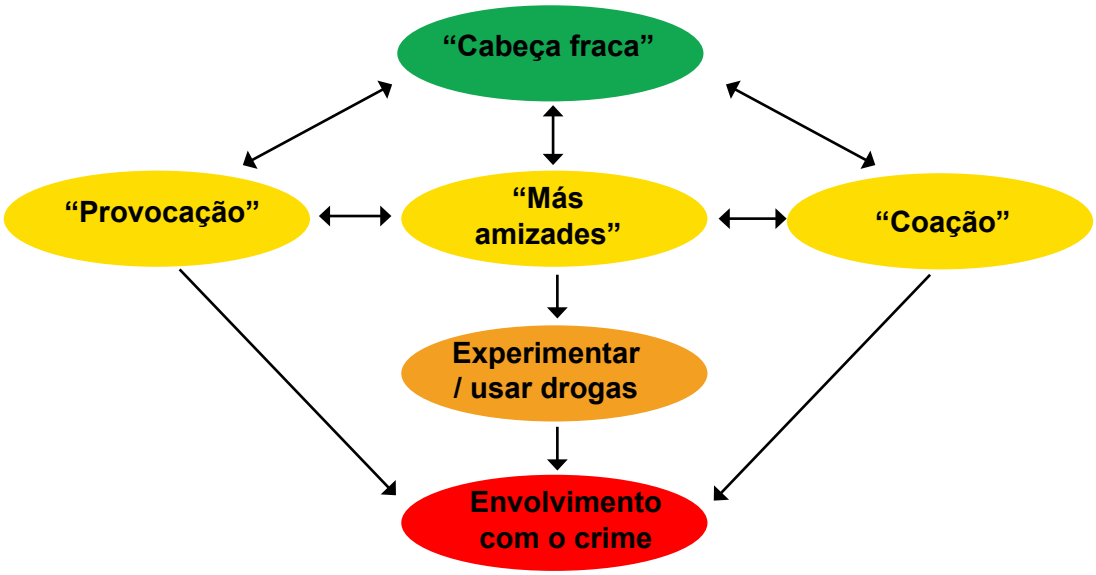
Outra situação é a exploração do trabalho de crianças e adolescentes, às vezes perpetrada pelos próprios pais, pressionando ao envolvimento com atos delituosos. No caso do uso de drogas, em todos os grupos houve referência ao exemplo de dentro de casa. Não é incomum que um parente (o pai, a mãe, ou ambos, irmãos e outros parentes próximos) seja usuário e ofereça drogas ao adolescente ou jovem, que se torna usuário por imitação ou oferta dentro da própria família. As várias

34 Essa explicação está em linha com o debate sobre os determinantes estruturais da violência que associa pobreza e criminalidade. Também conhecida como hipótese "frustração-agressão", essa tese "propõe basicamente que necessidades ou expectativas frustradas podem provocar a agressão como forma de liberar a frustração. (...) Assim, a dificuldade econômica induziria à frustração entre os pobres e estes a expressariam em forma de agressão generalizada, o que, por seu turno, provocaria mais homicídios" (CANO; SANTOS, 2007, p. 13).

referências a casos conhecidos de amigos, colegas e/ou vizinhos que começaram a usar drogas e, eventualmente, se envolveram com o tráfico por intermédio de um parente próximo colocam em questão a ideia de que o risco é uma característica exclusivamente do espaço da rua, território quase sempre associado ao traficante.

Mas são as relações *entre jovens* que permitem entender de forma mais clara as dinâmicas de sociabilidade associadas ao uso de drogas, aos conflitos que podem degenerar em atos violentos e também o envolvimento com o crime. A pressão de pares, ou seja, a influência de colegas, amigos e/ou vizinhos com os quais adolescentes e jovens convivem cotidianamente em suas localidades foi um dos fatores explicativos mais citados pelos participantes, especialmente no que diz respeito ao consumo de entorpecentes. É interessante observar que, em praticamente todos os grupos de adolescentes e jovens, em todas as localidades estudadas, houve dissenso em relação a esse aspecto, no sentido de se questionar o poder de influência do grupo sobre as ações individuais. Nomeadamente no que diz respeito à decisão para o primeiro contato com a droga, foram observadas duas posições bastante distintas: para muitos participantes, experimentar e fazer uso de drogas (ou não) pode ser tanto por pressão dos amigos, como uma decisão individual. No primeiro caso, prevaleceria a influência do grupo sobre a agência do indivíduo e, no segundo, é a agência que predomina sobre o grupo. Na próxima seção o papel do indivíduo será discutido de forma mais aprofundada.

O esquema a seguir sintetiza os principais elementos eliciados pelos participantes no entendimento das dinâmicas de interação social que interferem na decisão e no início do consumo de entorpecentes:



O ponto de partida é o círculo de relações sociais no qual o adolescente ou o jovem está inserido. Geralmente, os colegas, amigos e/ou vizinhos que já fazem uso de entorpecentes são identificados como os principais atores sociais a influenciarem o consumo. Os participantes tanto de grupos de adolescentes e jovens como dos grupos de mães referiram-se a esses atores como "más amizades", por introduzirem o adolescente ou jovem ao mundo da droga e ao risco da toxicodependência, bem como por aliciarem para atividades ilícitas (como furto e roubo). Segundo os participantes, aqueles que se deixam ser influenciados têm "cabeça fraca".

O sentido de "má amizade", em contraposição à "boa amizade", advém de interpretações da realidade social dentro da dicotomia "mundo lícito/mundo do crime", sugerindo uma dimensão moral subjacente à apreensão de certas práticas como próprias de um e de outro "mundo". No entanto, cabe ressaltar que há ambiguidades inerentes a essa dicotomia, uma vez que o uso de

drogas não significa, necessariamente, o envolvimento com o tráfico e outros delitos. A própria atividade de consumir drogas, do ponto de vista da atual legislação, não é tipificada como crime, mas entendida como um problema social, especialmente quando há dependência. Para que haja o envolvimento tanto com drogas como com o crime, entretanto, é preciso se deixar influenciar,[35] quer pela provocação ou mesmo coação.

A provocação afeta tanto homens como mulheres, porém, neste último caso, em menor grau. É possível dizer que a pressão para experimentar drogas ou tomar parte em atos violentos/delituosos é exercida com mais frequência e de forma mais contundente entre adolescentes e jovens do sexo masculino. O que está subjacente às práticas de provocação são dinâmicas de construção e afirmação de identidades "masculinas".[36] A provocação coloca em questão autoimagens do que significa "ser homem/macho" e suscita comportamentos e/ou engajamento no sentido de afirmação da "masculinidade". Adolescentes e jovens, portanto, são desafiados, sob pena de serem rotulados como "fracos", "bichas", "moles", "cagões", "caretas", entre outros epítetos, a responderem a uma ofensa, a compartilharem um cigarro de maconha ou participarem de um assalto. Em alguns casos, pode haver coação, podendo o adolescente ou jovem ser expulso do grupo ou mesmo da localidade. Em outras situações, a provocação não é apenas verbal, resultando em agressão física. Nesses confrontos, a "masculinidade" de um e de outro é colocada em questão e a afirmação da identidade é dada por meio da violência. Nessa perspectiva, é como se houvesse um "jogo de espelhos", no qual a autoimagem é construída a partir da relação: ao se desafiarem, o que está em jogo é a "honra" masculina, que é reafirmada quando um se sobrepõe ao outro demonstrando força (às vezes, por meio de armas de fogo).[37]

P1: *Mas... atente ao que eu vou falar agora. Um não quer baixar a bola do outro.*
P2: *O moral.*
P1: *Porque homem é homem. Se eu for baixar o moral dele, ele não vai querer. Se ele for baixar minha moral, eu não vou querer. Porque o homem tem que ter sua moral. Agora um tem que respeitar o outro.*
P2: *Isso é verdade.*
P1: *Aí se eu der um tapa nele, ele não vai querer se rebaixar pra mim. Aí isso é o que cria uma confusão. E hoje em dia ninguém quer tá brincando de tapa. Se eu der um tapa nele ele vai ali, volta armado e mete um tiro.*
(Grupo com jovens moradores do Ibura, Recife, PE)

Em um dos grupos de jovens do sexo masculino, realizado em Luziânia, os participantes tomaram a iniciativa de recriar, utilizando as imagens sugeridas nas atividades de fotoeliciação, alguns caminhos possíveis por meio dos quais adolescentes e jovens se envolvem com drogas e crimes. As imagens foram utilizadas como uma espécie de "história em quadrinhos" com múltiplos finais, com base

35 É interessante observar que esse discurso retira o indivíduo do foco central da ação, situando-o no outro. Porém, essa relação é únivoca, pois os jovens manifestam o desejo de experimentar o que os amigos experimentam, além de procurarem o prazer, mas também sofrem a influência de determinadas situações, em que a defesa em relação a eventuais pressões do grupo se torna mais difícil. Além disso, há que se considerar a procura pela desibinição, propiciada pela droga, muitas vezes almejada pelos jovens como um facilitador das relações sociais com seus pares (especialmente do sexo oposto), principalmente naqueles que vivem uma fase de menor segurança e autoestima (MIGUEL et.al., 1999, p. 113).
36 É importante enfatizar a ideia de "identidades masculinas", em vez de uma só identidade, pois não se pode estabelecer a predominância de uma única identidade hegemônica sem relação com outras formas possíveis de exercício e afirmação da masculinidade. Essas formas também devem ser entendidas como construções sociais atravessadas por questões de classe, raça e relações de gênero (FROSH et al., 2002).
37 Segundo Alba Zaluar (2004), esses comportamentos seriam representativos daquilo que a autora denomina etos guerreiro. Trata-se de um novo estilo viril que estaria germinando em alguns locais e grupos do Brasil, "associado tanto ao uso instrumental quanto ao uso expressivo da violência. Instrumental porque a violência é um recurso utilizado para obter ganhos, especialmente ganhos comerciais no tráfico de drogas, no contrabando de armas e em outras atividades ilegais praticadas no chamado 'crime negócio', que envolve várias redes de relações interpressoais. E expressivas porque, nas relações entre homens, as respostas a cada desafio vão criando um círculo vicioso, ou seja, a necessidade de intensificar as respostas a fim de afirmar a vitória de um homem sobre o outro, de um grupo de homens sobre ouro grupo de homens." (p.387)

em experiências e vivências muito próximas do seu cotidiano, em que foi possível verificar não apenas a forte identificação desses jovens com as imagens, mas também a familiaridade com essas narrativas de violência. A dinâmica foi permeada por risos e episódios sobre pessoas conhecidas, incluindo pequenas encenações de interações sociais com colegas e amigos, em que todos os participantes contribuíram para contar um pouco do cotidiano de adolescentes e jovens que, a partir dessas interações, encontram diferentes destinos como vítimas ou perpetradores de atos violentos. O trecho a seguir é profundamente esclarecedor:

Mo: *Como é esse caminho, como é que a pessoa percorre?*
P1: *Então, vamo fazer um mosaico aqui com essas fotos, vamo fazer uma montagem. (...) Aqui ó, começa com a festinha (imagem 38) e tal - Aí vem um baseado (imagem 41), aí depois do baseado vem o quê, véio?*
P4: *Pode vim isso aqui (imagem 42), né, também. Pode colocar aqui e pode colocar a outra aqui também.*
P1: *Depois do baseado a pessoa pode ter a facilidade de comprar armas (imagem 22), cadê ela?*
P3: *Quando a polícia não vai com a cara de um (risos).*
P2: *Isso aí é a viatura da madrugada (imagem 21) (risos)(...)*
P1: *A festa, o baseado, a facilidade de comprar armas... (...)*
P4: *Ó aqui, pode ser até essas aqui, parece até com o cara! (Imagem 35).*
P3: *Parece até eu! (...)*
P1: *Eu acho assim, que começa assim: junta um grupo de amigo e tal, aí vão pra uma festa. Aí no meio desses amigos, tem uma pessoa que usa. Pô, eu uso, aí eu falo: "E aí, Júnior, quer dar uma bola aí, véio?"*
P3: *"Não, quero agora não." (muitos risos)*
P1: *"Não, fuma aí, véio!"*
P3: *"Não, não sou disso aí não!"*
P2: *"Agora não, agora não".*
P1: *Só pra experimentar, aí começa de amizade. Num adianta, que a amizade influencia sim.*
P3: *Influencia.*
P2: *Pra quem não tem cabeça.*
P1: *Pra quem não tem cabeça e pé no chão, mas influencia sim, muito. Aí usa droga com o cara lá, aí depois acabou o dinheiro da droga.*
P3: *Pode morrer antes de chegar aqui. (Imagem 33)*
P1: *Aí a pessoa usou a droga, aí acabou o dinheiro. Porra, tô sem dinheiro! Aí vem aquela estica do cara querer fumar.*
P4: *Aí arruma um revólver emprestado.*
P1: *Aí aquela facilidade de conseguir arma.*
P3: *"Ih, eu tenho aquele revólver lá em casa".*
P1: *E esse menino que foi preso, que é colega da gente, com o revólver do pai da namorada dele, hein? (...) Aí o cara tem a facilidade de comprar arma, ou então pegar emprestado com alguém, pra cometer um assalto, pra poder continuar usando a droga, pode ser preso – (Imagem 32).*
P4: *Ou pode chegar a ficar assim (Imagem 33).*
P1: *Pode formar uma quadrilha, e o fim é isso aqui ó (Imagem 32) ou isso aqui (Imagem 34) ou isso aqui. Morte. (Imagem 33) (...)*
P3: *Tem vários [finais], isso aqui pode ser uma surra da polícia (imagem 40) porque não deu certo o plano de arrumar um dinheiro.*
P1: *O plano de fuga, ou o outro foi roubar aí tomou a arma dele e matou ele, que acontece.*
P2: *Saiu da cadeia levou um (?) e morreu! (risos)*
P3: *Num deu certo o assalto.*

P1: *O assalto deu errado... aí ó.*
(Grupo com jovens moradores do Jardim Ingá, Luziânia, GO)

O envolvimento com crime (no exemplo acima, o assalto à mão armada) é explicado em sua relação com o uso de drogas, mas os jovens reproduziram o tipo de interação na qual são convidados a experimentar e consumir (a festa, por exemplo), além de situações em que podem ser vítimas (como a surra da polícia ou a morte por dívidas) e perpetradores (plano para arrumar dinheiro) de atos violentos e delituosos. O riso e o tom descontraído em que essa recriação se deu durante a discussão em grupo focal são alertas do quanto essas situações podem ser familiares e corriqueiras em contextos de grande exposição à violência.
A importância do papel que a relação com o grupo exerce nos processos de construção e afirmação da autoimagem, especialmente para os homens, não deve ser minimizada. Nas discussões com adolescentes e jovens, de ambos os sexos, identificou-se um conjunto de comportamentos e atitudes que expressam ideais de masculinidade/feminilidade e relações de dominação entre indivíduos e grupos.
Um primeiro conjunto diz respeito a atitudes propriamente masculinas que, entre adolescentes e jovens, vêm associadas ao uso de drogas e à participação em delitos. O uso de drogas "pra mostrar que é homem", "pra ficar doidão", "pra estar por cima", "pra ser mais que os outros" é tipicamente inerente ao sexo masculino como forma de distinção em relação ao próprio grupo. O envolvimento com roubos e assaltos, ou com o tráfico de drogas, "pra ser um fora da lei", "pra ter respeito", "pra ter moral", "pra ser o maioral" segue a mesma linha. Essas atitudes estão ligadas a comportamentos que visam expressar a ideia de superioridade, como portar armas na cintura, drogas (buchas contendo pedras de crack) nos bolsos, exibir-se com armas em perfis de redes sociais na Internet, cujo objetivo é impor e angariar respeito por meio da intimidação.

Mo: *Por que resolve começar a andar armado e a dar bola pros traficantes?*
P1: *Ah, porque eles querem se sentir os machão.*
P2: *[Se] sentir o maioral.*
P3: *Eles acham que andando com eles vão ser os dono da vila, que isso e aquilo...*
(...)
Mo: *Que que é ser "o maioral"?*
P2: *Ah, eles querem chamar a atenção. Quer dizer que eles são os homens, que eles é que vão botar poder no lugar.*
(Grupo com adolescentes moradoras da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

O acesso a armas de fogo, com efeito, é capaz de propiciar a adolescentes e jovens, especialmente aqueles envolvidos com o tráfico de drogas, poder de intimidação sobre a comunidade, mas também é reforçado no interior da própria relação de dominação: o bandido, o traficante, por meio da prática de delitos, é tido como capaz de angariar recursos maiores e mais rapidamente do que os demais (que dependem da remuneração do trabalho). O acesso a bens de consumo confere distinção e prestígio.

P1: *Eles querem ser ladrão porque... ladrão, eles têm a mulher que quiser.*
P2: *Ganha dinheiro fácil, né?*
P1: *Ganha dinheiro fácil, tem tudo o que quiser (...) É o super, de ser alto ixi, "Esse cara é dono da boca de fumo, ele é chegado."*
(Grupo com adolescentes moradoras do Ibura, Recife, PE)

As mulheres podem se tornar partícipes coniventes dessa relação, ao preferirem os homens que se distinguem pelo poder (econômico, social e de intimidação) no interior da comunidade, contribuindo

para o prestígio que o “bandido” teria sobre o “trabalhador”. É interessante que, nessa acepção, há duas identidades “masculinas” em confronto, construídas a partir da ideia de que o homem é o provedor (seja por meio das atividades ilícitas, seja por meio do trabalho regular). No discurso dos jovens não envolvidos com o tráfico, avalia-se qual a melhor escolha (identidade), em função dos ganhos e perdas que uma e outra implicam.

P1: *Eu vou ser bem sincero co'a senhora, a maioria dessas guria, não querem um macho trabalhador, um cara que é trabalhador, um fulano. Elas querem malandro, que tem arma na cintura, que tá com corrente.*
P2: *Elas querem o patrão da boca!*
P1: *Um macho trabalhador? Que que eu quero cum ele? Caretão, que puxa um pagodinho. Elas querem o patrão da boca, que punk que.*
P2: *Elas não querem os cagão vivo, elas querem os bandido da boca! (...)*
P1: *(...) “Eu quero o malandro.” Bah, malandro é nóis que trabalhamo, eles não são malandro!*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Manter uma relação de intimidade com o bandido enquanto namorada ou esposa é um meio de “empoderamento da mulher”. O “patrão” da boca torna-se o provedor, o “cara que banca” e também o “protetor”, uma vez que seu poder de intimidação é estendido às suas relações mais próximas.

P1: *Tem mulher que faz questão de ser mulher de bandido, né?*
P2: *É, tem muita.*
P1: *Questão de abrir a boca pra dizer "Ah não, eu sou mulher de fulano de tal. Meu marido já foi preso, de tal coisa, artigo 157, artigo tal, todos os artigos” (...)*
P2: *“Se você der um tapa em mim, eu vou avisar [o fulano]”.*
(Grupo com jovens moradoras da UR-1 Ibura, Recife, PE)

Os recursos angariados por meio de atividades ilícitas propiciam não apenas o acesso a bens de consumo, mas também distinção e prestígio dentro do grupo de pares. Nesse sentido, a carreira criminosa pode ser vista como um meio de ascensão social, diante da falta de oportunidades de trabalho e de renda. Poder consumir, incluindo-se aí atividades de lazer, também é fazer parte do grupo, e prover para si e para o grupo – ser “o cara” – configura um atributo dessa identidade masculina.

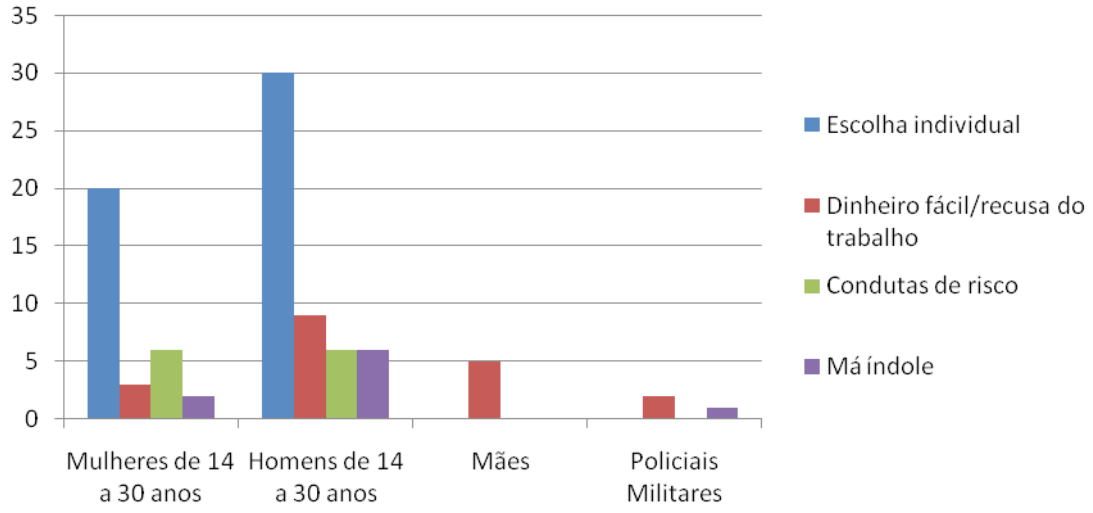
Mo: *O que é que ser "o cara"? O que precisa pra ser "o cara"?*
P1: *Às vezes ele não tem dinheiro, ó, vai chegar num coiso que ele tá aqui, às vezes num tem dinheiro, ele tá numa roda assim, aí o pessoal fica tirando ele. Aí "Pô, bicho, queria sair dessa vida e tal. Vou fazer alguma coisa". Aí ele vem pra assumir os mais fácil, que é arrumar droga, pra vender, pra ter dinheiro, pra tá na roda, tá bebendo, na hora que vai fazer uma intera, "Vamo fazer uma intera?"*
P2: *"Deixa que eu pago!"*
P1: *Tá, deixa que eu pago, então! Ele quer ser falado.*
(Grupo com jovens moradores da ZAP-5, Rio Branco, AC)

Os exemplos de referências analisados aqui indicam o quanto são variadas as motivações subjacentes às influências de familiares e amigos nas condutas juvenis, não se podendo falar em modelos unívocos para a compreensão da ação social. Nesse sentido, é de fundamental importância entender como representações e expectativas a respeito da imagem de si e do grupo se relacionam para configurar práticas de interação e sociabilidade, podendo envolver atividades ilícitas e violentas ou não.

Fatores subjetivos

Um terceiro grupo de motivações para o envolvimento com violência e crime corresponde aos *fatores subjetivos*, que não dependem, *a priori*, da relação com o outro, constituindo em si mesmos a *agência individual*.[38] É nessa chave interpretativa que a dicotomia entre a interferência do grupo e as ações dos sujeitos pode ser recolocada. Um segundo fator subjetivo é aquele que envolve processos de racionalização da conduta, no sentido de pesar os ganhos e benefícios da atividade ilítica em relação aos prejuízos. Trata-se das interpretações de que o lucro obtido do tráfico de drogas, do furto e do roubo é um "dinheiro fácil" de ser conquistado comparativamente ao trabalho. Daí essas motivações virem associadas à recusa do trabalho formal em face dos ganhos relacionados ao crime.
Um terceiro e último fator subjetivo é aquele que advém de caraterísticas supostamente inerentes ao indivíduo, que não dependeriam do contexto social e econômico ou da relação e interação com a família e o grupo de pares, mas sim da *natureza* ou *índole* dos sujeitos que, devido a predisposições psíquicas típicas, seriam mais propensos ao envolvimento com violência e crime. Nesse sentido, tanto a propensão a adotar conduta de risco como a "má índole" seriam motivações explicativas das ações.

Gráfico 29 – Fatores associados à subjetividade apontados pelos participantes dos grupos focais como motivações para o envolvimento com violência e criminalidade



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência, 2010.

A partir do dissenso observado nos grupos focais com adolescentes e jovens, percebeu-se a importância atribuída ao papel do indivíduo nas decisões e escolhas que pautam trajetórias de iniciação ao consumo de drogas e envolvimento com violência e crime. Nem nos grupos de mães e tampouco naqueles de policiais militares foram eliciadas referências à capacidade individual de estabelecer regras e limites para a própria conduta, sugerindo que há uma diferença significativa

38 Na sociologia, o sentido de agência é construído em relação ao de estrutura. De maneira muito simplificada, o conceito de agência refere-se às forças subjetivas dos agentes humanos e o conceito de estrutura, às forças objetivas das realidades produzidas pelos agentes (PARKER, 2000).

no modo como os grupos se veem a si próprios e ao jovem. Uma hipótese para isso é a ideia de que tanto o adolescente quanto o jovem – não sendo ainda adultos autônomos – encontram-se em situação de vulnerabilidade ou risco, precisando ser contidos, orientados e/ou protegidos. Essa visão tende a considerar os jovens a partir de uma perspectiva vitimizadora e não como *agentes* de suas próprias trajetórias.
Porém, nos grupos de adolescentes e jovens, de ambos os sexos, a capacidade de fazer escolhas autônomas, isto é, independentemente da interferência de familiares e amigos foi reivindicada com frequência como um fator relevante na decisão para o envolvimento (ou não) com drogas, violência e crime. É nesse sentido que os jovens reivindicam para si a autonomia das próprias decisões, explicitando que é o sujeito quem decide, pois "faz o que quer da vida", ou só aceita a oferta (de usar drogas) ou participa de alguma atividade "se quiser".

Mas eu acho que isso [educação] não tem nada a ver, porque a pessoa, quando se entende como gente, faz o que quer da vida, e o mundo lhe oferece várias coisas, você aceita se quiser.
(Jovem morador da UR-1 Ibura, Recife, PE)

Os componentes subjacentes à "decisão" ou "escolha" têm a ver com a curiosidade e o desejo de experimentar, mas também com valores morais que entram na avalição "do que é certo e do que é errado". Nesse caso, fica evidente a racionalização da conduta em face dos prejuízos que o uso de drogas e a atividade ilícita implicam, ou seja, o vício (toxicodependência) e a prisão/morte (pena ou chance de morrer vítima de homicídio). A maioria das asserções sobre os prejuízos é baseada em experiências pessoais e testemunhos. Em alguns casos, os participantes chegaram a declarar que foram usuários de drogas ou estiveram detidos, o que foi fundamental para estabelecer um posicionamento negativo em relação à toxicodependência e à carreira criminosa. Em outras situações, o exemplo de familiares, amigos, colegas e vizinhos foi muito importante para fundamentar essas asserções.
É interessante observar que a autonomia em relação às decisões também foi reinvindicada na tentativa de estabelecer o controle sobre as próprias ações e trajetórias: alguns participantes se identificaram como usuários de drogas e reforçaram a autonomia dessa escolha, dizendo que não foram influenciados por terceiros e que eram capazes de determinar as condições e o momento de parar ou mudar um curso de ação. A situação de grupo também pode ter propiciado a emergência desse tipo de afirmação, no sentido de os jovens procurarem se apresentar como "independentes" ou "não influenciáveis" diante dos demais participantes ou colegas. Essa foi uma atitude perceptível entre aqueles que defendiam a capacidade de agência individual, diferentemente daqueles que favoreceram a pressão de pares como fator motivador para o envolvimento com drogas e crime. Nesse caso, é possível perceber atitudes críticas em relação tanto a si próprios (me deixei influenciar) como aos outros (as amizades influenciam sim).
O aspecto mais relevante, entretanto, é a ideia de que a capacidade de autonomia diante da influência de terceiros depende de uma atitude mental específica, oposta à ideia expressada anteriormente de "ter cabeça fraca". Assim, os jovens que conseguem dizer "não" aos estímulos para experimentar drogas ou se engajarem em atividades ilícitas são aqueles que demonstram ter "cabeça forte". A definição de "cabeça forte" também introduz um componente moral, de saber distinguir entre o certo e o errado, mas sobretudo de se manter alheio à tentação e à influência externa, inclusive da falta de condições de vida, de oportunidades de trabalho e de apoio da família.

P1:*Vê os cara ali, o cara que não tem a cabeça, se não tiver a cabeça boa, às vezes ele entra sem querer, porque precisando, corre por ali mesmo. (...)*
Mo: *Mas o que é ter cabeça forte? Cabeça forte, o que que é isso?*
P1: *Cabeça forte tem que vir diretamente da sociedade, porque a sociedade ela discrimina muito os jovens. Porque a sociedade não quer saber. Pô, tá bom pra eles, o presidente, aquilo, pô, tá bom pra*

eles. Promete uma coisa, pô, prometo, vamo votar, vamo fazer um voto, presidente, governador. Promete isso, aquilo, mas a família deles mesmo, pô, prometeram aquilo, isso daqui, mas não tá ajudando a sociedade, não tá ajudando os bairro, não tá ajudando São Paulo, não tá ajudando nada. O mundo taí, as drogas, todo mundo se acabando nas drogas. E os empregos, cadê? Prometeram um monte de emprego, cadê? Cursos pra jovens, curso ajuda muito, as pessoas sai das droga muito. (...)
(Grupo com jovens moradores da Brasilândia, São Paulo, SP)

Nesse sentido, é preciso ter "cabeça forte" para se manter longe da droga e da tentação do ganho fácil que o tráfico propicia, diante de um contexto social e econômico que apresenta tantas dificuldades e frustrações. Essa atitude exige, na fala dos participantes, forte controle sobre si próprios. O foco na "mente", na ideia de que depende da mente da pessoa a decisão, inclusive, de matar, reforça o componente racional da noção de "ter cabeça forte".
Outro importante fator de influência nas decisões dos jovens, especialmente no que diz respeito ao envolvimento com o tráfico e outras atividades ilícitas, é a possibilidade de obter "dinheiro fácil". De fato, em comparação com as atividades remuneradas que muitos desses jovens desenvolvem, especialmente trabalhos manuais pouco qualificados ou que não exigem qualificação, os ganhos auferidos com o tráfico de drogas contribuem para reafirmar as justificativas racionais com base na tese da maximização dos rendimentos.[39] Nessa perspectiva, "ganhar dinheiro fácil" vem associado à "recusa do trabalho", isto é, a opção ou escolha pela atividade ilícita em detrimento do trabalho regular, formal, como carreira ou possibilidade de mobilidade social. O aspecto racional da decisão vem da avaliação dos riscos e benefícios de um e de outro.

P1: *É porque o seguinte, a maioria dos caras -*
P2: *Querem ser vagabundo, não querem trabalhar. Pô, eu tô legal no tráfico, ganho dinheiro, só vô ali vendo, ganho dinheiro, tomo cerveja, tenho mulher, tenho tudo, tipo, vai cair um dia, né?*
P3: *Não vai querer trabalhar em obra que nem nóis.*
Mo: *Mas ele ganha quanto, comparativamente a quem trabalha?*
P2: *Ah, por noite, depende, na noite, ali.*
Mo: *Ele ganha muito mais do que quem trabalha ou pouco mais?*
P3: *Bah, com certeza, bem mais. (...) Quem que não vai querer ganhar 150 contos por dia, 150 contos você não ganha nem trabalhando, quem não vai querer ganhar?*
(...)
P1: *Mas também eu ganho 150 na noite, mas eu também corro o risco de tudo né? Ser morto, de... os homem me pegar, a outra gangue me derrubar. Eu corro todo o risco.*
(Grupo com jovens moradores da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

O risco, entretanto, não é um componente associado à motivação que se articula exclusivamente às ações racionais. É também ligado ao desejo de experimentar emoções associadas ao risco. Por que os jovens se arriscam, cientes dos perigos inerentes ao abuso de narcóticos e do envolvimento em atividades ilícitas como o furto, o roubo, o assalto à mão armada?[40] O comportamento de risco

39 Essa explicação está em linha com a tese sobre o comportamento racional de maximização de renda, na qual "o comportamento ilegal e violento supostamente gera uma renda mais alta do que o emprego legal para os que cometem, ainda que se considere a punição aplicada no caso de o criminoso ser preso. (...) Em outras palavras, o crime violento seria escolhido a fim de obter um lucro que de outro modo seria inatingível. Assim, quanto menos uma pessoa espera do emprego legal, mais essa pessoa estaria propensa ao comportamento criminoso e vice-versa" (CANO; SANTOS, 2007, p. 11).
40 Estudos sobre risco e jovens sugerem que as condutas são associadas à carência de redes sociais de controle, de orientação e de integração no processo de tensão que os jovens vivem entre a vontade de desfrutarem certa autonomia – necessária ao processo de amadurecimento – e a eficácia socializante de forças institucionais, como a família, a escola ou a igreja. Segundo Pais (2003, p. 309), "enquanto consumidores, os jovens expressam preferências, necessidades, desejos; experimentam uma liberdade de escolha que representa um poder de quem exerce essa liberdade de escolha mas que se pode traduzir num poder ficar sem liberdade, num aprisionamento a consumos que suscitam dependência. No entanto, o 'risco' pode também fazer parte de um processo normal de transição comportamental durante a adolescência, em que se experimentam ganhos de autonomia."

não deve ser visto exclusivamente sob um ótica negativa, isto é, do ponto de vista das potenciais consequências envolvidas. Arriscar-se também tem a ver com testar os próprios limites, com a construção da autoidentidade e liberação dos constrangimentos impostos pela sociedade. Nessa perspectiva, o engajamento em atividades consideradas "de risco" (beber, dirigir em alta velocidade, fumar, usar drogas, etc.) também pode ser interpretado como formas de contestação da ordem, do legal e do legítimo, dando nova dimensão à experiência.[41] Ter o controle da situação (tomando o poder para si próprios) ou perder o controle sobre as próprias restrições ao comportamento considerado socialmente desejável são formas de testar os limites do "eu" (self), criando e experimentando novas modalidades de estar e de se colocar no mundo.

Uma vez eu perguntei pra um amigo meu, o Guido, que ele era do bonde dos perversas, aqui em cima aqui. Eu falava, "Meu, pra que que tu faz isso aí, meu? Tu trabalha, tu ganha teu dinheiro toda semana", "Adrenalina, meu, adrenalina! Ai eu gosto de adrenalina!" "É adrenalina até uma hora os homem te pegar!" "Nada a ver, me pegam, quando eu ficar de maior, limpa toda a minha ficha e já era!"
(Jovem morador da Vila Bom Jesus, Porto Alegre, RS)

Diferentemente das racionalizações sobre os sentidos da ação criminosa, as motivações com base na ideia de "má índole" baseiam-se em concepções sobre a natureza do indivíduo que o predisporiam ao comportamento criminoso. É esse o sentido de ter "instinto de ser vagabundo" ou de "gostar de matar" e que explicaria o envolvimento em atividades ilícitas e atos violentos. A má índole também configura um importante fator de distinção entre o bandido ou "malandro" e o trabalhador ou "cidadão de bem".
A análise de referências semelhantes nos diversos grupos indica que a relação entre família, amigos, drogas e crime é complexa e não deve ser entendida de forma linear. Não se pode dizer, portanto, que existe uma relação de causa e efeito entre a associação com determinados tipos e o ato delituoso, tampouco com o uso de drogas e o crime, uma vez que as trajetórias de iniciação ao consumo (de drogas) e à criminalidade envolvem condicionamentos estruturais, fatores subjetivos e oportunidade, entre outros, impossíveis de serem abrangidos aqui. Essas trajetórias são multifacetadas e, no limite, não podem ser explicadas por meio da redução a fatores externos e subjetivos.

41 O conceito de risco é um termo ambíguo que pode ser relativizado e interpretado de várias maneiras. As condutas de risco adotadas por muitos jovens têm a ver com desafio e perigo e geralmente estão associadas às práticas que produzem sensações prazerosas devido à descarga de adrenalina no organismo. Colocar-se em risco pode ser perigoso (até mesmo para a própria vida), mas também provoca sensações intoxicantes e prazerosas de excitação. Os comportamentos de risco fazem parte das práticas juvenis e constituem da criação e definição de hierarquias a respeito do que é aceitável e considerado "normal" e do que é "perigoso" e fora de controle (GREEN et. al., 2000).

Considerações finais

O estudo com grupos focais propiciou a reflexão sobre a míriade de tensões, representações e expectativas que se encontram subjacentes às ações dos sujeitos sociais e colocam em andamento as dinâmicas de sociabilidade e interação social observadas nas localidades estudadas. É preciso, portanto, avançar em relação às interpretações que associam pobreza e condições de vida precárias (representadas por baixos índices educacionais, desemprego, falta de acesso à saúde, ausência de infraestrutura urbana) à violência e criminalidade, ampliando o olhar para as percepções do que é violência e segurança e, principalmente, do papel exercido por organizadores do crime em localidades com forte sentido de "comunidade". O entendimento de como se dão as relações entre o "estranho" ou "desconhecido" e também entre aqueles que detêm o *status* de pertencimento nos grupos, incluindo-se aí os chamados "malandros de dentro", ou seja, criminosos que vivem e atuam na mesma comunidade, é fundamental para romper a ideia de que o "mundo do crime" e o mundo "legal" são duas dimensões dicotômicas. Pelo contrário, as fronteiras entre o legítimo e o ilegítimo se mostram embaralhadas a partir do momento em que grupos (organizados ou não) que praticam atos violentos ou delituosos exercem poder de coerção e intimidação sobre moradores, controlando a circulação de informações e pessoas nos territórios onde emergem, interferindo no cotidiano e na intimidade da população.

Nesse sentido, operações pontuais da polícia, como rondas ostensivas, flagrantes e autuações e confrontos com facções, são ações de efeito limitado, uma vez que atuam no sentido de coibir a ação de criminosos, sem considerar as dinâmicas complexas de relacionamento entre os grupos que interagem (como dominadores e dominados) dentro de bairros vulneráveis ou onde há grande exposição à violência. Nas localidades onde a importância de conhecer e se deixar ser conhecido é fundamental, a ação da polícia não pode ser distanciada ou anônima, evitando, assim, as práticas autoritárias e discriminatórias, que contribuem para a emergência de representações negativas sobre as forças de segurança pública. Mais importante ainda, é preciso avançar no entendimento sobre o adolescente e o jovem, não os tomando como categorias homogêneas, seja pelos modos de se apresentarem e de agirem, seja como vítimas ou perpetradores, atentando-se para as práticas de interação social, as motivações subjacentes aos processos de construção da autoimagem e da apresentação de si, os hábitos de lazer e consumo.

Não é possível, finalmente, continuar a perpetuar o estigma social das localidades estudadas, em função da associação ao crime e à violência e de condições urbanas precárias (falta de iluminação pública, de equipamentos de saúde, esporte, cultura e lazer, de escolas depredadas e violentas, onde o consumo de drogas se encontra disseminado). A imagem da localidade e o lugar que os moradores ocupam nela devem ser resgatados não apenas pelos próprios integrantes das comunidades, mas também pelas forças de segurança pública que atuam no combate ao crime, pelo poder público responsável pela garantia dos direitos de cidadania e pela mídia, tanto na relativização de onde e por que o crime ocorre, como de quem são os responsáveis.

Referências bibliográficas

CANO, I.; SANTOS, N. **Violência letal, renda e desigualdade no Brasil**, Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FROSH, S. et al. **Young masculinities** – understanding boys in contemporary society. New York: Palgrave, 2000.

GREEN, E. et al. Contextualizing risk and danger: an analysis of young people's perceptions of risk" **Journal of Youth Studies**, v. 3, n. 2, p. 109-126, 2000.

JASPARS, J.; FRASER, C. Attitudes and social representations. In: MOSCOVICI, S.; FARR, R. M. (Eds.). **Social representations**. Cambridge University Press, 1984.

LOEFFLER, T.A. A photo elicitation study of the meanings of outdoor experiences. **Journal of Leisure Research**, v. 36, n. 4, p. 536-556, 2004.

MIGUEL, N. et al. (Traços, laços e dependência (A experimentação de drogas). In: PAIS, J.M. (Coord.). **Traços e riscos de vida**. Porto: Ed. Ambar, 2000.

MINGARDI, G. O trabalho da inteligência no controle do crime organizado. **Estudos Avançados**, v. 21, p. 51-69, 2007.

MORGAN, D. (**Focus groups as qualitative research.** Newbury Park, Sage Publications, 1998.

MOSCOVICI, S.; FARR, R. M. (Eds.). (**Social representations**. Cambridge University Press, 1984.

PAIS, J. M. Grupos juvenis: condutas e imagens. In: PAIS, J. M. et al. (Orgs.). **Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo**. Portugal: Ed. Certa, 2003.

PARKER, J. **Structuration**. Buckingham: Open University Press, 2000.

PEDROSO, R. C. **Violência e cidadania no Brasil**: 500 anos de exclusão. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. **The structures of the life-world**. Evanston: Northwestern University Press, v. 1, 1973.

SILVA, L. A. M. da (Org.). (**Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

ZALUAR, A. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANEXO A

Apêndice Metodológico

DESENHO DE PESQUISA E PROPOSTA DE ANÁLISE

A técnica de pesquisa escolhida foi o grupo focal,[42] que tem a vantagem de reunir, no mesmo tempo de realização de uma entrevista individual, um grupo maior de pessoas com o perfil de interesse do pesquisador, que podem responder coletivamente a um roteiro de perguntas. Entretanto, o objetivo de um grupo focal não é tanto obter uma resposta comum, mas sim estimular a interação e o debate entre os participantes. É a interação entre membros que se identificam entre si com base em atributos sociais e econômicos similares que estimula a expressão dos conteúdos que interessam ao pesquisador.

A pesquisa com grupos focais foi realizada em quatro capitais e um município, com o objetivo de contemplar as cinco regiões do país. Como se trata de estudo focado em localidades muito específicas, cujo critério de seleção compreende os territórios de atenção do Pronasci (especificamente os Territórios de Paz), e considerando-se a natureza da técnica utilizada, a amostra de participantes e os resultados obtidos não se pretendem representativos da população ou dos territórios selecionados; mas contribuem para aprofundar o conhecimento sobre a realidade de adolescentes e jovens que convivem em contextos de grande exposição à violência. Cabe salientar que, das cinco localidades selecionadas para essa etapa da pesquisa, somente Recife figura na lista dos 42 municípios mais vulneráveis, isto é, com alto Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (0,481).[43] Porém, sabe-se que a violência é territorialmente concentrada em determinadas áreas intraurbanas, de modo que a escolha dos Territórios de Paz para aplicação da pesquisa com grupos focais foi um critério objetivo, fundamental para o entendimento da percepção de jovens que vivenciam cotidianamente tais contextos sobre violência, bem como de sua convivência com ela.

O desenho do estudo teve como público-alvo adolescentes entre 15 e 17 anos e jovens de 18 a 24 anos. Além disso, buscou ouvir também mães de adolescentes e jovens residentes nessas localidades e policiais militares com experiência de atuação e combate ao crime nos distritos selecionados. Para cada cidade selecionada, foram realizados seis grupos focais: dois com adolescentes de 15 a 17 anos (um composto por mulheres e outro por homens), dois com jovens de 18 a 24 anos (também um para cada sexo); um grupo de mães com filhos nessa faixa etária; e um formado por policiais militares que atuam no patrulhamento e nas operações de rua.

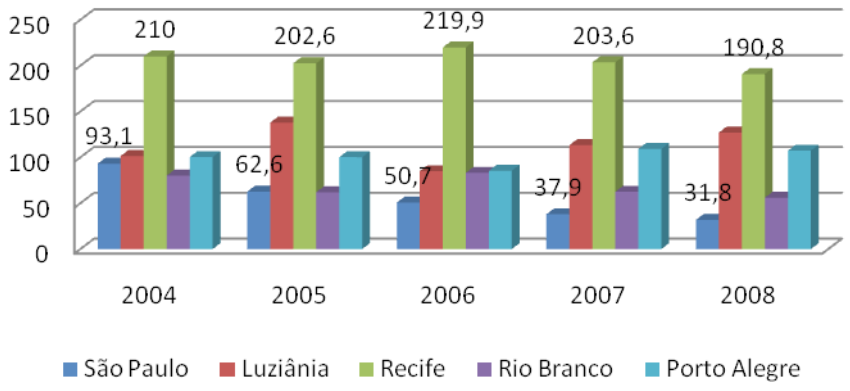
As cinco municipalidades selecionadas foram: Rio Branco-AC (Norte), Recife-PE (Nordeste), Luziânia-GO (Centro-Oeste), São Paulo-SP (Sudeste) e Porto Alegre-RS (Sul). Os critérios de escolha dessas localidades pautaram-se pela necessidade de garantir a variabilidade, considerando-se diferenças regionais e o tamanho dos municípios.

42 Os grupos focais constituem um método de pesquisa social qualitativo, com um objetivo claramente definido e um número limitado de perguntas ou temas que são colocados por um moderador, treinado para coordenar o procedimento e garantir que todos os envolvidos participem igualmente do debate. Normalmente, as discussões são gravadas e posteriormente transcritas, para que nenhuma informação seja perdida. O procedimento é repetido com vários outros grupos de pessoas, até atingir o ponto de "saturação," em que as respostas e manifestações não acrescentem mais informações relevantes (MORGAN, 1998).

43 O IVJ-V em municípios com mais de 100 mil habitantes consiste em uma escala de 0 a 1, que classifica os 266 municípios com mais de 100 mil habitantes, em 2008, segundo uma composição de indicadores selecionados para medir violência (indicador de homicídios entre jovens, indicador de mortalidade por acidentes de trânsito entre adolescentes e jovens, frequência à escola, desempregro, pobreza e desigualdade, entre outros). Fonte: Fundação Seade.

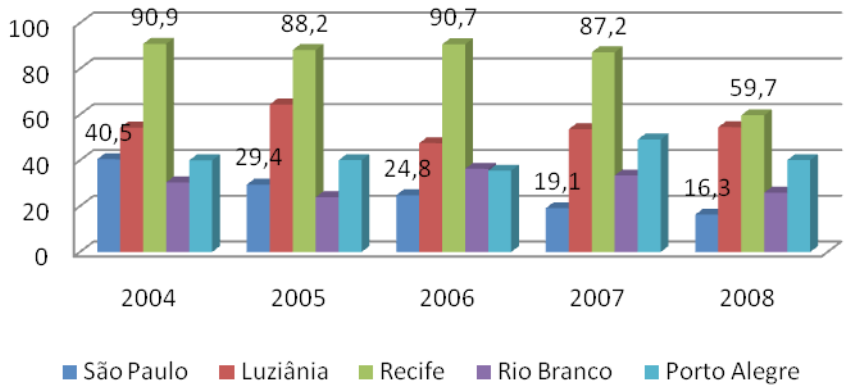
Com base em dados recentes de mortalidade por homicídio entre adolescentes e jovens, observa-se que essas cidades apresentam taxas de óbitos por causas externas tipificadas como homicídios[44] consideravelmente altas quando comparadas às taxas para a população geral. Com efeito, as taxas de mortalidade entre adolescentes e jovens tendem a ser, considerando os dados preliminares para 2008, de 2 a 3 vezes mais altas do que entre a população geral, especialmente na faixa etária entre 20 e 29 anos.

Gráfico 1 - Taxas de homicídio entre jovens de 20 a 29 anos (1)
Municípios selecionados – 2004-2008



Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM; IBGE - Estimativas populacionais para o TCU.
(1) Por 100 mil jovens de 20 a 29 anos.

Gráfico 2 - Taxas de homicídio para o total da população (1)
Municípios selecionado – 2004-2008

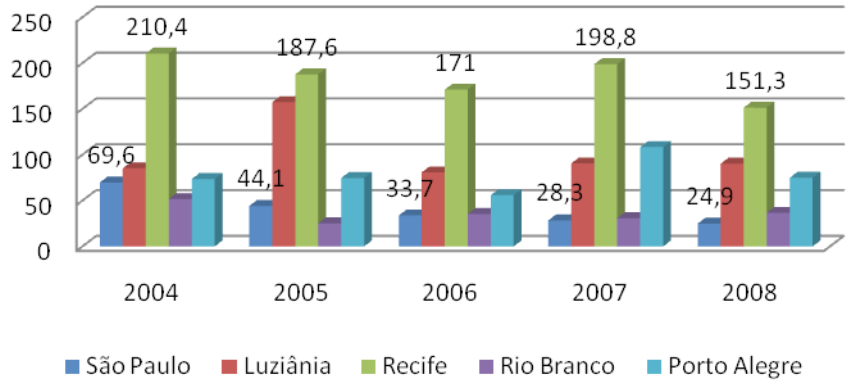


Fonte: MS/SVS/DASIS. Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE. Estimativas populacionais para o TCU.
(1) Por 100 mil habitantes.

44 Fonte: MS/SVS/DASIS. Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM; IBGE. Estimativas populacionais para o TCU.

Cabe ressaltar que, entre os cinco municípios pesquisados, Recife apresentou as maiores taxas de homicídio entre adolescentes e jovens, no período 2004-2008. Embora seja possível observar tendência de queda em São Paulo, Recife e Rio Branco, as mortes entre jovens continuam altas.

Gráfico 3 - Taxas de homicídios entre adolescentes de 15 a 19 anos (1)
Municípios selecionados – 2004-2008



Fonte: Fonte: MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM; IBGE - Estimativas populacionais para o TCU.
(1) Por 100 mil habitantes.

A equipe responsável pela realização e gravação dos grupos focais contou sempre com um(a) moderador(a) e pelo menos um(a) assistente. Para o recrutamento dos participantes, a coordenação da pesquisa baseada em São Paulo entrou em contato com entidades de apoio à população na área de assistência social, desde órgãos municipais e estaduais, até organizações não governamentais, paróquias, associações de moradores, entre outros. Privilegiou-se o contato com Centros de Referência em Assistência Social, que oferecem programas como Bolsa-Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), ProJovem, entre outros programas federais, estaduais e municipais, em que grupos já formados de adolescentes, jovens e mães se reúnem habitualmente. Para a realização dos grupos focais com policiais, a coordenação de pesquisa procurou os Batalhões da Polícia Militar, cuja área de abrangência contemplava o distrito onde se situam os territórios de atenção do Pronasci selecionados. Em cada municipalidade, a pesquisa foi apresentada ao comandante responsável e, a partir da autorização e da indicação da companhia mais adequada para os propósitos do estudo, foram agendados os grupos com policiais, sempre de mesma patente.
Todos os participantes dos grupos focais de adolescentes, jovens e mães receberam, ao final da dinâmica, uma cesta básica. Em todas as dinâmicas foi fornecido lanche pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
Ao final dos trabalhos, foram realizados 30 grupos focais, com um total de 197 participantes, sendo 170 civis e 27 policiais militares.

Tabela 1 – Participantes dos grupos focais, por categorias de análise, segundo localidade

	Adolescentes		Jovens		Mães	Policiais	Total
Localidade	**Homens**	**Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**			
São Paulo	7	5	6	6	6	6	36
Luziânia	7	6	6	5	7	6	37
Recife	7	8	6	10	8	6	45
Rio Branco	4	7	9	4	6	5	35
Porto Alegre	10	5	9	8	8	4	44
Total	**35**	**31**	**36**	**33**	**35**	**27**	**197**

Fonte: Pesquisa com grupos focais, FBSP, 2009-2010

A composição dos grupos variou entre 4 e 10 participantes, sendo que, devido ao fato de o recrutamento dos adolescentes e jovens ter sido realizado pelos responsáveis das instituições nas quais os grupos foram realizados, nem sempre a idade dos entrevistados correspondeu ao filtro exigido para a dinâmica da pesquisa. Ou seja, entre os 135 adolescentes e jovens que participaram dos grupos focais, a faixa etária foi de 14 a 30 anos. Já nos grupos de mães, a idade das participantes variou de 24 a 60 anos. A média, porém, ficou dentro do esperado para cada grupo: 16,1 anos para os grupos de adolescentes e 21,8 para os de jovens. A média de idade para os grupos de mães foi de 42 anos.

Metodologia de pesquisa

Para a realização dos grupos focais, elaborou-se um roteiro de questões, cujo principal objetivo era obter uma noção geral do grau de exposição à violência da população moradora da localidade em estudo, bem como a respeito da sua compreensão do que *é* violência. Nesse sentido, procurou-se construir um roteiro com atividades dinâmicas que propiciassem o debate e a reflexão entre os participantes dos grupos, sem, contudo, utilizar, *a priori*, o termo "violência" ou "segurança pública". O objetivo não era obter um *feedback* dos entrevistados acerca dos conceitos que a equipe de pesquisadores tem do que é violência urbana, crime, violência doméstica, violência escolar, violência contra a mulher, mas sim apreender, por meio da interação em grupo, as percepções, representações e inclusive terminologias próprias para se referir a atos que, por meio de análise sociológica das dinâmicas de grupo, são considerados violentos/violências. O segundo objetivo era procurar obter, a partir das discussões com os participantes, testemunhos, experiências e narrativas de exposição à violência, que permitissem compreender como adolescentes e jovens vivendo em contextos de grande vulnerabilidade iniciam carreiras criminosas, incluindo o envolvimento com drogas. As interpretações dos participantes, embora não sejam dados *per se*, tornam-se passíveis de análise, uma vez que constituem também interpretações do "mundo vivido"[45] e referem-se ao conhecimento produzido na vivência cotidiana com a família, os amigos, os colegas de escola, na vizinhança, na comunidade.
O roteiro de questões foi desenvolvido, testado e validado antes de ser aplicado à população pela equipe responsável do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ele foi o mesmo em todas as localidades e grupos, com pequenas variações no caso dos grupos de policiais. O ponto de partida para as dinâmicas foi sempre a localidade onde residiam os participantes. Ao falar sobre a localidade, buscou-se trazer para a discussão o conhecimento da população sobre o bairro/comunidade/favela ou vila, sua experiência no tempo, ou seja, o que mudou com o desenvolvimento da região, os principais

45 O mundo vivido é o mundo da própria vida cotidiana, que o sujeito reconhece imediatamente e diante do qual adota uma atitude quase natural, sedimentado nas experiências subjetivas acumuladas (SCHUTZ; LUCKMANN, 1973).

problemas e necessidades. Por meio desses temas, a questão da violência emergiu, em praticamente todos os grupos, sem a necessidade de qualquer outro estímulo (menção de ocorrências, episódios noticiados na mídia, ou então explicitar que o objetivo do trabalho era falar sobre violência).

As dinâmicas foram conduzidas sempre por um(a) moderador(a), com o apoio de pelo menos um(a) assistente e tiveram duração entre 1h10min e 2h30min, sendo que o tempo ideal era de 1h30min. Todas as sessões foram gravadas em áudio e o material foi armazenado em um banco de dados para análise, utilizando-se o programa para análise de dados qualitativos NVivo 8.

Ao chegarem, os participantes eram convidados a responder um pequeno questionário, onde identificavam nome, local de residência (bairro), ano de nascimento, grau de escolaridade, estado civil, situação perante o trabalho, entre outras informações que permitiram obter um perfil dos entrevistados. Após as apresentações, o(a) moderador(a) garantia o sigilo do registro e obtinha autorização para gravar as sessões. Com isso, dava-se início à dinâmica, convidando os participantes a se apresentarem, dizendo o nome, o bairro onde moravam, a idade e há quanto eram moradores daquela localidade. O(a) moderador(a) então se assegurava de que o grupo estava de acordo com a denominação da localidade (bairro/comunidade/vila) e iniciava as atividades.

A fim de integrar o grupo e estimular a discussão, optou-se por uma atividade de fotoeliciação,[46] na qual se apresentou uma série de imagens aos participantes, que foram convidados a olhar, analisar e selecionar de uma a três imagens que considerassem importantes para a sua localidade. Após a escolha, eles deveriam mostrar a imagem para o grupo, descrevê-la e explicar como aquilo que ela representava era importante. As imagens introduzidas para essa parte da dinâmica foram:

Imagem 1: Biblioteca/livraria
Imagem 2: Atendimento médico
Imagem 3: Quadra de futebol
Imagem 4: Shopping/centro comercial
Imagem 5: Loja/comércio
Imagem 6: Teatro/apresentação musical
Imagem 7: Bar/boteco
Imagem 8: Agência bancária
Imagem 9: Trabalhador/trabalho
Imagem 10: Capoeira
Imagem 11: Asfalto/pavimentação
Imagem 12: Supermercado
Imagem 13: Pista para prática de skate
Imagem 15: Transporte público
Imagem 16: Ronda escolar
Imagem 17: Habitação popular
Imagem 18: Abastecimento de água
Imagem 19: Saneamento básico
Imagem 21: Policiamento
Imagem 23: Escola
Imagem 25: Policiamento com bicicleta/guarda civil
Imagem 29: Grafite/Hip-hop
Imagem 38: Baile/festa/forró
Imagem 39: Iluminação pública

46 A fotoeliciação introduz fotografias ou imagens em uma situação de entrevista, redefinindo as relações de pesquisa. As imagens reduzem a assimetria entre o pesquisador e o informante (entrevistado), pois o foco passa a ser as imagens em vez do pesquisador. Trata-se de um processo que contribui para a pesquisa, pois o pesquisador torna-se ouvinte enquanto o entrevistado interpreta as imagens para o entrevistador (LOEFFLER, 2004).

RONDA

A partir desse exercício, os participantes indicaram características, necessidades, carências e problemas vivenciados em suas localidades, apontando inclusive algumas soluções possíveis para as questões mais prementes. Parte significativa das experiências relacionadas à violência emergiu ainda nessa atividade, especialmente a partir das imagens relacionadas à iluminação pública, à ronda escolar, ao policiamento e à quadra de futebol e à pista de skate, indicadas como alternativas importantes de lazer e ocupação que poderiam ajudar a evitar ou coibir o envolvimento com o tráfico de drogas.

Dando sequência ao roteiro, colocou-se em discussão a imagem do bairro/comunidade, procurando evidenciar as diferenças entre as visões de quem é morador e de quem não é morador. Além disso, buscou-se contrastar as diferentes localidades que compõem a região ou território de atenção do Pronasci em termos de risco, segurança, criminalidade e violência, do ponto de vista dos participantes.

Em seguida, solicitou-se aos participantes que imaginassem uma situação cotidiana em que se defrontassem com pessoas ou veículos desconhecidos na rua onde moravam, explorando suas reações e atitudes em relação ao indivíduo/veículo desconhecido. O objetivo era identificar as características gerais do sujeito considerado desconhecido dentro do território, em oposição ao conhecido, obtendo assim um parâmetro do nível de coesão social da localidade. Nessa etapa, foi possível levantar uma série de informações acerca das dinâmicas de sociabilidade entre os diferentes grupos de cada localidade no nível da comunidade, incluindo-se aí as regras para entrada e saída de moradores e não moradores, territórios ocupados por organizadores do crime, circulação de informações, testemunhos e medidas para garantir a segurança pessoal na convivência diária com grupos armados em conflito e com a violência policial.

Na parte final da dinâmica, realizou-se uma segunda atividade de fotoeliciação, desta vez com imagens que evocavam, explícita ou implicitamente, diferentes formas de violência. Embora na maior parte dos grupos a temática já tivesse sido abordada no início da dinâmica, para que o maior número possível de temas fosse discutido em todos os grupos, julgou-se adequado que, em todas as sessões, se utilizassem as mesmas imagens. Ainda que a seleção não tivesse o objetivo de esgotar ou contemplar todas as formas possíveis de violência às quais os jovens pudessem estar expostos, o exercício serviria para retomar o que já havia sido discutido anteriormente, bem como ampliar e aprofundar a questão, despertando a atenção dos participantes para outros pontos ou problemas que não haviam sido lembrados ou mencionados antes.

Nessa etapa, foi utilizado um conjunto de imagens menor, obedecendo os mesmos moldes da atividade anterior. Cada participante deveria escolher uma ou mais imagens que considerasse significativa, mostrá-la para o grupo e explicitar o que ela representava. Em seguida, deveria dizer se já havia presenciado ou ouvido falar em algo semelhante na localidade. O grupo deveria então tentar colocar em discussão como as situações representadas nas imagens se dão na localidade.

Imagem 14: Acidente de carro
Imagem 20: Ação da polícia militar
Imagem 22: Armas
Imagem 24: Moradores de rua
Imagem 26: Catadores de lixo
Imagem 27: Roubo de varal
Imagem 28: Vandalismo
Imagem 30: Violência contra a mulher
Imagem 31: Traficantes
Imagem 32: Prisão de menores/violência policial
Imagem 33: Morte/assassinato
Imagem 34: Prisão/cadeia/penitenciária
Imagem 35: Ação da polícia/prisão/armamento pesado

Imagem 36: Prostituição feminina/infantil
Imagem 37: Violência contra a mulher
Imagem 40: Lesões corporais
Imagem 41: Consumo de maconha
Imagem 42: Consumo de crack

É importante mencionar que, em nenhum momento, o(a) moderador(a) ou assistentes denominaram ou deram indicações acerca do que as imagens representavam ou do contexto de onde foram tiradas, deixando os participantes interpretá-las livremente. Embora essas imagens sejam recortes de revistas e materiais editoriais de São Paulo e do Rio de Janeiro, é importante enfatizar que, em sua maioria, elas fazem parte de um repertório comum e não foram excluídas ou rejeitadas como algo estranho ao cotidiano. Mesmo que os uniformes e carros de polícia sejam diferentes de uma localidade para outra, a instituição policial foi prontamente reconhecida e identificada como tal.

Proposta de análise

Todas as sessões foram gravadas em áudio, utilizando-se pelo menos um gravador digital com microfone estéreo, com capacidade para redução de ruídos externos. O conteúdo em formato mp3 foi armazenado para posteriormente ser integrado em um projeto de análise, empregando-se o *software* para dados qualitativos desenvolvido pela QSR™ NVivo 8, que atualmente permite trabalhar com fontes em formato áudio, sem necessidade de transcrição. No total, foram recolhidas cerca de 50 horas e 45 minutos de gravação, sendo que as sessões duraram, em média, 1h42min.

Tabela 2 – Duração das sessões com os grupos focais, por categorias de análise, segundo localidade

Localidade	Adolescentes		Jovens				
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Mães	Policiais	Total
São Paulo	01:17:48	01:06:50	01:24:29	01:54:15	01:37:02	02:01:58	09:22:23
Luziânia	01:03:32	01:36:08	01:46:27	01:28:34	01:46:10	01:37:11	09:18:01
Recife	01:08:12	01:33:44	01:53:26	01:23:24	01:58:22	01:45:44	09:42:52
Rio Branco	01:56:15	01:40:43	01:35:47	02:00:45	01:44:12	02:46:07	11:43:49
Porto Alegre	01:29:06	01:48:55	02:12:58	02:03:29	01:51:22	01:53:52	11:19:42
Total	**06:54:52**	**07:46:21**	**08:53:06**	**08:50:27**	**08:57:09**	**10:04:52**	**50:45:07**

Pesquisa com grupos focais, FBSP, 2009-2010.

O material em áudio formou a base para um projeto do NVivo 8, no qual cada grupo focal foi tratado como um caso individual, segundo as seguintes categorias: localidade (São Paulo, Luziânia, Recife, Rio Branco e Porto Alegre); gênero (masculino ou feminino); e faixa etária (14 a 18 anos, 19 a 29 anos, 30 anos e mais). No caso dos grupos de policiais, não se consideraram os atributos gênero e faixa etária, uma vez que se tratava de grupos mistos e estas categorias não eram relevantes para a análise.

As gravações foram ouvidas previamente, a fim de se criar um conjunto de critérios de observações, ou seja, tópicos ou aspectos do discurso dos participantes os quais se desejava destacar para fins de análise e interpretação. A esse processo denomina-se "codificação" por meio de "códigos" ou "categorias", que nada mais são do que os parâmetros a partir dos quais o material qualitativo é organizado, classificado, analisado e interpretado. Com base nesse sistema, gerenciado com o auxílio da ferramenta do *software,* é possível estabelecer comparações entre grupos, segundo os atributos selecionados para o estudo: adolescentes e jovens; mães de adolescentes e jovens; policiais; localidades; e gêneros. O objetivo é tentar perceber similaridades e diferenças pontuadas por esses atributos e gerar hipóteses explicativas para a pergunta de pesquisa: **o que motiva adolescentes e jovens, que convivem em contextos de grande exposição à violência, a se envolverem com a violência e a criminalidade?**

A elaboração do sistema de "codificação" do material de áudio partiu de sua pré-análise e da estrutura do roteiro de questões do grupo focal, que sugeriu a maior parte das questões a serem salientadas. Os elementos destacados por meio do processo de "codificação" dos trechos de áudio no NVivo 8 são apresentados a seguir.

1. Características específicas dos bairros visitados
1.1 Autopercepção (individual e do grupo) do bairro onde moram/atuam.
1.1.1 Denominações subjacentes encontradas na fala do grupo e que indicam a forma como a localidade é percebida, demarcada e identificada como território (comunidade, quebrada, favela, etc.).
1.1.2 Imagens negativas: justificativa para as imagens negativas do bairro.
1.1.3 Imagens positivas: justificativa para as imagens positivas do bairro .
1.2 Deficiências e problemas indicados e vivenciados pelos participantes nos bairros onde moram/atuam.
1.2.1 Causas/explicações apresentadas pelos participantes para problemas concretos vivenciados nos bairros onde moram/atuam.
1.3 Qualidades existentes, segundo os participantes, nos bairros onde moram/atuam.
1.4 Percepção externa do bairro: relatos de como "os outros" percebem o bairro onde os participantes moram/atuam.
1.5 Contraste e diferença entre a autopercepção e a percepção externa dos "outros" que não moram/atuam no bairro. Conclusões dos participantes.
1.6 Comparação entre as diferentes localidades que compõem a região de atenção do Pronasci.
1.7 Evolução no tempo: percepção dos participantes sobre mudanças ocorridas no bairro onde moram/atuam.
1.7.1 Fatores apontados pelos participantes que contribuíram para as mudanças observadas.
1.8 Imagens negativas: justificativa para as imagens negativas do bairro.
1.9 Imagens positivas: justificativa para as imagens positivas do bairro.
1.10 Perspectivas de permanência daqueles que moram nas localidades.
1.11 O que é importante para o bairro: enumeração das imagens/equipamentos/fatores considerados importantes para o bairro.
1.11.1 Justificativa: por que determinados aspectos são considerados importantes.

2. Conhecidos e desconhecidos: identificação do grau de coesão social existente e do tipo de relação estabelecida com "o estranho", ou seja, aquele que não pertence à localidade.
2.1 Conhecidos: características da pessoa conhecida.
2.2 Desconhecidos: características da pessoa desconhecida.
2.2.1 Ações e objetivos desconhecidos: o que pessoas de fora do bairro vêm fazer na localidade/comunidade.
2.3 Veículo conhecido: características do veículo conhecido.
2.4 Veículo desconhecido: características do veículo desconhecido.
2.5 Confiança e desconfiança: fatores/atitudes que geram confiança e desconfiança.
2.5.1 Confiança: fatores/atitudes que geram confiança.
2.5.2 Desconfiança: fatores/atitudes que geram desconfiança.
2.6 Estratégias para lidar com pessoas desconhecidas.
2.7 Estratégias para lidar com veículos desconhecidos.
2.8 Reações geradas pelo confronto com o desconhecido.

3. Ser jovem: o que significa ser jovem na localidade em estudo.
3.1 Anseios e desejos expressados pelos participantes jovens.
3.1.1 O que é importante para mim.
3.1.2 Justificativas apresentadas.
3.2 Atitudes de gênero: atitudes e comportamentos característicos de gênero.
3.2.1 Masculino: atitudes e comportamentos característicos dos jovens do sexo masculino.
3.2.2 Feminino: atitudes e comportamentos característicos do sexo feminino.

3.3 Condutas de risco: justificativas para condutas de risco, como consumo de drogas.
3.4 Distinção: como os diferentes grupos de jovens se distinguem entre si.
3.5 Sociabilidade: aspectos da sociabilidade específica dos jovens.
3.5.1 Lazer: práticas de lazer.
3.5.2 Religião: atividades religiosas.
3.5.3 Rotina diária.
3.5.4 Trabalho: atividades ligadas ao trabalho.
3.6 Vestuário: modos de se vestir, de se tatuar, de colocar adereços.

4. Violência e criminalidade: caracterização da violência e da criminalidade nas localidades estudadas.
4.1 Violências: modalidades de violência identificadas pelos participantes (tipos de ocorrência identificados pelos participantes).
4.2 Ocorrências: tipos de ocorrências identificados pelos participantes.
4.3 Vítimas: características específicas das vítimas da localidade.
4.3.1 Motivações específicas para tipos de vitimização específicas da localidade.
4.4 Agressores: identificação dos agressores.
4.4.1 Criminosos: pessoas envolvidas com atos criminosos.
4.4.2 Violadores: pessoas envolvidas com atos violentos/consumo de drogas (ilícitos).
4.5 “Bom x Mau”: dicotomia entre “pessoas de bem” e “bandidos/malandros”
4.5.1 Características físicas, demográficas e sociais do “malandro”.
4.6 Experiências e relatos de exposição à violência apresentados pelos participantes.
4.6.1 Experiências pessoais: episódios de exposição à violência vivenciados pelos próprios participantes.
4.6.2 Testemunhos: experiências testemunhadas ou relatadas por alguém que presenciou episódio de exposição à violência.
4.7 Funcionamento e ordenamento do crime local.
4.7.1 Acesso: entradas e saídas de ilícitos.
4.7.2 Consumo e venda: locais de consumo e venda de ilícitos.
4.7.2.1 Armas: tipos de armas encontradas, compradas e vendidas na localidade.
4.7.2.2 Drogas: tipos de drogas consumidas e vendidas na localidade.
4.7.3 Regras: hierarquia e regras identificadas na fala dos participantes.
4.8 Rivalidades de bairro: disputas/rivalidades entre territórios/bairros.
4.9 Rivalidades de grupos: disputas/rivalidades entre grupos.
4.9.1 Motivações (para os homens): motivações subjacentes para os conflitos entre jovens do sexo masculino.
4.9.2 Motivações (para as mulheres): motivações subjacentes para os conflitos entre jovens do sexo feminino.
4.10 Sensação de insegurança: sentimentos e sensações de insegurança expressados pelos participantes.
4.10.1 Motivos para a insegurança/fatores que provocam medo apontados para a sensação de insegurança.
4.11 Fatores para o envolvimento: fatores explicativos apresentados pelos participantes para o envolvimento com a violência e a criminalidade.
4.11.1 Poder: importância do desejo de ter poder na localidade, obtido por meio da atividade ilícita.
4.11.2 Amigos: importância do grupo de pares no envolvimento com atos violentos e crimes.
4.11.3 Gênero: importância do gênero no envolvimento com atos violentos e crimes.
4.11.5 Indivíduo: papel do indivíduo no envolvimento com atos violentos e crimes.
4.11.6 Relações familiares: importância das relações familiares no envolvimento com atos violentos

e crimes.
4.11.7 Necessidade: falta de emprego, pobreza, fome, entre outros fatores estruturais apontados para o envolvimento com o crime.
4.11.8 Desejo de consumo: importância do desejo de consumo como fator de envolvimento com o crime.
4.11.9 Drogas: importância do consumo de drogas no envolvimento com atos violentos e crimes.
4.11.9.1 Amigos: importância do grupo de pares no envolvimento com o consumo de drogas.
4.11.9.2 Indivíduo: importância do papel do indivíduo no envolvimento com o consumo de drogas.
4.11.9.3 Relações familiares: importância das relações familiares no envolvimento com o consumo de drogas.
4.12 Violência e marginalidade/criminalidade: relação entre violência e marginalidade/criminalidade.
4.12.1 Motivações apresentadas para o envolvimento com o crime.

5. Relações de poder: relações de poder e conflitos identificados nas localidades.
5.1 Controle da informação: formas de acesso e controle da informação nas localidades.
5.1.1 Circulação/apropriação da informação: formas pelas quais as informações são apropriadas e circuladas nas localidades.
5.1.2 Dar informação: para quem se pode dar informação.
5.1.3 Não dar informação: para quem não se pode dar informação.
5.1.4 Risco do testemunho: consequências do testemunho e da veiculação de informações.
5.2 Controle do território: formas de controle do espaço físico/geográfico da localidade pelos diferentes grupos que detêm poder.
5.2.1 Regras para a entrada de pessoas conhecidas e desconhecidas nos territórios controlados por grupos diferentes.
5.2.2 Regras para circulação de pessoas (locais permitidos e horários).
5.2.3 Entrada e saída da polícia: de que formas se dão a entrada e a saída das forças policiais.
5.3 Relações com a polícia: como se dão as relações com a polícia, relatos, interpretações, representações.
5.3.1 Aproximação: estratégias de aproximação da polícia em relação à comunidade e aos cidadãos.
5.3.2 Autorrepresentações da polícia: o que a polícia pensa de si própria.
5.3.3 Atitudes suspeitas: atitudes que a polícia considera suspeitas.
5.3.4 Conflitos: relatos de conflitos com a polícia.
5.3.5 Representações do grupo sobre a polícia militar com base nas experiências vividas.
5.3.6 Motivações: explicações para o comportamento da polícia apresentados pelo grupo.

6. Estratégias e soluções: estratégias e soluções apontadas pelo grupo para lidar com as situações de violência e criminalidade no cotidiano.
6.1 Estratégias para lidar com a violência.
6.2 Estratégias para garantir a segurança pessoal.
6.3 Estratégias para lidar com aqueles que detêm poder.
6.3.1 Estratégias para lidar com organizadores do crime.
6.3.2 Estratégias para lidar com membros de gangues.
6.3.3 Estratégias para lidar com a polícia.
6.4 Igreja: o papel da igreja em relação ao mundo do crime.
6.5 Rede de sociabilidade: o papel da rede de sociabilidade como defesa/mecanismo de segurança em relação à violência.
6.6 Evitar envolvimento: o que é importante para evitar o envolvimento com a violência.

6.6.1 Educação: o papel da educação (escola e estudos).
6.6.2 Trabalho: o papel do trabalho e da profissionalização.
6.6.3 Igreja: o papel das igrejas e da religião.
6.6.4 Família: o papel da família.
6.6.5 Cultura: o papel da cultura.
6.6.6 Lazer e esporte: o papel do lazer e do esporte.
6.6.7 Polícia: o papel da polícia.
6.6.8 O papel do indivíduo: quando nenhuma instituição externa é apontada como fator propício de apoio para evitar o envolvimento com a violência e a criminalidade, exceto o livre arbítrio e discernimento do próprio indivíduo.
6.6.9 Aconselhamento: alguém (ou alguma instituição) para aconselhar.
6.6.10 Amigos: papel dos amigos no apoio e aconselhamento para evitar o envolvimento com a violência.
6.6.11 Combate às drogas: combate ao uso e ao tráfico de drogas como solução para o envolvimento com outros tipos de crimes, como furtos, roubos, latrocínios e homicídios.
6.6.12 Diálogo: capacidade de negociação, por meio do diálogo, da conversa e do respeito mútuos. Gerenciamento de conflitos.
6.6.13 Infraestrutura: valorização do espaço urbano, trazendo novos olhares para a localidade, apagando o estigma da localidade.
A partir da análise sistemática do material de áudio, é possível estabelecer "relações" entre as categorias acima, criando novas formas de codificação, já em um nível considerado "analítico", ou seja, quando o pesquisador não apenas descreve ou sumariza o que está sendo dito, mas também estabelece relações entre categorias de análise, que podem ser de três tipos: a) associação (quando há alguma forma de relação, mas não se sabe exatamente qual categoria influencia a outra); b) simetria (quando ambas as categorias se influenciam mutuamente); e via única (quando a categoria A influencia a categoria B). A seguir, apresentam-se algumas relações identificadas no decorrer da análise.

- **Necessidades e problemas:** o que é importante para o bairro geralmente está associado aos problemas mencionados pelos participantes nas entrevistas e são apontados como soluções para esses problemas. (Associação)

- **Confiança:** como o conhecimento de informações, mesmo que vagas, sobre as pessoas que moram/frequentam o bairro/localidade contribui para gerar sentimentos de confiança e sensação de segurança. (Simétrica)

- **Desconfiança:** ações de estranhos/desconhecidos que, em geral, geram desconfiança. (Simétrica)

- **Sociabilidade e proteção:** indica como ser conhecido e se relacionar com as pessoas que detêm poder no bairro/localidade funciona como fator de proteção em relação à violência. (Associação)

- **Risco da informação:** como o risco do testemunho coíbe e controla a circulação de informações no interior do bairro/localidade. (Simétrica)

- **Território e rivalidade:** expressa de que forma as regras para entrada e saída de pessoas que pertencem e são de fora do bairro/localidade expressam rivalidades e se tornam ponto de partida de conflitos. (Associação)

- **Relações de poder:** como os conflitos com a polícia, vivenciados e testemunhados, contribuem para formar representações sobre as forças de segurança pública. (Simétrica)

- **Gênero:** como atitudes e motivações baseadas em diferenças de gênero contribuem para gerar conflitos entre homens e mulheres.

- **Reprodução da violência:** de que forma situações crônicas de deficiências e problemas na rede de assistência e proteção social, somadas às limitações das forças que organizam a segurança pública e da legislação penal, contribuem para impulsionar novos ciclos de violência e criminalidade. (Simétrica)

- **Ordenamento:** como as regras de funcionamento do crime nas localidades específicas contribuem para assegurar o controle sobre o território e estabelecer determinados ordenamentos fora do âmbito da lei. (Simétrica)

- **"Vai de cada um":** a delicada relação entre os "amigos" que respeitam a vontade individual do jovem que recusa a oferta de consumir a droga e permanecem "amigos" e a influência do grupo sem o qual ser jovem na localidade tem pouco sentido. Observa-se a tensão entre a influência dos "amigos" e "ter cabeça" para dizer não. (Simétrica)

- **Vitimização:** como formas de violência específicas às localidades estudadas são entendidas pelos participantes a partir da identificação das vítimas e do seu processo de vitimização. (Associação)

Anexo B

Roteiro para grupo focal

Apresentação

Bom dia/boa tarde a todos! Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a presença de vocês no evento de hoje e dizer que a sua participação será muito importante para que a gente possa conhecer melhor o bairro onde moram, as condições de vida da população e pensar em estratégias de desenvolvimento para a região.
Antes de começarmos, queria falar um pouco sobre nossa equipe e por que estamos aqui. Meu nome é ... (apresentar os demais membros da equipe), somos representantes do Ministério da Justiça e viemos fazer uma pesquisa sobre essa região. Por isso, hoje vamos falar um pouco sobre como é viver e morar aqui. Eu serei responsável pela coordenação da discussão, o(a) ... serão meus assistentes. A qualquer momento, sintam-se à vontade para nos interromperem, fazerem perguntas e tirarem dúvidas. Tudo bem? Para que a gente possa fazer nosso trabalho, nossa conversa será gravada. Porém, tudo o que vocês disserem é confidencial, ou seja, nenhum nome será revelado ou publicado e todas as informações são de uso exclusivo da pesquisa. Nada será divulgado no jornal, em revista ou na TV. Alguém tem alguma coisa contra? Se tiver, por favor, diga. Então, podemos começar?

Introdução

Que tal se a gente começasse falando um pouco sobre cada um, pra que o grupo se conhecesse?

1) Vocês poderiam começar dizendo o **nome**, **quantos anos** vocês têm, **onde nasceram** e **há quanto tempo** moram aqui?

2) Como é conhecida a região onde vocês moram? (Nome)

3) Aqui é um **bairro**, uma **comunidade**, **vila**, **quebrada** ou outra denominação?

4) Como vocês preferem que eu chame?

Atividade introdutória

A primeira atividade que vamos fazer é dar uma olhada nessas fotos. Depois, cada um escolhe uma, sem pegar.

Agora, quero que cada um de vocês, um por vez, pegue a foto que escolheu, mostre pro grupo e explique **como isso é importante para o meu bairro/comunidade/vila/quebrada.**

Perguntas de transição

5) O que as pessoas que vivem aqui falam do(a)...?

6) O que as pessoas de fora falam do(a)...?

Agora vou pedir para que todos fechem os olhos e façam de conta que estão andando na sua rua, fazendo o caminho de todo dia. Imaginem que vocês estão vendo as pessoas, os carros, as motos passando. Agora imaginem que vocês estão vendo pessoas, carros e motos **conhecidas e desconhecidas**.

7) Como você sabe que uma pessoa é conhecida?

8) Como você sabe que ela é desconhecida?

9) Ao encontrar um desconhecido, como você se sente?

10) O que você imagina que pode acontecer?

11) Que tipo de pessoa te dá medo? Pode dar um exemplo?

Atividade-chave

Agora vamos dar uma olhada nessas fotos. Depois, cada um escolhe uma, sem pegar.

Agora quero que cada um de vocês, um por vez, pegue a foto que escolheu, mostre pro grupo e explique:

12) O que você vê na foto? O que ela mostra?

13) Pense: **Isso acontece/Já aconteceu aqui no(a)...?**

14) **Você conhece alguém que tenha passado por isso?**

15) **Como vocês acham que isso acontece?**

16) **Tem outros tipos de violência que não apareceram nas fotos sobre as quais vocês queiram falar?**

Fechamento

17) Considerando tudo o que conversamos, **o que vocês consideram um local violento?**

18) Na opinião de vocês, quais são os fatores mais importantes que evitariam o envolvimento com a violência?

19) Então, em resumo, posso dizer que, a respeito do que vocês disseram, o grupo acha/considera que... (fazer um resumo da discussão).

20) Isso está correto em relação ao que foi discutido?

21) Para fechar nossa discussão, alguém gostaria de acrescentar mais alguma coisa, que lembrou agora, ou que não disse antes, mas considera importante para a nossa discussão?

Caso contrário, gostaria de agradecer muito a participação de todos e convidá-los para tomar um lanche conosco. Se alguém tiver alguma dúvida ou quiser saber mais sobre a pesquisa, por favor, pode perguntar pra mim ou para qualquer um dos membros da nossa equipe.

Mais uma vez, muito obrigado!

PROJETO
JUVENTUDE
E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Realização:

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

PRONASCI

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Parceria estratégica:

SEADE
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados